



MEMÓRIA DA HEPATOLOGIA BRASILEIRA

OS PIONEIROS

Índice

Prefácio.....	3
Autores.....	5
Histórico da Sociedade Brasileira de Hepatologia.....	7
Sumários-summaries.....	9
Amaury Domingos Coutinho.....	29
Clementino Fraga Filho.....	40
Fernando Guerra Alvariz.....	45
Gilberta Benzabath.....	54
Jorge de Toledo.....	56
Jorge Pereira Lima.....	58
José de Laurentys Medeiros.....	61
Luis Caetano da Silva.....	64
Luiz Carlos da Costa Gayotto.....	69
Silvano Raia.....	76
Thomaz de Figueiredo Mendes.....	81
Waldomiro Dantas.....	84
Zilton de Andrade.....	87

Prefácio

Ainda na primeira reunião da diretoria da Sociedade Brasileira de Hepatologia, eleita para o biênio 2004-2005, que integro com especial carinho, recebi o aceno da sua presidente, professora Edna Strauss, do seu interesse de que eu coordenasse o projeto de um livro biográfico sobre os pioneiros da hepatologia no Brasil.

Vislumbrei sua importância e seu alcance e, de pronto, o acatei como uma meritória tarefa que teria implicações científicas, humanas e educativas, significativas no seio da comunidade de hepatologistas nacionais, com repercussões incluídas fora do seu âmbito.

Posteriormente, a professora Edna e eu mantivemos contatos freqüentes, especialmente por *e-mail*, e elaboramos uma proposta com critérios a serem apreciados numa reunião da diretoria, que ocorreu na cidade de Salvador.

Além disto, a professora Edna conseguiu a adoção da idéia pelo Dr. Rolf Zelmanowicz, fraterno amigo do Prof. Gayotto, para tornar o trabalho publicável sobre forma de livro eletrônico (*e-book*), confeccionado pelo portal ABC da Saúde.

Na mencionada reunião de Salvador, dentre outros assuntos, aprovamos os seguintes aspectos sobre a obra e os critérios para escolha dos hepatologistas de vulto que figurariam no livro:

TÍTULO DA OBRA:

MEMÓRIA DA HEPATOLOGIA BRASILEIRA – OS PIONEIROS

ORGANIZADORES: Waldir Pedrosa Amorim e Edna Strauss

OBJETIVOS

- Homenagear biograficamente os principais personagens da hepatologia brasileira pelos seus méritos.
- Brindar os hepatologistas nacionais, membros da SBH, e as pessoas ou instituições interessadas, com uma obra de valor histórico para a hepatologia (*sensu stricto*) e para a medicina (*sensu lato*).
- Valorizar a especialidade contando a história dos primeiros médicos que começaram a exercê-la no Brasil, suas dificuldades e suas conquistas.
- Poder constituir parte de um Projeto Cultural, em que haja participação simultânea ou não, de outras especialidades médicas, contribuindo para o registro histórico da medicina, recuperando os feitos de importantes líderes do século passado.

CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ESCOLHA DOS MÉDICOS INDICADOS:

- ter idade superior a 70 anos, admitindo-se mortos eminentes com idade inferior.
- ter contribuído efetivamente com o início da especialidade, seu progresso e sua difusão e, de preferência, ter tido ou ainda ter participação associativa.
- ser nome de consenso e/ou com aceitação dos hepatologistas de seu estado de origem, representados pelos membros da diretoria da SBH em suas respectivas regiões.
- não limitar numericamente os indicados. Incluir os que preencham os critérios acima elencados.

Isso posto, foram consensualmente escolhidos os treze hepatologistas nacionais que compõem a presente obra, ficando decidido que os autores das biografias seriam consultados entre aqueles ligados profissional e parentalmente aos mesmos (no caso filhos médicos hepatologistas) e/ou discípulos em exercícios profissionais afins na hepatologia.

Entendendo a disponibilidade, afinidade e habilidade para escrever os trabalhos biográficos, optou-se pela participação de um ou mais colaboradores para cada biografia.

Elaboramos um pequeno roteiro, e para termos um ponto de partida, Dra. Edna e Dr. Avancini ficaram com a incumbência de redigir a biografia do nosso saudoso prof. Luis Carlos da Costa Gayotto, e Dr. Waldir e Dra. Ana Lúcia a do também inesquecível prof. Amaury Domingues Coutinho.

Concluídas, essas duas primeiras biografias puderam servir de perfil retocável para que as demais fossem desencadeadas por seus autores.

Trabalhamos neste projeto até quase às vésperas do nosso XVIII Congresso Brasileiro, em Campos do Jordão, com prazer e obstinação, pela grandiosidade que o seu conteúdo encerra, e pelos liames que mobilizou sob vários aspectos: afetivos, históricos, culturais, sociais, éticos, políticos e morais entre os que dele participaram, como cronistas das vidas, ou como inspiradores da homenagem, da memória, do exemplo e da gratidão.

Embora aparentemente simples, sua elaboração perdurou por quase dois anos, até que se reunisse fotos, informações, depoimentos, etc., e que esses fossem agrupados, num trabalho artesanal. Nele, se fez questão de manter o texto integral dos que o escreveram. Não são textos de profissionais da escrita, senão de pessoas cuja intimidade com o biografado ora transforma-se em torrente, ora em difícil tarefa de discorrer sobre aqueles que queremos bem e que admiramos.

Como os leitores terão a oportunidade de constatar, não se trata de um pódio para os vencedores, nem uma coluna vã para os notáveis. A leitura de cada uma dessas histórias de vida médica encerra lições de humildade, de superação de dificuldades, de renúncia, de tenacidade, de altruísmo, de dedicação, na maioria das vezes, de toda uma existência.

A vaidade no médico, no professor, no pesquisador, muitas vezes, é apenas o véu que disfarça a consciência dos limites que, mais do que que ninguém, ele foi precocemente exposto a internalizar.

Esta obra é, também, especialmente devotada aos que continuam a árdua e insubstituível tarefa de educar e de aprender a educar na medicina. Os exemplos daqui emanados dizem de pessoas idealistas que vislumbraram um mundo que não se encerraria quando suas vidas profissionais findassem. Dizem de pessoas que enxergaram repercussões sociais nos seus atos, e que pugnaram por um mundo melhor e mais progressista.

Não existe neutralidade na ciência, ao contrário, nela reside uma força maior e mais contundente que repercute, influencia e gera conhecimento. O conhecimento, por sua natureza, não admite o preconceito nem a inércia.

Por fim, ressaltamos a importância que deram todos os ilustres homenageados sobre a riqueza do trabalho e do convívio associativo. Alguns fundaram outros, em algum momento foram presidentes da SBH, e em sua quase-totalidade também o foram de outras entidades representativas.

Este é um momento em que a SBH busca firmar a hepatologia como especialidade médica, como, também, um instante em que tem se fortalecido e sido reconhecida no cenário nacional e internacional. A pesquisa nacional, os estudos multicêntricos brasileiros, os consensos, a produção científica sobre as enfermidades autóctones ensejam um campo de conhecimento e de independência que só a duras penas era possível conquistar no passado recente.

Desfrutem, portanto, destas páginas montadas “tijolo a tijolo” pelos nossos pioneiros.

Waldir Pedrosa Amorim

AUTORES

Ana Lúcia Coutinho

Professora Adjunta Doutora da UFPE. Pesquisadora Adjunta do Centro de Pesquisa Ageu Magalhães-FioCruz.

Ângelo Alves de Mattos

Professor Titular da Disciplina de Gastroenterologia e do Curso de Pós-Graduação em hepatologia da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Vice-presidente da SBH-Biênio 2003-2005.

Carlos Eduardo Brandão Mello

Professor adjunto do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Escola de Medicina e Cirurgia. - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutor e Livre Docente em Medicina – Gastroenterologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Chefe do ambulatório de doenças do Fígado do Hospital Universitário Gaffré e Günle (HUGG) – Universidade Federal do Rio de Janeiro(UNIRIO).

Cláudio Gusmão de Figueiredo Mendes

Chefe do Serviço de Hepatologia da Santa Casa do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Gama Filho-RJ. Professor de Medicina da Fundação Técnico-Educacional Sousa Marques. Membro titular da SBH.

Cláudio Lacerda de Mello

Professor Titular de Cirurgia abdominal da Universidade de Pernambuco e Chefe de Serviço de Cirurgia Geral e Transplante de Fígado do Hospital Universitário Oswaldo Cruz.

Edna Strauss

Professora Livre-Docente em Gastroenterologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Professora de Pós-graduação no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da USP. Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Biênio 2003-2005.

Esther Dantas

Doutora em Gastroenterologia pela UNIFESP; Gastroenterologista do Hospital da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fernando Wendhausen Portella

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia (1997-1999). Ex-Professor Auxiliar de Ensino de Clínica Médica (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Fundador e Primeiro Presidente do Grupo de Fígado do Rio de Janeiro (1991). Ex-*Research Fellow* do *Royal Free Hospital* de Londres (*Dame* Professor Sheila Sherlock). Ex-Diretor dos cursos anuais de Gastroenterologia e Hepatologia da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Ex-chefe do Serviço de medicina Interna do Hospital do Andaraí (Rio Janeiro). Ex-professor auxiliar de Ensino de Clínica Médica (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Flair José Carilho

Livre-Docente pela Universidade de São Paulo. Doutor em gastroenterologia clínica – Universidade de São Paulo. Titular do Departamento de gastroenterologia da Faculdade de Medicina da USP.

Helma Pinchemel Cotrim

Professora adjunta Doutora da Faculdade de Medicina da UFBA.

Henrique Sérgio Moraes Coelho

Professor adjunto Doutor do Departamento de clínica médica da UFRJ. Chefe do Serviço de Hepatologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho-UFRJ. Coordenador Clínico do Programa de Transplante Hepático do Hospital Universitário-UFRJ.

JoãoGalizzi Filho

Hepatologista e Presidente eleito da SBH.

José de Laurentys Medeiros Júnior

Especialista em gastroenterologia pela Federação Brasileira de Gastroenterologia.

Luis Antônio R. De Freitas

Pesquisador Titular da Fundação Oswaldo Cruz
Professor adjunto de patologia da UFBA

Luiz Pereira Lima

Professor titular da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Chefe do Depto. De cirurgia da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre.

Manoel do Carmo Pereira Soares

Médico graduado pela Universidade Federal do Pará, pós-graduado em medicina tropical. Chefe da seção de hepatologia do Instituto Evandro Chagas/Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde.

Milton Reis Arantes

Professo-adjunto, Mestre e Doutor – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chefe do Serviço de gastroenterologia do Hospital São Vicente de Paulo- Rio de Janeiro. Chefe da 4ª e 20ª enfermarias do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Raymundo Paraná

Professor-adjunto Doutor de gastro-hepatologia da UFBA.
Livre-docente em hepatologia clínica pela UFBA

Ricardo Cerqueira Alvariz

Professor assistente de gastroenterologia da UERJ.

Venâncio Avancini Ferreira Alves

Professor titular de Patologia da Faculdade de Medicina da USP

Waldir Pedrosa Dias de Amorim

Ex-professor adjunto de gastroenterologia da UFPB. Membro titular da SBH. Hepatologista pela Associação Médica Brasileira. Fundador e Primeiro Presidente da Sociedade Paraibana de Hepatologia e do Grupo de fígado e Hipertensão Portal da UFPB. Clínico do grupo integrado de transplante hepático- João Pessoa – PB. 1º tesoureiro da SBH- Biênio 2003-2005.

HISTÓRICO DA HEPATOLOGIA E DA S.B.H. - SOCIEDADE BRASILEIRA DE HEPATOLOGIA

José de Laurentys Medeiros e Edna Strauss

Summary

Hepatology is a new specialty that started in the last century, having Hans Popper, in the United States, and Sheila Sherlock, in the United Kingdom, as its most brilliant initial representatives. The detection of the Australian antigen by Blumberg, in 1965, has dramatically enhanced the development of Hepatology. Among other important achievements, liver transplantation was one of the most rewarding. Thomas de Figueiredo Mendes at Santa Casa in Rio de Janeiro created the Brazilian Society of Hepatology in 1967. Since its foundation, a biennial meeting has been held in different cities of Brazil. A summary of the most important aspects of all previous meetings are presented. More than one hundred of the most important hepatologists from all over the world have come to Brazil and this emphasizes the fruitful relationship between the Brazilian Society and the Latin America and International Associations for the Study of the Liver. Members of the Association are scattered all around the country and in five States, there are already regional branches, with groups of hepatologists developing educational and scientific activities.

PRIMÓRDIOS DA HEPATOLOGIA NO MUNDO E NO BRASIL

A hepatologia é uma especialidade de evolução recente, tendo praticamente nascido em Eppinger, na quarta década do século dezanove. (*Dame* Sheila Sherlock, em seu conhecido livro didático, cita relatos de manifestações de hepatopatias pelos Babilônios (2.000 a.C), na China (1.000 a.C)) e por Hipócrates (460 a.C). Ela considera que Frerichs foi o pai da moderna Hepatologia, pois em 1858 publicou o primeiro tratado sobre doenças do fígado. (Enciclopédia Britânica – Vol. 09-pag.924, 1065).

A partir da metade do século passado, houve, em todo o mundo, grande desenvolvimento de estudos sobre as doenças do fígado, tendo como colunas mestras Hans Popper, na Patologia e Sheila Sherlock, na Clínica. Versada inicialmente pelos clínicos gerais, mais tarde passou para o domínio dos gastroenterologistas. O acúmulo de conhecimentos e a diversidade das questões práticas, entretanto, deu origem, mais recentemente, à figura do hepatologista.

A descoberta do antígeno *Austrália* (ou antígeno de superfície da hepatite B), por Blumberg, em 1965, foi a pedra angular para o desenvolvimento da moderna hepatologia, dando início a uma série enorme de pesquisas para a aquisição de novos conhecimentos, e total caracterização dos diferentes vírus causadores de hepatites. O vírus da hepatite B (VHB), que acomete 350 milhões de pessoas em todo o mundo, evolui de forma crônica até a cirrose, sendo ainda causa de câncer hepático. O desenvolvimento de uma vacina eficaz contra esta infecção viral foi pioneiro na profilaxia de câncer. De fato, a vacina contra a hepatite B foi a primeira, em toda a medicina, capaz de prevenir um tipo de câncer, o câncer hepático causado pelo VHB. Dentre os cinco vírus plenamente identificados e comprovadamente causadores de doenças hepáticas agudas e crônicas (A, B, C, D e E), certamente, a epidemia silenciosa ocasionada pela hepatite C vem assustando a todos nos últimos 20 anos. Com prevalência de 1% a 3% em todo o mundo, seu índice de cronicidade varia de 60% a 80% dos casos, podendo haver evolução para cirrose e câncer. No Brasil, na América Latina, assim como em várias estatísticas mundiais, a cirrose pelo vírus da hepatite C (VHC) é a causa mais frequente de transplante hepático.

Além dos vírus, vários outros agentes etiológicos têm sido responsabilizados por doenças

hepáticas, destacando-se entre eles o alcoolismo crônico, levando à cirrose em 20% dos casos. Mais recentemente, descobriu-se que a alteração metabólica causada pelo álcool, qual seja a esteato-hepatite, pode ter outras origens, não-alcoólicas. Assim, assistimos na última década, ao crescimento do número de casos de esteatose hepática e esteato-hepatite não-alcoólica (NASH), consideradas por muitos como a epidemia deste novo milênio, pela sua crescente prevalência em obesos, diabéticos e hiperlipêmicos.

Na área da terapêutica, o fortalecimento da Hepatologia como especialidade foi extraordinário nos últimos anos, acompanhando o desenvolvimento tecnológico e a multiplicidade de pesquisas nas mais variadas áreas, desde a farmacologia, farmacodinâmica e farmacocinética, passando por procedimentos endoscópicos, terapêutica intervencionista e variadas técnicas cirúrgicas. Mas, o apogeu das conquistas, assim como na cardiologia e na nefrologia, foi seguramente a realização do transplante hepático, que se tornou uma realidade clínica, uma esperança de vida a milhares de pacientes desenganados. Com a perspectiva do transplante, as condutas terapêuticas das diferentes complicações da doença hepática crônica avançada adquiriram novo enfoque. A melhor caracterização fisiopatológica dessas complicações possibilita, atualmente, uma gama imensa de medidas que recuperam os pacientes em fase crítica, alongando seu tempo de vida, à espera do tratamento definitivo pelo transplante de fígado.

A pluralidade e diversidade de temas dentro da área da Hepatologia faz com que já existam sub-especialidades. Em grandes serviços de Hepatologia dos Estados Unidos e Europa, os estagiários que buscam aprimorar conhecimentos, principalmente através do desenvolvimento de pesquisas científicas, precisam optar entre diferentes áreas como: hepatites virais, colestases crônicas, doenças auto-imunes, complicações da hipertensão portal, doenças metabólicas ou genéticas. Além disso, a hepatologia faz interface com outras especialidades, existindo, assim, a Hepato-Patologia, a Hepatologia Pediátrica e a Cirurgia de Fígado e o Transplante Hepático. O laboratório clínico, a biologia molecular, os exames de imagem e a radiologia intervencionista constituem áreas de apoio de fundamental importância, com profissionais especificamente dedicados ao diagnóstico e tratamento de doenças hepáticas.

No Brasil, a história da Hepatologia não foi diferente de outros países. Os nomes maiúsculos na Medicina Interna formaram gastroenterologistas que trouxeram valiosa colaboração em diversas teses relacionadas com hepatopatias. As várias escolas brasileiras, do norte ao sul, formaram mestres, orientando-os para o estudo da especialidade. Mesmo sendo uma temeridade, citaremos alguns nomes que marcaram nossa história médica. Pelo muito que fizeram, pelos discípulos que disseminaram e que se tornaram hepatologistas, impõe-se-nos a lembrança de Amauri Coutinho, Djalma Vasconcelos, Clementino Fraga, Prado Valadares, Fernandes Pontes, Cintra do Prado, Melo Campos, Caio B. Dias, Romeu Cançado, João Galizzi, Nereu Almeida Júnior, Jorge Pereira Lima e Waldomiro Dantas. No Rio de Janeiro, tivemos Thomas de Figueiredo Mendes, fundador e primeiro presidente da SBH, Clementino Fraga Filho, líder de brilhante escola e ainda José Lopes Pontes, Castro Barbosa, Waldemar Podkameni e Ernani Aboim, entre outros. Em São Paulo, a Hepatologia como especialidade sedimentou-se graças à dedicação e entusiasmo de Luiz Caetano da Silva que, juntamente com Silvano Raia, que voltava de um estágio com Sheila Sherlock, criaram a Unidade de Fígado, escola de uma plêiade de hepatologistas que se espalharam por todo o país.

HISTÓRICO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HEPATOLOGIA – SBH.

Em 15 de Março de 1967, na Santa Casa do Rio de Janeiro, Figueiredo Mendes reuniu-se com outros cinco colegas, a saber: Waldemar Podkameni e Jorge de Toledo (do Rio de Janeiro), José Fernandes Ponte e Luiz Caetano da Silva (de São Paulo) e Nereu de Almeida Júnior (de Minas Gerais) para a fundação da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Foi indicado como primeiro presidente Thomaz de Figueiredo Mendes. Mestre versátil, clínico, gastroenterologista e, finalmente, hepatologista. Idealizador e realizador, havia antes produzido uma série de monografias, denominada Biblioteca de Gastroenterologia, que primava pela atualização. Participando intensamente da vida científica do país, organizou congressos, jornadas, simpósios, viajou e criou o Serviço de Hepatologia na Santa Casa do Rio de Janeiro, berço da publicação Moderna Hepatologia, com 30 anos de circulação. Mas, seu espírito sonhador não tinha limites.

Precedendo o primeiro congresso, publicou o boletim oficial da Sociedade, intitulado *O Fígado*. O primeiro número circulou em 1968, apresentado pelo mestre. Nele, publicou o trabalho *Metabolismo da Birrilubina*, de autoria da Professora Vera Maria de Niemeyer Ribeiro. No mesmo boletim manifestava a esperança do transplante hepático, e noticiava a realização, pela Faculdade de Medicina da USP, entre 28 de julho e 02 de agosto de 1968, do Simpósio Internacional de Hepatologia, com a presença de A. Martini, Bárbara Billing, Hans Popper, Jacques Caroli, J. Fraston, L. Kreet, Peter Scheuer, Ricardo. Katz e Victor Peres. Nessa ocasião histórica, Silvano Raia fundava, em São Paulo, a Sociedade Latinoamericana de Hepatologia que, mais tarde, passou a ser denominada Asociacion Latinoamericana para el Estudio del Higado(ALEH).

SUMÁRIOS- SUMMARIES

AMAURY DOMINGUES COUTINHO

1918 1995

O professor Amaury Coutinho, pernambucano, professor catedrático da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Hepatologia e um dos seus presidentes. Suas contribuições científicas foram relevantes e mundialmente conhecidas especialmente nos campos da esquistossomose mansônica, com cerca de sessenta e nove trabalhos publicados no Brasil e no exterior; dos estudos hemodinâmicos da hipertensão portal; das doenças tropicais como a filariose, e da hematologia. Foi pioneiro e incentivador de avanços tecnológicos, tanto no âmbito clínico como laboratorial. Professor e educador médico, foi diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFPE, onde prestou valiosa contribuição ao ensino, especialmente à Residência Médica e à integração docente-assistencial. Foi idealizador e coordenador do Projeto Vitória, uma rica experiência de integração da universidade com a comunidade da Zona da Mata de Pernambuco, que propiciou uma marca social relevante na formação de médicos, odontólogos, nutricionistas e assistentes sociais. Seu último trabalho foi sobre a "História da Filariose na Cidade do Recife", terminado enquanto tomava vasodilatadores e sentia dores anginosas. Como Virgílio, quis que a morte o surpreendesse em pleno trabalho.

AMAURY DOMINGUES COUTINHO

1918 1995

Professor Amaury Coutinho, a native of Pernambuco and full professor at the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), was one of the founders, and a president, of the Brazilian Society of Hepatology (SBH). He made important and world-famous contributions to science, particularly in the fields of mansonic schistosomiasis. Approximately sixty-nine studies were published in Brazil and abroad concerning hemodynamic studies in portal hypertension, tropical diseases such as filariasis, and hepatology in general. He pioneered and was a driving force behind technological advances both in clinical and laboratory environments. As well as being a lecturer and medical educator, he was director of the Centro de Ciências da Saúde at UFPE, where his contribution to teaching, in particular to Medical Residency and teaching care integration was invaluable. He conceived and coordinated the Vitória Project, a highly fruitful

experiment to integrate the university with the Zona da Mata region in Pernambuco that had an important social impact on the training of doctors, odontologists, nutritionists and social workers. His last study was about the "History of Filariasis in the City of Recife", and was completed while he was taking vasodilators and suffering from angina pains. Like Virgil, he wished for death to take him by surprise while he was hard at work.

CLEMENTINO FRAGA FILHO

11-08-1917

Clementino Fraga Filho foi denominado por Figueiredo Mendes *Patriarca da Hepatologia Brasileira*, por sua atividade pioneira, exercida ainda na década de 30. Sua formação clínica iniciou-se no serviço de seu pai e mestre. Foi catedrático da 2ª Cadeira de Clínica Médica e chefe da 9ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia. Foi catedrático da 1ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. Convidado por Figueiredo Mendes, proferiu a conferência de abertura do I Congresso Brasileiro de Hepatologia, realizado na cidade de Caxambu, Minas Gerais, em 1969. Além da relevante produção científica, com cerca de 450 publicações, dedicou especial atenção à educação médica. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação Médica. Entre 1966 e 1969, foi vice-reitor e reitor da Universidade do Brasil e em 1974, nomeado Diretor da Faculdade de Medicina. Criou o setor de Medicina Psicossomática, entregando sua chefia a Danilo Perestrello, pioneiro em seus trabalhos sobre Medicina da Pessoa.

Cícero Adolpho da Silva, professor de Medicina, ao saudá-lo por ocasião dos seus 80 anos, lembrou a afirmação de Paul Milliez, clínico francês, no momento de sua aposentadoria: "Muitos crêem dever algum reconhecimento ao médico que sou; de fato, sou apenas seu devedor. Dar-me a eles me permitiu dar a mim mesmo a impressão de ter sido útil, e minha vida ganhou o sentido que não teria se não fossem eles".

CLEMENTINO FRAGA FILHO

11-08-1917

Clementino Fraga Filho was called the *Patriarch of Brazilian Hepatology* by Figueiredo Mendes because of the pioneering work he carried out as early as the 1930s. He started his clinical training under his father, who was also his teacher. He held the 2nd Department of Internal Medicine and was head of the 9th Ward of the Santa Casa da Misericórdia. He held the 1st Department of Internal Medicine of the Faculdade Nacional de Medicina. Following an invitation by Figueiredo Mendes, he delivered the opening speech at the 1st Brazilian Congress of Hepatology in the city of Caxambu, Minas Gerais in 1969. In addition to his scientific work, with over 450 papers published, he was particularly committed to medical education. He was president of the Brazilian Association for Medical Education. Between 1966 and 1969, he was vice-rector and rector of the Universidade do Brasil, and was appointed director of the Faculty of Medicine in 1974. He set up the Department of Psychosomatic Medicine and appointed Danilo Perestrello, a pioneer in the field of "medicine of the person", as department head.

When congratulating him on his 80th birthday, the professor of medicine Cícero Adolpho da Silva recalled the words of the French doctor Paul Milliez on his retirement: "Many feel they owe me some recognition as a doctor; in fact, I am merely in debt to them. By giving myself to them, I was able to give myself the feeling that I had been useful, and my life acquired a meaning which it would not otherwise have."

FERNANDO GUERRA ALVARIZ

20-09-1924

O Rio de Janeiro, em 1933, iria ganhar o migrante Fernando Alvariz nascido no Rio Grande do Sul. O então Hospital do IAPETEC, atual Hospital Bom Sucesso, incorporaria o médico Alvariz. Seu diferencial, a forte dedicação ao serviço público, o constante espírito científico e a capacidade de sistematização extraídos da experiência, das correlações clínicas que se plasmaram nos ensinamentos transmitidos nas inúmeras aulas e conferências proferidas. Iniciou sua formação em Washington e posteriormente em Nova Iorque no hospital *Mount Sinai*, junto a Hans Popper. No hospital Mount Sina participavam famosos membros do staff, como Crohn, que descreveu a doença que leva seu nome e Moscowicz, pioneiro na caracterização da púrpura trombocitopênica trombótica. Ali foi apresentado ao Prof. Zilton Andrade, um brilhante professor de Patologia da Faculdade de Medicina de Salvador. Logo se tornaram amigos e Zilton reservava diariamente algum tempo, após o almoço, para treinar o colega. Chegavam diariamente ao hospital, dos mais diversos países, consultas acompanhadas por lâminas histológicas de biópsias hepáticas, que eram entregues por Popper a Zilton, que chamava Alvariz a acompanhá-lo. Participou de congressos e estágios em universidades, como a *John's Hopkins*, *Chicago* e *Northwestern*. Frequentou também alguns cursos, como o de Gastroenterologia do Prof. Bockus, patrocinado pelo *American College of Physicians*. Livre Docente em Gastroenterologia da Escola de Pós-Graduação Médica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi também professor da Faculdade de Ciências Médicas da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia e membro fundador da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Alvariz continua, aos 80 anos, a trabalhar normalmente. Durante os 54 anos de vida médica, dedicou o melhor de sua capacidade, entusiasmo e assiduidade à medicina pública, que considera a forma socialmente mais justa de atendimento à saúde.

FERNANDO GUERRA ALVARIZ

20-09-1924

In 1933, Rio de Janeiro was to become home to Fernando Alvariz, who was born in Rio Grande do Sul. As a doctor, Alvariz was to join the then Hospital do IAPETEC, now known as Hospital Bom Sucesso. He stood out by his fervent dedication to public service, his constant spirit of scientific enquiry and his ability to draw systematically upon the experience and clinical correlations that molded his teaching in countless lectures and conferences he delivered. He trained initially in Washington and subsequently at *Mount Sinai* hospital in New York with Hans Popper. Many famous members of staff were working in Mount Sinai hospital, including Crohn, who described the disease that bears his name, and Moscowicz, a pioneer in the characterization of thrombotic thrombocytopenic purpura. While at Mount Sinai Hospital, Alvariz was introduced to Prof. Zilton Andrade, a brilliant professor of pathology at the Faculdade de Medicina de Salvador. They soon became friends, and Zilton always kept some time free after lunch to train his colleague. Every day, patients and cases from a wide range of countries would arrive at the hospital together with histological slides of liver biopsies. Popper

would give the slides to Zilton, who called Alvariz to work with him. Alvariz took part in congresses and training programs in universities such as *John Hopkins*, *Chicago* and *Northwestern*. He also attended various courses, such as Prof. Bockus' gastroenterology course sponsored by the *American College of Physicians*. A *Livre-Docente* (habilitated professor) in gastroenterology at the Postgraduate Medical School of the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, he also lectured at the Faculty of Medical Sciences of the now Universidade do Estado do Rio de Janeiro. He was president of the Brazilian Federation of Gastroenterology and a founding member of the Brazilian Society of Hepatology. At the age of 80, Alvariz continues to work as usual. During the 54 years his medical career has spanned, Alvariz has committed himself enthusiastically to public medicine, which he considers the most socially just form of health care.

GILBERTA BENSABATH

30-07-1924

Natural do Acre, vive em Belém do Pará desde os cinco anos de idade. Graduou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará em 1949, cursou especialização em Saúde Pública em 1950 e 1959 pela Faculdade de Higiene de São Paulo e Departamento Nacional da Criança, respectivamente, além de especialização em Microbiologia pelo Instituto Nacional de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Médica do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e pesquisadora e diretora do Instituto Evandro Chagas (IEC). Foi chefe da Seção de Epidemiologia de 1979 até a sua aposentadoria compulsória em agosto de 1994. Atuou nos estudos pioneiros das arboviroses e das hepatites virais. Destacam-se os seus trabalhos realizados ao longo da rodovia Transamazônica e nos municípios de Sena Madureira e Boca do Acre, no alto Purus, Amazônia ocidental brasileira. Por mais de 15 anos, coordenou estudos sobre a etiologia, epidemiologia e aspectos clínico-epidemiológicos da hepatite de Lábrea, além da profilaxia das hepatites virais. Atuou no diagnóstico laboratorial das hepatites virais na Universidade de Yale, nos EUA, em 1970, onde examinou as primeiras amostras de soro decorrentes de inquérito na Amazônia brasileira. Em 1985, como visitante do Hepatitis Branch do Centers for Disease Control (CDC), Atlanta, pesquisou técnicas de laboratório nos estudos das hepatites B e Delta. Suas publicações de 1987, tendo as co-autorias de Hadler, Soares, Fields e Maynard, ratificariam a importância das infecções pelo vírus da hepatite Delta e definiriam o perfil etiológico da febre negra de Lábrea e das hepatites fulminantes da Amazônia ocidental brasileira. Chefia atualmente o Serviço de Epidemiologia do IEC, função à qual vem dedicando a maior parte de seu tempo, com o objetivo de ampliar a interface entre a pesquisa epidemiológica e a rotina em saúde pública. A hepatologia nacional é engrandecida pela sua insuperável contribuição à compreensão da nosologia autóctone e pelo esmero com que norteia estas atividades.

GILBERTA BENSABATH

30-07-1924

Gilberta Bensabath was born in Acre, and has lived in Belém do Pará since the age of five. She graduated from the Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará in 1949 and completed specialization courses in public health in 1950 and 1959 in the Faculdade de Higiene de São Paulo and the National Children's Department, respectively, as well as a specialization course in microbiology at the National Microbiology Institute of the Universidade Federal do Rio de Janeiro. She was a doctor in the Special Public Health Service (SESP) and researcher and director of the Evandro Chagas Institute (IEC). She was head of the Epidemiology Section from 1979 until her compulsory retirement in August 1994. She was involved in pioneering studies of arboviruses and viral hepatitis. Particularly noteworthy are the studies she carried out along the Transamazon highway and in the municipalities of Sena Madureira and Boca do Acre on the upper Purus in the western Brazilian Amazon. For over 15 years, she coordinated studies into the etiology, epidemiology and clinicoepidemiological aspects of Labrea hepatitis, as well as the prophylaxis of viral hepatitis. In 1970, she was involved in the laboratory diagnosis of viral

hepatitis in the University of Yale in the USA, where she examined the first samples of serum obtained from a survey in the Brazilian Amazon. In 1985, as a visiting researcher at the Hepatitis Branch of the Centers for Disease Control (CDC) in Atlanta, Georgia, she researched laboratory techniques in the study of hepatitis B and hepatitis Delta. Published in 1987, the works she coauthored with Hadler, Soares, Fields and Maynard were to confirm the importance of infections caused by the hepatitis Delta virus and to define the etiological profile of Labrea black fever and the devastating hepatitis of the western Brazilian Amazon. She currently heads the Epidemiological Service of the IEC, and has been dedicating the greater part of her time to this role in order to boost collaboration between epidemiological research and routine work in public health. Brazilian hepatology is greatly enriched by her unsurpassed contribution to our understanding of autochthonous nosology and by the tremendous diligence she brings to her leadership of these activities.

JORGE ESCOBAR PEREIRA LIMA

13-05-1927 29-04-2003

Nascido em Pelotas, Rio Grande do Sul, aprovado no vestibular de Medicina, aos 16 anos, colou grau aos 22 anos, como primeiro aluno da turma. Em 1954 defendeu livre-docência com tese sobre "Bantina uma contribuição ao seu estudo". Iniciou, dentro da Medicina Interna, uma diferenciação em Gastroenterologia e sedimentou este estudo em bolsa nos Estados Unidos, durante dois anos, no *Mount Sinai* em Nova Iorque. Retornando a Porto Alegre, rapidamente fez nome e foi convidado para organizar e chefiar a disciplina de Gastroenterologia da Faculdade Católica de Medicina. Inaugurou a seguir, um serviço pioneiro de Hepatologia no sul do país, a enfermaria 42. Como bolsista, foi a Paris estudar com Jacques Caroli durante 1 ano, introduzindo a laparoscopia em nosso meio. Formou gerações de médicos nas diversas faculdades em que atuou, porém foi na FFFCMPA que dedicou a maior parte de sua vida ao ensino e deixou marcas indeléveis. Após sua aposentadoria, perseverou no ensino, no Curso de Pós-Graduação em Hepatologia, onde teve sempre participação marcante, deliciando a todos com sua experiência e sabedoria. Lia com voracidade, era crítico das letras e adorava política. Cumpru, tanto na Federação Brasileira de Gastroenterologia (1966-1967), como na Sociedade de Hepatologia (1980-1981), todas as etapas possíveis, chegando a presidente de ambas entidades. Dentro de sua faculdade, além de titular da Disciplina, foi chefe de Departamento e Diretor de Escola (1989-1992). Com aproximadamente 100 artigos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais, 31 capítulos de livros e mais de 700 conferências e trabalhos originais apresentados no país e no exterior, mostrou como o amor à ciência pode permitir que uma vida tenha tal pujança.

JORGE ESCOBAR PEREIRA LIMA

13-05-1927 29-04-2003

Born in Pelotas, Rio Grande do Sul, Jorge Escobar Pereira Lima passed his university entrance

examination at the age of 16 and had his degree conferred at the age of 22, coming first in his year. In 1954, he defended his *Livre-Docência* (professorial habilitation) with the thesis "A contribution to the study of Banthine". Within internal medicine, he established the study of gastroenterology as a specialty, and a scholarship for two years in the United States allowed him to consolidate his studies at *Mount Sinai* in New York. On his return to Porto Alegre, he soon made a name for himself, and was invited to set up and head the teaching of gastroenterology in the Faculdade Católica de Medicina. Following this, he inaugurated a pioneering hepatology service, ward 42, in the south of the country. He went to Paris on a scholarship to study with Jacques Caroli for 1 year, and introduced laparoscopy to Brazil. He trained generations of doctors in the various colleges where he worked. It was at FFFCMPA, however, that he dedicated the greater part of his life to teaching and left his indelible mark. Following his retirement, he continued teaching on the postgraduate hepatology course, where he always made a striking contribution and delighted all with his experience and wisdom. He was a voracious reader and a literary critic, and loved politics. He ascended through all possible stages of both the Brazilian Federation of Gastroenterology (1966-1967) and the Society of Hepatology (1980-1981), and became president of both bodies. Within his faculty, as well as being titular professor, he was head of department and director of the college (1989-1992). With around 100 completed articles published in Brazilian and international journals, 31 chapters in books and more than 700 conferences and original studies delivered in Brazil and abroad, Jorge Escobar Pereira Lima showed that the love of science can go hand in hand with a life full of vigor.

JORGE DE ALCKMIN TOLEDO

12-05-1920 18-08-1985

Nascido em Santa Rita de Sapucaí, Estado de Minas Gerais, ingressou na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1939 e lá se graduou em 1944. Em 1947 foi Assistente Voluntário da 4ª Cadeira de Clínica Médica. Foi influenciado e estimulado para o exercício da gastroenterologia pela figura do Prof. Figueiredo Mendes, recém-chegado dos Estados Unidos. Em 1951, fez o Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia, do Professor Henry Leroy Bockus. Ao regressar ao Brasil, reintegrou-se ao serviço de Waldemar Berardinelli na 4ª Cadeira de Clínica Médica e juntamente com Figueiredo Mendes coordenou inúmeros estudos e simpósios em Gastroenterologia. Em 1956, foi convidado pelo Professor Clementino Fraga Filho a continuar como assistente na 1ª Cadeira de Clínica Médica, na 20ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Em 1960 foi nomeado Professor Auxiliar de Ensino da Faculdade de Medicina e em 1962 conquistou a Livre Docência em Clínica Médica. Em 1966 foi promovido a Professor Assistente e em 1971 a Professor Adjunto, cargo que exerceu até a sua morte. Foi chefe do Serviço de Gastroenterologia de 1963 a 1967. Foi coordenador do Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia em 1972 e o responsável pela linha de pesquisa em hepatites. Orientou dissertações de mestrado e foi membro de inúmeras bancas de mestrado, doutorado e livre-docência na UFRJ e em outras universidades. Publicou mais de 70 artigos e trabalhos, nas áreas de Gastroenterologia e Hepatologia. O seu interesse

particular pela hepatite não-A, não-B culminou com a produção da tese para o concurso de professor titular da disciplina de Gastroenterologia da UFRJ. Foi membro de diversas sociedades médicas, em particular a Sociedade Brasileira de Hepatologia, da qual foi membro fundador e presidente no biênio 1978-1979.

JORGE DE ALCKMIN TOLEDO

12-05-1920 18-08-1985

Jorge de Alckmin Toledo was born in Santa Rita de Sapucaí, Minas Gerais. He entered the National Faculty of Medicine in the Universidade do Brasil in 1939 and graduated from there in 1944. In 1947, he was Voluntary Assistant to the 4th Department of Clinical Medicine. He was influenced and stimulated to move into gastroenterology by Prof. Figueiredo Mendes, who had recently returned from the United States. In 1951, he attended the postgraduate course in gastroenterology given by Professor Henry Leroy Bockus. On returning to Brazil, he rejoined Waldemar Berardinelli's team in the 4th Department of Clinical Medicine and coordinated countless Gastroenterology studies and symposia together with Figueiredo Mendes. In 1956, he was invited by Professor Clementino Fraga Filho to continue as assistant to the 1st Department of Clinical Medicine in the 20th Ward of the Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. In 1960, he was appointed Auxiliary Professor in the Faculty of Medicine, and in 1962, he conquered his *Livre-Docência* (professorial habilitation) in Internal Medicine. In 1966, he was promoted to Assistant Professor and in 1971, to Associate Professor, a position he held until his death. He was head of the Gastroenterology Service from 1963 to 1967. He was coordinator of the postgraduate course in gastroenterology in 1972 and was responsible for hepatitis research. He supervised masters dissertations and was a member of countless review panels for masters, doctorates and *Livres-Docências* (professorial habilitations) at UFRJ and other universities. He published over 70 papers and studies in gastroenterology and hepatology. His personal interest in non-A non-B hepatitis culminated in his thesis for the examination for the position of titular professor of gastroenterology at UFRJ. He was a member of various medical societies, in particular the Brazilian Society of Hepatology, of which he was a founding member and president in the biennium from 1978 to 1979.

JOSÉ DE LAURENTYS MEDEIROS

25-09-1928

Em 1944 transferia-se para Belo Horizonte o filho do pedreiro e comerciante José de Almeida Medeiros e da italiana Luiza. Ingressou na Faculdade de Medicina de Minas Gerais em 1948, graduando-se em 8 de dezembro de 1953. Na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte estagiou em vários serviços. Iniciou, em 1955, uma dedicada trajetória na tarefa de formar novos profissionais, ingressando como Professor Assistente na FCMMG. Foi Assistente de Semiologia em 1969 e chefe da Disciplina em 1978. Em 1979 recebeu do Ministério da Educação e Cultura o Título de Professor, devido ao "Notório Saber". Em 1963, foi convidado por Luiz de Paula Castro para compor a diretoria da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de Minas Gerais. Consultado por Waldemar Podkameni sobre a realização do Iº Congresso Brasileiro de Hepatologia na cidade mineira de Caxambu, tomou como meta e afincou a

responsabilidade e a participação na sua realização. Orgulha-se de ter participado de todos os congressos da SBH. Ao lado de Nereu de Almeida Júnior, foi o pioneiro da Hepatologia em Minas Gerais, quase como autodidata na especialidade. Presidente da SBH, realizou em 1988 o congresso brasileiro com as destacadas presenças da Profa. Sheila Sherlock, do Dr. Mario Rizzetto e Dr. Adrian di Bisceglie. Continua como importante colaborador da SBH, sendo o responsável pela edição de seu Boletim. Publicou inúmeros trabalhos técnicos e científicos, além de capítulos em livros de gastroenterologia e hepatologia. Sua maior obra literária foi, sem dúvida, a concepção e publicação, em parceria com o Professor Mario Lopez, do livro: "Semiologia Médica – As Bases do Diagnóstico Clínico", hoje na 5ª Edição e adotado por vários cursos de Medicina no Brasil.

JOSÉ DE LAURENTYS MEDEIROS

25-09-1928

In 1944, the son of the stonemason and trader José de Almeida Medeiros and his Italian wife Luiza moved to Belo Horizonte. He entered the Faculdade de Medicina de Minas Gerais in 1948 and graduated on 8 December, 1953. He trained in various departments in the Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. In 1955, he joined the FCMMG as assistant lecturer, and embarked in a spirit of dedication on the task of training new doctors. He was assistant professor in semiology in 1969 and head of subject (*Disciplina*) in 1978. In 1979, he received the title of Professor from the Ministry of Education and Culture in recognition of the title "*Notório Saber*". In 1963, he was invited by Luiz de Paula Castro to be a director of the Minas Gerais Society of Gastroenterology and Nutrition. When consulted by Waldemar Podkameni about holding the 1st Brazilian Congress of Hepatology in Caxambu, Minas Gerais, he tenaciously set himself the goal of being involved in, and responsible for, making the event happen. He is proud to have taken part in all of the SBH congresses. Together with Nereu de Almeida Júnior, he pioneered hepatology in Minas Gerais, and was almost completely self-taught in this specialty. As president of the SBH, he was responsible for the 1988 congress, in which the eminent Prof. Sheila Sherlock, Dr. Mario Rizzetto and Dr. Adrian di Bisceglie took part. José de Laurentys Medeiros continues to be an important member of the SBH, and is responsible for editing the society's newsletter. He has published countless technical and scientific papers, as well as chapters in books on gastroenterology and hepatology. His greatest written achievement has been, without any doubt, to conceive and publish, together with Professor Mario Lopez, the book "Semiologia Médica – As Bases do Diagnóstico Clínico", which is now in its 5th edition and has been chosen for use in various medicine courses in Brazil.

LUIS CAETANO DA SILVA

04-07-1927

Nascido em Vista Alegre do Alto, São Paulo, realizou o curso médico na FMUSP, de 1946 a 1951. Em 1948 frequentou Cadeira de Terapêutica Clínica, onde teve os primeiros contatos com a Gastroenterologia, nas visitas à enfermaria, que eram realizadas pelo Prof. José Fernandes Pontes. Em 1961, defendeu sua tese de doutoramento, intitulada "Estudo da Hiperbilirrubinemia Pós-Anastomose Porto-Cava em Pacientes com Esquistossomose Hepato-Esplênica e Cirrose Hepática". Fez concurso para Livre-Docência no ano de 1974. com a tese: "Anticorpos e Eosinófilos Circulantes na Esquistossomose Mansônica. Contribuição ao Estudo de Efeitos da Quimioterapia". Participou das atividades didáticas e científicas do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas em Gastroenterologia, tendo sido presidente do mesmo. Em 1958 recebeu bolsa do *British Council* para estágio no Serviço da Profa. Sheila Sherlock. Retornando ao Brasil, desenvolveu estudos sobre Hepatologia que resultaram em tese de doutoramento e no livro "Cirrose Hepática". Em 1968, passou a colaborar na orientação clínica de pacientes cirúrgicos do Prof. Silvano Raia. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia e da Sociedade Latino-Americana de Hepatologia. Em 1978 assumiu a responsabilidade do Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia Clínica (FMUSP). A partir de 1984 coordenou o setor relacionado ao Instituto de Medicina Tropical e ao Departamento de Gastroenterologia, do projeto "Vários aspectos das hepatites por vírus no Brasil", coordenado pelo saudoso Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto. Publicou vários trabalhos no Brasil e no exterior, editou livros e escreveu capítulos de livros no Brasil e no exterior; orientou teses de mestrado, doutorado e colaborou em livre-docências, além de participar em conferências, mesas redondas e simpósios.

LUIS CAETANO DA SILVA

04-07-1927

04-07-1927

Luis Caetano da Silva was born in Vista Alegre, São Paulo, and studied medicine at FMUSP from 1946 to 1951. In 1948, he attended the Department of Clinical Therapy, where he had his first contact with gastroenterology during the visits to the ward carried out by Prof. José Fernandes Pontes. In 1961, he defended his doctoral thesis "A Study of Portal-Cava Postanastomosis Hyperbilirubinemia in Patients with Hepatosplenic Schistosomiasis and Hepatic Cirrhosis." He sat an examination for *Livre-Docência* (professorial habilitation) in 1974, with the thesis "Circulating Antibodies and Eosinophils in Mansonic Schistosomiasis. A Contribution to the Study of the Effects of Chemotherapy." He took part in teaching and scientific activities at the Brazilian Institute for the Study and Research of Gastroenterology, and became president of this organization. In 1958, he received a scholarship from the British Council to study with Prof. Sheila Sherlock. On returning to Brazil, he extended his study of hepatology, and this resulted in his doctoral thesis and the book "Cirrose Hepática". In 1968, he started also to assist Silvano Raia's surgical patients concerning the clinical guidance. He

was president of the Brazilian Society of Hepatology and the Latin American Society of Hepatology. In 1978, he took over responsibility for the postgraduate course in clinical gastroenterology (FMUSP). From 1984, he coordinated the area related to the Institute of Tropical Medicine and the Department of Gastroenterology in the project "Various aspects of viral hepatitis in Brazil" coordinated by the much-missed Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto. He has published a range of studies in Brazil and abroad, edited books, and written chapters of books in Brazil and abroad. He has also supervised masters and doctoral theses and assisted with *Livres-Docências* (professorial habilitations), as well as taking part in conferences, round tables and symposia.

LUIZ CARLOS DA COSTA GAYOTTO

25-04-1933 22-04-2004

Nascido em São Paulo, filho de médico, Gayotto entrou para a Faculdade de Medicina da USP aos 17 anos. Após a residência médica em Cirurgia Geral mudou-se para Florianópolis, onde além da cirurgia começou a dedicar-se à anatomia-patológica. sendo convidado a participar da Disciplina de Patologia da Universidade de Santa Catarina. Em 1972 foi para o Royal Free Hospital especializar-se em Patologia Hepática com o destacado Prof. Peter Scheuer, tornando-se amigo também da emérita e inesquecível professora Sheila Sherlock. Defendeu em Londres sua tese de PhD em 1975. Voltando para o Brasil, mudou-se para São Paulo ocupando cargo de professor no Departamento de Patologia da FMUSP. Trabalhava também com o Prof. Silvano Raia na Unidade de Fígado. Nessas duas funções fez a integração clínico-cirúrgica-patológica. Tornou-se Professor Titular de Patologia em 1990, logo após brilhante período de atividades associativas como Presidente da "Sociedad Latinoamericana de Hepatologia" , tornando-se a seguir, o primeiro latinoamericano a ocupar o alto posto de Presidente da "International Association for the Study of the Liver" (1990-1992) Gayotto foi ainda um grande administrador. Dirigiu a Divisão de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas desde 1986 até sua aposentadoria, tendo sido Diretor do Laboratório Central do Hospital das Clínicas, Chefe do Departamento de Patologia e Diretor do Instituto de Medicina Tropical. Como pesquisador era curioso e irrequieto, minucioso ao extremo, interessando-se por diferentes assuntos. Dedicando-se à Patologia Hepática, nunca perdia de vista os aspectos clínicos e os cuidados terapêuticos com o paciente. Coordenou importante projeto multicentrico de pesquisa sobre "Hepatites Virais no Brasil" após conseguir os indispensáveis recursos junto à FINEP. Desenvolveu trabalhos de campo, em algumas regiões da Amazonia (Amazonas, Pará e Rondônia) assim como no Nordeste (Alagoas). Além de inúmeras publicações científicas, idealizou e foi o Editor, juntamente com Prof. Venâncio A. Ferreira Alves, de um Compendio sobre "Doenças do Fígado e Vias Biliares" Seu colega de Faculdade e também Pioneiro da Hepatologia, o cirurgião Silvano Raia, assim o define: "Era reto por essência, generoso por índole, despretensioso por constituição, superiormente inteligente por genética e graças a todos esses atributos exerceu marcante liderança sobre toda nossa geração"

LUIZ CARLOS DA COSTA GAYOTTO

25-04-1933 22-04-2004

Born in São Paulo and the son of a doctor, Gayotto entered the Faculty of Medicine at USP at the age of 17. After completing residency in general surgery, he moved to Florianópolis, where as well as working in surgery, he began to dedicate himself to pathological anatomy. He was invited to lecture in the pathology department in the Universidade de Santa Catarina. In 1972, he went to the Royal Free Hospital to specialize in hepatic pathology under the renowned Prof. Peter Scheuer, and also became a friend of the eminent and unforgettable Professor Sheila Sherlock. He defended his PhD thesis in London in 1975. On his return to Brazil, he moved to São Paulo and took up the post of professor in the Department of Pathology at FMUSP. He also worked with Prof. Silvano Raia in the Liver Unit. In these two roles he brought together clinical, surgical and pathological activities. He became titular professor of pathology in 1990, shortly after a brilliant period of organizational activities as president of the Latin American Society of Hepatology. Following this, he became the first Latin American to hold the post of president of the International Association for the Study of the Liver (1990-1992). As a great administrator he was responsible for the Division of Pathological Anatomy of the Hospital das Clínicas from 1986 until his retirement, director of the Central Laboratory of the Hospital das Clínicas, head of the Pathology Department and director of the Institute of Tropical Medicine. He coordinated an important multicentered research project "Viral Hepatitis in Brazil" after successfully obtaining the required funding from FINEP. He carried out field work in several regions of the Amazon (the states of Amazonas, Pará and Rondônia), as well as in the Northeast (the state of Alagoas). In addition to publishing countless scientific publications, he was editor, together with Prof. Venâncio A. Ferreira Alves, of a Compendium of "Doenças do Fígado e Vias Biliares". The surgeon Silvano Raia, who studied in university with him, and another pioneer of hepatology, defined him as follows: "He was upright, generous by nature, unpretentious by constitution, genetically of superior intelligence, and thanks to all of these attributes he exerted striking leadership over all our generation."

SILVANO MÁRIO ATILIO RAIA

01-09-1930

Foi aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo de 1951 a 1956. Trabalhou junto ao serviço do Professor Edmundo Vasconcelos, responsável maior pela sua formação cirúrgica e de professor. Sob sua orientação, trabalhou durante 8 anos, em tempo integral. Nesse período, instrumentou cirurgias e foi assistente das cadeiras de Embriologia, Anatomia descritiva, Anatomia topográfica, Anatomia patológica e Clínica cirúrgica, De 1964 e 1966 estagiou no serviço da Profa. Sheila Sherlock, obtendo o título de PhD pela Universidade de Londres. Voltando ao Brasil, dedicou-se à criação e à consolidação da Unidade de Fígado, grupo interdisciplinar que funcionou na FMUSP-HC até 2002. Introduziu no país a valorização do sangue portal para o trofismo das células hepáticas, realizando as primeiras derivações portocavas seletivas. Realizou o primeiro estudo prospectivo controlado sobre os efeitos das

técnicas empregadas para tratamento cirúrgico das varizes de esôfago sangrantes causadas pela esquistossomose mansônica.

Realizou as primeiras ressecções regradas de fígado. Desenvolveu um sistema de perfusão extra-corpórea de fígado isolado de porco com sangue humano, obtendo desempenho funcional inédito na literatura. Realizou o primeiro transplante hepático bem sucedido no Brasil e no Hemisfério Sul. Descreveu e realizou o primeiro transplante de fígado intervivos da literatura, que permitiu, em muitos centros nacionais e do exterior, reduzir a mortalidade na lista de espera pediátrica em até 50%. Em 1967 criou a Unidade de Fígado do Hospital das Clínicas, cujos setores experimental e clínico constituem-se em centro de referência da hepatologia cirúrgica no país. Junto a ele se formaram ou se aprimoraram muitos dos atuais expoentes da hepatologia do Brasil. Como Diretor da FMUSP, criou a Disciplina de Informática Médica, instituiu a Fundação Faculdade de Medicina que permitiu ao Hospital das Clínicas atingir o nível de excelência que mantém até hoje.

SILVANO MÁRIO ATILIO RAIA

01-09-1930

Silvano Mário Atilio Raia was a student of the Faculty of Medicine of the Universidade de São Paulo from 1951 to 1956. He worked under Professor Edmundo Vasconcelos, who had the most responsibility for his training as a surgeon and a lecturer. He worked full-time for 8 years under his guidance. During that time, he assisted with instrumentation in various surgical operations and was assistant lecturer in embryology, descriptive anatomy, topographical anatomy, pathological anatomy and clinical surgery. He trained under Professor Sheila Sherlock and was awarded a PhD by the University of London. On his return to Brazil, he dedicated himself to setting up and consolidating the Liver Unit, an interdisciplinary group that operated at FMUSP-HC until 2002. He introduced to Brazil an appreciation of the value of portal blood in trophism of hepatic cells, and carried out the first selective portal-cava shunts. He carried out the first controlled prospective study into the effects of the techniques used in the surgical treatment of bleeding varices in the esophagus caused by mansonic schistosomiasis. He carried out the first anatomical liver resections. He developed the first extracorporeal perfusion of a liver isolated from a pig using human blood, and achieved a degree of functional performance previously unheard of in the literature. He carried out the first successful liver transplant in Brazil and the southern hemisphere. He described and carried out the first live liver transplant in the literature, allowing the mortality rate in pediatric waiting lists in many Brazilian and overseas centers to be reduced by up to 50%. In 1967, he set up the Liver Unit in the Hospital das Clínicas, whose experimental and clinical departments are a center of reference for surgical hepatology in Brazil. It was under his guidance that many of the current luminaries of hepatology in Brazil trained or perfected their skills. As director of FMUSP, he introduced medical informatics as a subject and founded the Fundação Faculdade de Medicina, which enabled the Hospital das Clínicas to achieve the level of excellence that is its hallmark.

THOMAZ DE FIGUEIREDO MENDES

10-08-1911 01-05-1996

Nasceu em Minas Gerais na cidade de Mutuca, atualmente denominada Elói Mendes. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil em 1931. Em 1950, tornou-se Chefe do Departamento de Gastroenterologia da 4ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Serviço do Professor Berardinelli, onde permaneceu até 1955. Participou do programa de aperfeiçoamento profissional do *Institute of Inter-American Affairs* e do Curso de Gastroenterologia da Universidade da Pensilvânia, onde conheceu o Prof. Henry Bockus, que exerceu grande influência em sua vida profissional e pessoal. Em 1956 foi nomeado Chefe de Clínica do Departamento de Gastroenterologia. Em 1960, depois de concurso, alcançou a Livre Docência de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. No mesmo ano tornou-se professor adjunto da mesma disciplina. Em 1967, congregando amigos da mesma área de atuação, Figueiredo Mendes fundou a Sociedade Brasileira de Hepatologia, órgão máximo da hepatologia no Brasil, e que atua, de maneira cada vez mais firme, na defesa dos interesses da especialidade e na divulgação de novos conhecimentos sobre as doenças do fígado. Trabalhou com o Professor Cruz Lima, na 7ª enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa do Rio de Janeiro até 1974, quando fundou o primeiro Serviço de Hepatologia do Brasil. A sua opção pela hepatologia foi marcada, inicialmente, pelo interesse pela esquistossomose mansônica, doença que marcava profundamente o Brasil nos meados do século XX. Foi o idealizador da primeira e ainda única revista brasileira de hepatologia, denominada "Moderna Hepatologia", que mantém nome e formato original até hoje. Foi professor, além da Universidade Federal do Rio de Janeiro, das faculdades de Medicina da Universidade Gama Filho e da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.

THOMAZ DE FIGUEIREDO MENDES

10-08-1911 01-05-1996

Thomaz de Figueiredo Mendes was born in the city of Mutuca, now known as Elói Mendes. He entered the Faculty of Medicine at the Universidade do Brasil in 1931. In 1950, he became head of the Department of Gastroenterology of the 4th Department of Clinical Medicine in the Faculty of Medicine at the Universidade do Brasil under Professor Bernardelli, where he remained until 1955. He took part in the professional development program of the *Institute of Inter-American Affairs* and the gastroenterology course at the University of Pennsylvania, where he met Prof. Henry Bockus, who exerted a great influence on his professional and personal life. In 1956, he was appointed clinical head of the Department of Gastroenterology and after sitting an examination in 1960, he reached his *Livre-Docência* (professorial habilitation) in clinical medicine in the Faculdade Nacional de Medicina. He became associate professor of this subject in the same year. In 1967, together with friends working in the same field, Figueiredo Mendes founded the Brazilian Society of Hepatology, which is the most important body in the field of hepatology in Brazil, and acts with increasing resolve in defense of the profession and in the dissemination of new information about liver diseases. He worked with Professor Cruz Lima in the 7th ward of the Hospital Geral da Santa Casa do Rio de Janeiro

until 1974, when he founded the first Hepatology Service in Brazil. His choice of hepatology was initially marked by an interest in mansonic schistosomiasis, a disease that had a profound effect on Brazil in the mid-twentieth century. He was the driving force behind "Moderna Hepatologia", the first, and to this day, only Brazilian journal of hepatology, which retains its original name and layout to this day. He lectured not only at the Universidade Federal do Rio de Janeiro, but also at the Faculties of Medicine at the Universidade Gama Filho and the Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.

WALDOMIRO DANTAS

03-11-1933 23-12-2003

Nascido em uma fazenda em Jundiá, Rio de Janeiro, o empobrecimento rural trouxe sua família para Macaé e depois Niterói. Em 1953 ingressou na Faculdade Fluminense de Medicina. Para sustentar os estudos exerceu várias profissões, entre elas a de repórter e de escriturário. Colou grau em medicina em 27 de dezembro de 1958, sendo aceito como estagiário do Hospital de Ipanema. Em 1959 chegou a Santa Catarina. Adotou Florianópolis e lá fez sua clínica, recebendo reconhecimento dos pacientes, dos colegas, e do estado com o título de Cidadão Honorário. Em 1962 ingressou na então Faculdade de Medicina de Santa Catarina. Foi professor da primeira turma. Em 1966 foi promovido a Professor Assistente, e em 1980 foi nomeado após concurso público Professor Titular do Departamento de Clínica Médica. Em 1977 defendeu Tese de Livre Docência na UFSC -"Efeitos do Preparo para Restossigmoidoscopia sobre a Mucosa Retal". Além de Chefe do Departamento de Clínica Médica, coordenou o Mestrado em Medicina Interna. Fez estágios em Charlottesville e Richmond na Virginia, e em Londres, no *Royal Free Hospital*, no serviço da Profa. Sheila Sherlock. Foi editor dos Arquivos Catarinenses de Medicina. Criou e presidiu a Sociedade Catarinense de Gastroenterologia. Participou com mais de 200 conferências nos eventos de gastroenterologia e hepatologia. Entre 1993 e 1995 foi presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia, levando a Florianópolis o Congresso Brasileiro. Naquele congresso foi lançada a primeira edição do Compêndio de Hepatologia do qual foi editor. Foi presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia e coordenou o Fundo de Aperfeiçoamento em Gastroenterologia. Participou em capítulos de livros e publicações científicas em periódicos nacionais e estrangeiros. Trabalhou, como sempre, até setembro de 2003, quando complicações agudas de uma doença crônica provocaram seu falecimento.

WALDOMIRO DANTAS

03-11-1933 23-12-2003

Waldomiro Dantas was born on a farm in Jundiá, Rio de Janeiro, but rural impoverishment brought his family to Macaé and then Niterói. In 1953, he entered the Faculdade Fluminense de Medicina. To support himself during his studies, he held a number of different positions, including those of reporter and clerk. His degree in medicine was conferred on December 27, 1958, when he was accepted for training at the Hospital de Ipanema. He arrived in Santa Catarina in 1959. Having made Florianópolis his home and set up a practice there, he went on to receive recognition from patients, colleagues and the state, with the title of Honorary Citizen. In 1962, he joined the Faculdade de Medicina de Santa Catarina. He taught the first students who were to graduate from the course. In 1966, he was promoted to assistant professor, and in 1980 he was appointed titular professor of the Department of Clinical Medicine after sitting a public examination. In 1977, he defended his *Livre-Docência* (professorial habilitation) with the thesis "The Effects of Preparation for Rectosigmoidoscopy on Rectal Mucosa". In addition to being head of the Department of Clinical Medicine, he also

coordinated the masters course in internal medicine. He trained in Charlottesville and Richmond in Virginia, and in the *Royal Free Hospital* in London under Prof. Sheila Sherlock.

He was editor of the *Arquivos Catarinenses de Medicina*. He created, and was president of, the Santa Catarina Society of Gastroenterology. He took part in gastroenterology and hepatology events in over 200 conferences. He was president of the Brazilian Society of Hepatology between 1993 and 1995, and brought the Brazilian Congress of Hepatology to Florianópolis. The first edition of the *Compendium of Hepatology*, of which he was the editor, was launched at the congress. He was president of the Brazilian Federation of Gastroenterology, and coordinated the Fund for Advances in Gastroenterology. He contributed to chapters of books and to scientific publications in Brazilian and foreign journals. He worked as usual until September, 2003, when he died as a result of acute complications of a chronic disease.

ZILTON ARAÚJO ANDRADE

14-05-1924

Zilton Andrade nasceu na cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Foi estudar em Salvador, onde concluiu o curso médico em 1950. Na Fundação Gonçalo Muniz, Salvador-BA. (FGM) conviveu com o grande parasitologista Samuel Pessoa, seu primeiro preceptor na iniciação científica. Fez residência em anatomia patológica na Universidade de Tulane em Nova Orleans nos Estados Unidos. Em 1956, mudou-se para a Universidade de Ribeirão Preto. Em São Paulo defendeu a sua tese de doutorado retornando à Bahia para outra vez ocupar a patologia do Hospital das Clínicas. Em 1958 iniciou o programa de residência médica na Bahia. Surgia o patologista moderno que raciocinava em conjunto com a clínica. Em 1959 tornou-se livre docente. No período de 1960 a 1961 foi para o Serviço de Anatomia Patológica do Mount Sinai Hospital para um pós-doutorado com o Dr. Hans Popper. Em 1974 prestou concurso para professor titular de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da UFBA. Suas contribuições na patologia da esquistossomose são excepcionais. Continua perseguindo a compreensão dos mecanismos patogênicos da doença de Chagas, da esquistossomose e da fibrose hepática em modelos experimentais. Apesar do conhecimento sobre a patogênese das grandes endemias, defende que a solução para os problemas tropicais é uma sociedade mais justa e com oportunidades iguais para todos os homens. Tem inúmeras publicações de artigos em revistas científicas, capítulos de livro e orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Foi presidente da SBH. Nos anos repressivos da ditadura militar, sempre se mostrou ao lado dos movimentos estudantis, do médico e da sociedade organizada nas lutas pelas liberdades democráticas e por uma sociedade mais justa. Foi aí também um espelho para os seus discípulos.

ZILTON ARAÚJO ANDRADE

14-05-1924

Zilton Andrade was born in the town of Santo Antônio de Jesus, Bahia. He went to Salvador to study, where he graduated in medicine in 1950. In the Fundação Gonçalo Muniz (FGM) in Salvador, Bahia, he worked with the great parasitologist Samuel Pessoa, who was his first mentor during his scientific training. He attended a residency program in anatomical pathology at the University of Tulane, New Orleans, in the United States. In 1956, he moved to the Universidade de Ribeirão Preto. He defended his doctoral thesis in São Paulo and returned to Bahia to once again take up a post in pathology at the Hospital das Clínicas. In 1958, he started the medical residency program in Bahia. The modern pathologist, who combines reasoning with clinical work, was born. In 1959, he became a *Livre-Docente* (habilitated professor). From 1960 to 1961, he went to the Pathological Anatomy Service at Mount Sinai Hospital for a post-doctoral program under Dr. Hans Popper. In 1974, he sat a public examination for the position of titular professor of pathological anatomy in the Faculty of Medicine of UFBA. His contributions to the pathology of schistosomiasis are exceptional. He continues to seek to enhance our understanding of the pathological mechanisms of Chagas' disease, schistosomiasis and hepatic fibrosis in experimental models. In spite of his knowledge

of the pathogenesis of major endemic diseases, he believes that the solution to tropical problems lies in a fairer society with equal opportunities for all people. He has had countless papers published in scientific journals, has written chapters of books, and has supervised masters dissertations and doctoral theses. He has been president of the SBH. During the years of repression under the military dictatorship, he was always on the side of the student movements, doctors and society in the struggle for democratic rights and a fairer society. In this regard, he was also like a mirror to his disciples.

PROFESSOR AMAURY DOMINGUES COUTINHO (1918-1995)

Ana Lúcia Coutinho e Waldir Pedrosa Amorim

PRÓLOGO

Pessoas existem, que pelo seu caráter e pelos seus atos, marcam positivamente o seu tempo e sem se notar, construtivamente estendem e influem silentes sobre os contemporâneos e os pósteros. O poeta T. S. Eliot fala que um vaso chinês em um canto de uma sala, imóvel, assim mesmo incomoda e causa o movimento inerente ao seu existir peculiar.

Uma das características mais poderosas da vida humana talvez seja a da coerência e da honradez. Existem pessoas cuja trajetória vai revelando ao longo dos anos o edifício harmônico e sensato do seu existir. Elas mantêm-se como ícones sempre atuais independente do tempo que passa e da morte que suprime. O professor Amaury Coutinho é uma dessas pessoas. Assim o demonstram, como veremos adiante, alguns atributos de sua vida, aqui compiladas das palavras de seus pares, de seus amigos, de sua cidade, de seus alunos e colaboradores, de sua família e de sua filha Ana Lúcia Coutinho, médica, professora e pesquisadora como ele.

Tive o prazer de cumprir o meu internato durante o curso médico na saudosa Enfermaria Santa Ana do Hospital Pedro II chefiada por ele. Posteriormente, já como professor, pude conhecê-lo melhor nas reuniões e congressos da então Sociedade Brasileira de Educação Médica (ABEM), tornada depois Sociedade Brasileira de Escolas Médicas. Era um homem progressista, atualizado e tinha uma atitude científica não só diante da pesquisa acadêmica, como também uma atitude dialética diante da vida e dos feitos que marcaram sua trajetória singular. Tive a honra de ser proposto por ele, como membro aspirante da Sociedade Brasileira de Hepatologia (SBH) no seu memorável congresso brasileiro em São Paulo. Acredito que certas pessoas nos influenciam como paradigmas de vida e de conduta, de modo atemporal. Pude ser porta voz de uma homenagem que lhe fizemos na Universidade Federal da Paraíba durante o I Curso de Atualização em Hepatologia, que representava naquela universidade o embrião das atividades formais na hepatologia como especialidade. À época, deixou-nos gravado em vídeo depoimentos sobre a pesquisa, a educação médica e a hepatologia, juntamente com os professores Fernando Guerra Alvariz, Zilton Andrade e Vitorino Spinelli. A SBH da qual participo como membro de sua diretoria, teve a feliz idéia, emanada de sua presidente, professora Edna Strauss de reverenciar aqueles que de forma significativa foram os *pioneiros da hepatologia brasileira*. Amaury Coutinho foi um destes, sendo também um de seus presidentes. Envaidecida por tê-lo como um dos *pioneiros da hepatologia brasileira*, a SBH neste trabalho compartilha com todos, um exemplo de vida a ser refletido.

DADOS BIOGRÁFICOS

O Professor Amaury Domingues Coutinho faleceu no Recife, onde sempre viveu, a 26 de Abril de 1995, dez dias após completar 77 anos de idade. Acabara de escrever no dia do seu último internamento: "História da Filariose na Cidade do Recife", seu derradeiro trabalho científico, publicado na Revista Brasileira de Medicina Tropical após o seu falecimento. Dedicou mais de 55 anos de sua vida ao exercício da clínica, do ensino, da pesquisa e à administração universitária.

Descendente de uma família tradicional, desde cedo perdeu seu pai e foi educado pela mãe, D. Ester e por seus dedicados tios Ageleu e José Domingues. Ele e Maurício, seu irmão gêmeo, foram os caçulas de uma prole de cinco filhos.

Casou com Anna, que segundo os amigos, dava o toque de bom humor e alegria ao casal. Tiveram seis filhos: **Luciano**, economista e pesquisador, mestre em economia pela USP, Ph.D pela Universidade de Cornell, EUA, professor titular da UNICAMP.

Ana Lúcia, médica e pesquisadora, mestre em medicina tropical e doutora em medicina pela

UFPE, professora adjunta da UFPE.

Sérgio, físico e pesquisador, mestre em física pela UNICAMP e doutor física pela UFPE, pós-doutorado no Imperial College of Science and Technology, Londres e Université de Paris Sud, França, professor adjunto da UFPE.

Sonia, arquiteta, mestre em planejamento e gestão organizacional da UPE e da universidade autônoma de Madrid, secretária de planejamento, transporte e meio ambiente de Olinda, PE.

Rejane, arte-educadora e pesquisadora, mestre e doutora em artes, pela USP, professora assistente na UNESP.

Solange, designer e pesquisadora, mestre pelo London College of Printing e Ph.D pela Universidade de Reading, Inglaterra, professora adjunta da UFPE.

Como se vê, não interferiu na escolha da profissional dos seus filhos, mas como legado plantou neles o gosto pela Universidade e pelo ensino e pesquisa. Dos seis filhos, cinco são professores universitários com mestrado e doutorado, e a única que não é professora fez mestrado e herdou a capacidade organizacional, política e de liderança.

TRAJETÓRIA

Desde o Ginásio do Recife, sempre foi excelente aluno.

Completo o curso médico na Faculdade de Medicina do Recife aos 21 anos de idade. Aluno brilhante, primeiro lugar entre os que se diplomaram em 1939, continuou desde então ligado à Faculdade de Medicina, sempre estudando, pesquisando e ensinando. Logo depois de formado foi assistente efetivo da Cadeira de Farmacologia e em seguida da Fisiologia, ao mesmo tempo colaborava na 1ª Cadeira de Clínica Médica, a princípio como médico estagiário e depois como assistente voluntário. A partir de 1949 foi sucessivamente auxiliar técnico e professor assistente da mesma cadeira, tendo no ano seguinte se submetido a concurso para professor livre-docente. Durante todo esse tempo dedicou-se também à prática profissional privada e previdenciária, granjeando a justa reputação de clínico de notável competência e elevado sentido ético e humano. Sempre sequioso de novos e mais vastos conhecimentos, realizou vários estágios e cursos de aperfeiçoamento no Brasil e no exterior, chegando a permanecer dez meses nos Estados Unidos, com uma bolsa de Kellogg's Foundation, estagiando em serviços altamente qualificados de Gastroenterologia, Alergia e Hematologia, com a obtenção de diplomas de pós-doutoramento. Em 1960, com quarenta e dois anos de idade, submeteu-se a concurso para professor catedrático de clínica médica (1ª Cadeira), sendo classificado em primeiro lugar. Seu primeiro empenho como professor foi a reorganização da cátedra, tanto do ponto de vista das instalações físicas e equipamentos como da atividade médica e docente, para o que contou com o valioso apoio de um púgilo de brilhantes colaboradores.

FACULDADE DE MEDICINA, HOSPITAL DAS CLÍNICAS, PROGRAMA DE SAÚDE COMUNITÁRIA E SUA ATUAÇÃO

No âmbito da Faculdade de Medicina, e especialmente do Hospital das Clínicas, sua atuação sempre foi no sentido de renovar e aperfeiçoar as organizações médicas e docentes e os seus modos de funcionamento.

Em 1959, depois de observar por delegação do ConFaculdade os serviços de residência médica do Hospital das Clínicas de São Paulo, do Hospital do IPASE do Rio de Janeiro e do Hospital das Clínicas da Universidade da Bahia, organizou o Programa de Internato e Residência, permanecendo como seu Supervisor durante dez anos. Foi também Chefe do Serviço de Residência do Hospital das Clínicas e coordenador das suas reuniões médico-científicas semanais, de 1959 a 1964.

Participou ainda de várias outras Comissões ligadas à Faculdade de Medicina ou ao Centro de Ciências da Saúde, e em todas essas funções sua preocupação constante sempre foi a de aprimorar e modernizar o aprendizado da Medicina, tanto em nível de graduação, como de pós-graduação, especialmente sob a forma de Residência. Sob esse aspecto é significativo o seu interesse pelos temas de Educação Médica, como nos atestam seus vários trabalhos e conferências dedicados aos mesmos, e sua assídua participação nos Congressos da Associação Brasileira de Educação Médica. Uma de suas contribuições inovadoras da maior significação foi

sem dúvida o Programa de Saúde Comunitária da Universidade (Projeto Vitória), do qual foi o Coordenador Geral desde sua fundação em julho de 1975.

Como Professor, sua atividade sempre extrapolou os limites da própria cátedra, disciplina, departamento ou centro. Além de cursos regulares de Clínica Médica na Escola de Enfermagem, e de dietoterapia no Instituto de Fisiologia e Nutrição, ministrou uma série de cursos extracurriculares, principalmente sobre hematologia e nos outros cursos, clínicos ou cirúrgicos. Participou ainda de ras de concursos, tanto para professor catedrático ou titular como para livre-docente, assistente de ensino, doutoramento e mestrado. No âmbito central da universidade teve ocasião de participar de vários colegiados, como o Conselho Universitário, Conselho de Ensino e Pesquisa, Câmara de Ensino de Graduação, Comissão Especial de Organização de Concursos de Pessoal do Magistério Superior.

ATUALIZAÇÃO-INVESTIGAÇÃO

Atividades Universitárias no Brasil e Exterior

Trabalhou em várias universidades americanas: Cornell Nova York, Michigan (Ann Arbor), New England Center Hospital (Boston), onde foi admitido na fechada e digna American Medical Association. Nestes estágios, fundamentou seus antigos ideais de professor e pesquisador e contribuiu com os primeiros passos para a criação da Residência Médica na Universidade do Recife, uma de suas grandes realizações.

Em 20 de novembro de 1960, após brilhante concurso, onde defendeu a tese *A Hipertensão Porta na Síndrome Hepatoesplênica Esquistossomótica: Estudo Clínico e Hemodinâmico*, conquistou a Cadeira de Clínica Médica da UFPE, substituindo o Professor Fernando Simões Barbosa.

O pesquisador: inovador, amante do conhecimento e da sua transmissão

As reuniões clínicas das sexta-feiras eram de nível excepcional, geralmente com casos da enfermagem e comentadores do próprio serviço ou convidados especiais. O Professor Amaury Coutinho foi pioneiro e incentivador de avanços tecnológicos, tanto no âmbito clínico como laboratorial. Foi o responsável pela montagem de várias técnicas em laboratório de bioquímica e de radioisótopos. Podemos afirmar, sem medo de exageros, que houve duas etapas no ensino da Clínica Médica em Recife antes e depois do Professor Amaury Coutinho. Lutou para estabelecer vínculos da universidade com organismos internacionais, a OMS, a OPAS, as Fundações Macy e Kellogg e recebeu inúmeros visitantes ilustres, sempre pleiteando melhorias para o ensino e a pesquisa. Além de estudioso constante e de professor atuante e renovador, foi também um investigador incansável e fecundo. Disto dá prova sua bagagem de mais de uma centena de trabalhos e pesquisas, das quais a grande maioria foi publicada em periódicos especializados nacionais e estrangeiros ou em livros coletivos e anais de congressos. Através dos mesmos, trouxe contribuição originais e valiosas nos campos da Hematologia, da Hepatologia e, especialmente, da Esquistossomose, à qual dedicou sessenta e nove trabalhos. Tudo isto sem mencionar sua extraordinária atividade no plano da atualização e divulgação, representada por muitas dezenas de palestras e conferências pronunciadas em universidades, hospitais e sociedades médicas e os cento e tantos relatórios e comunicações apresentados em simpósios, seminários, mesas redondas, painéis e grupos de trabalho em ocasiões diversas no Brasil e no estrangeiro. Sua participação nas reuniões e congressos sempre foi bastante intensa, tendo comparecido a inúmeros congressos internacionais e nacionais, dedicados principalmente à Medicina Tropical, à Gastroenterologia, à Hepatologia e a Educação Médica.

Nas suas viagens ao estrangeiro interessava-se, também, em visitar centros médicos e hospitais de ensino das grandes cidades sul-americanas, norte-americanas e européias. Com toda essa experiência de cientista objetivo e de professor idealista, que tanto conhece a organização e as técnicas de ensino dos grandes centros, com as limitações e emperros da estrutura universitária, em agosto de 1980 tomou posse como diretor do Centro de Ciências da Saúde. Nessa ocasião, foi saudado pelo Professor Galdino Loreto em nome do Conselho Departamental que afirmou: "V. Exc^a é, sem dúvida, por todos os títulos, a pessoa indicada para enfrentar neste momento o grande desafio que é a Diretoria do Centro de Ciências da Saúde."

O Homem sábio, austero, e afeito aos desafios

No seu discurso de posse como diretor do Centro de Ciência da Saúde da UFPE revelou,

de viva voz, quem era e como concebia a importância do seu trabalho educacional e social:

“Nunca almejei qualquer posição de destaque e não pleiteei, em nenhum momento, o presente cargo. Já se foi o tempo em que a investidura em um cargo desta natureza era privilégio e honraria.

Estou perfeitamente consciente da difícil tarefa que tenho pela frente, face aos tempos atuais de grave crise da universidade brasileira em geral e de nossa universidade em particular e esta impressão é compartilhada por amigos e colegas, a ponto de alguns deles, mais francos, me terem dito que não me parabenizavam pela investidura no cargo porém estavam solidários comigo na provação do pesado encargo.

É de minha formação aceitar, sem considerações de ordem pessoal e sem compensações outras, encargos e responsabilidades que tem surgido freqüentemente no decurso de minha vida profissional, se bem que alguns deles tenham sido realmente, inovadores e gratificantes.

Como elemento, sobretudo, congregador, coordenador, catalisador e estimulador, a posição de Diretor de Centro pode ser ainda considerada de grande influência.

Para o bom desempenho do trabalho de direção do Centro, é necessário senso de equilíbrio, estudo cuidadoso dos problemas, isenção de propósitos, capacidade de iniciativa e de diálogo e determinação de fazer as coisas necessárias que, espero, não me faltarão. Por outro lado, procurarei respeitar as atribuições e competências dos demais setores, em todos os níveis, porém não é de minha índole ficar omissos naquilo que me compete ou devo fazer, seja no plano administrativo e de coordenação, seja no plano participativo dos colegiados”.

O cidadão consciente e entusiasta

“Com base, sobretudo, em recente documento (nº 04) da Comissão de Ensino Médico do Ministério da Educação e Cultura, destacarei, entre os diversos fatores condicionantes da crise nacional dos hospitais de ensino, os três seguintes: a) ausência de uma definição política do MEC em relação aos hospitais de ensino; b) Ausência de planejamento adequado aliado a uma administração anacrônica altamente ineficaz; c) insuficiência de recursos financeiros.

Não obstante ser crítico da realidade universitária e educacional em nosso País, não sou, felizmente dado a derrotismos, mas, ao contrário, estou geralmente imbuído de uma dose necessária de entusiasmo, sem chegar, contudo, ao otimismo radical de que nos fala, em recente entrevista, o Professor Darcy Ribeiro. É essa pequena chama, por vezes menosprezada por alguns colegas, que me anima no trabalho cotidiano e fastidioso e que me leva a ver sempre uma luz verde de esperança no final do túnel, como nos ensina, em forma grandiosa, o incomparável D. Hélder Câmara.”

Os propósitos do educador e dirigente institucional de visão

“Instituição do maior número possível de pessoal docente em tempo integral no hospital, com remuneração condigna. Nesse sentido, deveria, ser encontrada uma solução, adotada já em alguns países, para dupla remuneração, por instituições diferentes (MEC e MPAS) da categoria de Docentes Clínicos, pela sua dupla tarefa de ensino e prestação de serviços.

Inserção do Hospital Universitário em um sistema assistencial de saúde regionalizado e hierarquizado no qual ele funcionaria, sobretudo, como hospital de referência e de nível terciário dentro do sistema que contaria com outras unidades de saúde de nível secundário e primário, da esfera previdenciária ou estadual de saúde.

A meta do consórcio entre Hospital Universitário e outras unidades deve ser prioritariamente o atendimento das necessidades de saúde da comunidade e a formação adequada e ampla de recursos humanos para o setor de saúde.

Em relação ao Projeto Vitória, do qual fui, até hoje, seu Coordenador Geral, vem se constituindo, há cerca de cinco anos, um expressivo campo experimental de um Programa de Saúde Comunitária e de Integração Docente-assistencial, já de repercussão nacional. Ele vem sendo mantido graças a importante convênio estabelecido entre a UFPE e a Secretaria de Saúde do Estado, com apoio do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde, além da

Fundação Kellogg. Para mim, foi uma notável e gratificante experiência, em companhia de um grupo pioneiro e idealista, multidisciplinar, constituído de alguns poucos médicos, enfermeiros, assistentes sociais, odontólogos, nutricionistas, fisioterapeutas e outros mais, aos quais, aproveito a oportunidade para agradecer a valiosa cooperação. Estou seguro que, continuando com o mesmo grupo em sua Coordenação, o Projeto Vitória alcançará novos êxitos e progressos no difícil trabalho a que se propôs”

Amaury Coutinho por ele mesmo

“Pela minha já longa vivência universitária, com participação ativa em quase todos os colegiados e em funções de comando ou de assessoria, completada agora pela minha curta e recente experiência como diretor temporário deste Centro reconhecendo a grande importância social da medicina e a necessidade de integrar o subsistema utilizador de pessoal de saúde, representando, sobretudo, pelo INAMPS e a Secretaria de Saúde do Estado, procurarei fortalecer os programas docente-assistenciais na área de Saúde, notadamente o Projeto Vitória e o Projeto Várzea.

Tendo sido o primeiro coordenador do programa de internato e residência de nossa universidade, mantendo o mesmo interesse que antes por esta insubstituível forma de treinamento de graduação e pós-graduação na área médica, prometendo todo o meu apoio para as iniciativas que visem o seu constante aperfeiçoamento.

Atuando também como pesquisador clínico, estarei pronto a estimular os planos de pesquisa na Área de Saúde, procurando, na medida do possível, o apoio do CNPq através de sua Agência Regional recém-inaugurada e de outros órgão financiadores”.

Como professor, secundarei os esforços daqueles envolvidos em cursos de pós-graduação, seja do tipo de mestrado e doutorado, seja os de especialização, aperfeiçoamento ou atualização, com vistas à educação continuada dos graduados”.

A aposentadoria

Aposentado da UFPE, compulsoriamente, o professor Amaury Coutinho continuou com suas atividades como pesquisador no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. À época foi saudado pela professora Gilda Kelner com uma bela e carinhosa peça, cujo trecho transcrevemos:

“Dispensar as atividades de um professor, em pleno domínio de suas grandes capacidades e com uma experiência inestimável, acumulada durante longo período de trabalho e de estudo.

A luta pelo poder passa também pela luta entre as idades. Dizem que os velhos dão brinquedos à juventude, para mantê-la afastada do poder e a juventude dá medalhas aos mais velhos para fazê-la ceder o seu lugar. A condecoração abrange, ao mesmo tempo, uma homenagem e um expurgo, que fica disfarçado, dissimulado, não dito.

Esta homenagem representa uma tentativa de dar e conhecer aos mais jovens a trajetória de uma das mais brilhantes carreiras da Medicina pernambucana. É o oposto, do expurgo, é a inclusão definitiva de sua história entre nós”.

AMAURY COUTINHO ATRAVÉS DE ALGUNS DOS QUE COMPARTILHARAM A SUA CONVIVÊNCIA

(trechos de depoimentos e homenagens)

Professora Gilda Kelner

A aparência introspectiva, pouco risonho um tanto cerimonioso no trato, avesso ao elogio fácil e resistente a acordos e conchavos, tão freqüentes em nossa sociedade e em nossa época, dão conta de um Amaury Coutinho pouco real. Ao contrário, no dia-a-dia, freqüentemente trancado em seu gabinete de trabalho, o Professor Amaury Coutinho é um preocupado constante por todos que o cercam e por tudo que lhe diz respeito, em relação aos colegas, alunos e pacientes.

A sua introspecção é o estado de espírito de sua intelectualidade, voltada para os estudos, pesquisas, elaboração de planos, ajustamentos de programas e regimentos dedicados à vida da Faculdade de Medicina. Pouquíssimos sabem da contribuição à estruturação de nossa escola, elaborada ao longo de muitos anos, pelo Professor Amaury Coutinho.

Professor Rostand Paraíso

Amaury Coutinho era, já naquela época, um clínico geral de reconhecido saber um homem que se distinguiu não só pela sua cultura médica e humanística, mas pela sua abnegação e pela pertinácia que sempre foram suas inseparáveis qualidades. Era também um pesquisador nato, firmando-se através de seus estudos e pesquisas, como a maior autoridade brasileira em esquistossomose, em todas suas formas, intestinal, hepatoesplênica e pulmonar. Sua tese sobre aquela doença, assunto supostamente esgotado, surpreendeu a todos nós pelos caminhos e perspectivas que abria aos patologistas e clínicos e teve, pelos pesquisadores de todo o mundo, o seu valor devidamente reconhecido.

Professor Salomão Kelner

De todas atividades, deve ser reiterada a da pesquisa, quando ele mais se realizava, conseguindo sua plenitude, a partir de sua aposentadoria do Centro de Ciências da Saúde, em 1988, e passou a integrar o Centro Aggeu Magalhães, como bolsista especial do CNPq. Escrevia de preferência seus trabalhos na sua granja, em Aldeia. A granja Santa Anna, era também seu refúgio, muito arborizada, grande área verde, piscina, enorme chuveiro, clima adorável e, silêncio, só interrompido pelo canto dos passarinhos ou pela presença dos netos.

Fez seguidores

Grandes nomes da Medicina pernambucana trabalharam sob sua supervisão: Luiz Ignácio de Andrade Lima, Santos Moura, Alcides Temporal, Cyro de Andrade Lima, Ruy Pereira, Igeval Paes, Victorino Spinelli, Guilherme Robalinho, Ovídio Montenegro, Rostand Paraíso, Paulo Meireles e muitos outros. Também muito contribuiu para a formação de grandes clínicos, que trabalham fora do âmbito da Universidade. Podem ser citados, entre outros, Francisco Trindade Barreto, Frederico Wanderley, Luiz Fernando Maciel, Oscar Coutinho Netto, Ede de Oliveira, Ney Cavalcanti, Severino Lins, Aluísio e Meirone Costa e Silva, Reginaldo Albuquerque. Com esse pessoal gabaritado, sob sua supervisão, as reuniões clínicas semanais se desenvolviam em alto nível, com a presença de toda equipe, residentes e estagiários, além de médicos interessados.

Professor Naftale Kaltz

Já no fim da década de 40 começavam as suas importantes contribuições na área de esquistossomose, tendo iniciado com estudo para o conhecimento dos aspectos clínicos e hemodinâmicos da hipertensão do sistema portal na síndrome hepatoesplênica esquistossomótica..." "Muitos outros trabalhos científicos seguiram-se no mesmo assunto, tendo posteriormente estudado também a terapêutica da esquistossomose nas formas graves. Todas as recentes drogas quimioterápicas, tais como, niridazole, hycanthone, oxamniquine e por fim, praziquantel foram avaliadas pelo Professor Amaury." "Com visão moderna e sempre na frente no campo onde estudava, mais recentemente incorporou o ultra-som como equipamento para melhor conhecer a avaliação das formas graves após a terapêutica específica na clínica." "Estes estudos, em parceria com sua filha, Ana Lúcia, também médica, davam-lhe grande prazer e emoção."

"Pai e marido exemplar, contou também com a colaboração importante de sua esposa Anna, seja pela percepção aguda seja pela crítica bem humorada que são características desta mulher que durante cinco décadas acompanhou o Professor Amaury."

"O Professor Amaury, bom amigo e companheiro, de fino humor, muitas vezes acanhado, sempre discreto, muito observador, entre todos aqueles que o conheceram e que sempre o admiramos." "Bendita seja sua memória."

Professor José Rodrigues Coura

... Luísa Deane escreveu em um dos seus devaneios a seguinte estrofe do seu verso *Última Voz em Pedra e Nuvem*: "Quando eu morrer, recolhe por favor, os meus sonhos pelos cantos, e reconstrói meu corpo com infinita paciência." Assim era Amaury Coutinho, construía e reconstruía com infinita paciência e grande dedicação os seus sonhos, trabalhando e trabalhando novamente antes que os pássaros cantassem para aqueles que vêm renascer a própria luz.

Professor Aluísio Prata

Uma vida dedicada à medicina

Pertencia àqueles cujo esforço no passado tornava o presente possível. Sempre procurou manter-se atualizado, adotando o lema de um importante congresso internacional sobre educação médica, que ele mesmo citava, *Medicine: a life-long study*. Tranquilo, cordial e correto, transmitia a impressão de ser homem em paz consigo mesmo. Honesto e justo, embora de temperamento reservado, sabia cobrar a mesma conduta aos seus amigos. Poucos clínicos o igualavam na equanimidade, o dom tão festejado por William Osler. Tinha uma vida austera e sem deslizes. Mesmos nos momentos difíceis sempre procurou manter uma linha de independência de atitudes e de opiniões. Exerceu com dignidade e bom desempenho todas as funções para as quais foi indicado. Logo se tornou conhecido fora de sua cidade e do Brasil. Inicialmente, por seus trabalhos sobre eosinofilia tropical. Depois, pelas suas melhores contribuições científicas, referentes à esquistossomose, principalmente em relação ao comprometimento hepático. Ultimamente vinha se dedicando, novamente, ao estudo da filariose. Seu último trabalho foi sobre a *História da Filariose na cidade do Recife*, terminado enquanto tomava vasodilatadores e sentia dores anginosas. Como Virgílio, quis que a morte o surpreendesse em pleno trabalho.

Professor Marcionilo de Barros Lins (ex-reitor da UFPE) O amor a Pernambuco

Amaury Coutinho amava Pernambuco como poucos. A história da medicina terá amanhã muito que exaltar de sua obra de pesquisador médico e homem de visão social. Podemos dizer que Amaury Coutinho dedicou sua vida ao trabalho. Para ele, era difícil deixar de comparecer à enfermaria, ao laboratório, reuniões, tudo que tivesse dentro de suas atividades na busca de novos saberes.

CÂMARA MUNICIPAL DE RECIFE Paulo Dantas, vereador.

O homem solidário e democrata

Merecida homenagem ao professor que contribuiu com destaque para a formação de gerações de médicos em Pernambuco. Mais do que professor, dirigente universitário que em muitas oportunidades, exercendo funções proeminentes, colocou o seu saber, competência e sensibilidade a serviço da renovação e do fortalecimento da UFPE. E que perseguiu com determinação a idéia-força da integração docente-assistencial como motor da formação de uma consciência crítica na área de saúde, idealizando e dirigindo o "Projeto Vitória" hoje extinto, uma rica experiência de integração da Universidade com o a comunidade da Zona da Mata de Pernambuco, propiciadora de uma marca social relevante na formação de médicos, odontólogos, nutricionistas, assistentes sociais. O Projeto Vitória talvez tenha sido uma das mais expressivas realizações do professor Amaury Coutinho em toda a sua obra acadêmica. Elemento dinâmico e consistente no sentido de tornar a instituição universitária permeável às necessidades e às aspirações do povo; e de assinalar a graduação, a residência médica e a especialização de profissionais do setor saúde pelo vínculo com a realidade social. O esclarecimento dos fatores multicausais das doenças era uma referência fundamental e criadora.

Certamente há múltiplos aspectos através dos quais todos os que conviveram com o professor Amaury Coutinho haverão de manter viva na memória a sua contribuição profissional e acadêmica. Menciono mais um: o da sua conduta serena e aliada dos estudantes que, na década de 60, ousaram se levantar contra a ditadura militar, pela liberdade para o povo; e em defesa de uma Universidade pública democrática e de boa qualidade. Naqueles tempos difíceis, na Congregação da Faculdade de Medicina, no seu Conselho Técnico ou em tantas instâncias formais ou informais existentes, o movimento estudantil sempre contou com a solidariedade do professor Amaury Coutinho.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores: Amaury Coutinho, médico, professor, democrata, estará sempre presente na vida intelectual e acadêmica de Pernambuco.

Professor Victorino Spinelli COMEMORAÇÃO DOS 10 ANOS DE PESQUISA EM FILARIA NO CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES

Nesta data o Professor Victorino Spinelli dedicou ao professor Amaury Coutinho este descontraído poema:

Além da inigualável D. Ana

Viveu duas paixões sérias
Uma delas schistosoma
A outra wuchereria
Wuchereria teve a honra
De tirar-lhe a virgindade
Mas, casou com Schistosoma
Ao entrar na Universidade
Casamento, como poucos
Regado a intensa paixão
Cem "filhos" e um grande exemplo
Para a próximo geração
Quando, pela compulsória
O casamento acabou
Repetiu-se a velha estória
Voltou ao primeiro amor
E a ele se dedicou
E com tal intensidade
Que todo o mundo se espantou
Tanta energia, naquela idade
Parecia correr contra o tempo
Por saber limitada a vida
Procurando dar complemento
A uma obra interrompida
16 "filhos" em 6 anos
Parecia como no início
Dois, "nascidos" após sua morte
Como ele e seu irmão Maurício
Este um exemplo de vida
Que a todos impressiona
Mas, quem foi a querida?
Wuchereria ou Schistosoma?

CONDOLÊNCIAS E HOMENAGENS PÓSTUMAS

Organização Mundial de Saúde

Dr. K.E. Mott

Dear Dra. Coutinho,

It is with great sadness that I have learned of the tragic death of Professor Amaury Coutinho. He was a personal friend since my days in Bahia. We will miss his leadership and interest in the training of future investigators in tropical medicine in Brazil. Please convey my condolences to his family, friends and to your staff.

Yours sincerely, Dr. K.E. Mott

(Chief, Shistosomiasis and other trematode Infections-Division of Control of Tropical Diseases)

Organização Mundial da Saúde

Dr. C. P. Ramachandran

Condolence message for Mrs. Amaury Coutinho

Dear Dra. Coutinho,

It is with very great sadness that we have learned of the passing away of professor Amaury D. Coutinho of your institute. Please convey our deepest sympathies to Mrs. Coutinho and family for this profound loss. Professor Coutinho was a man of truth, kindness and conviction; a world renowned clinical parasitologist that the scientific community will miss for generations to come. Our thoughts are with all of you at this hour of bereavement. Personal regards.

Yours sincerely, Dr. C.P. Ramachandran.

National Institutes of Health

Thomas B. Nutman

Dear Mrs. Coutinho

I was terribly saddened to hear of your husband's death. It certainly came as a shock to me, and I know how devastated you must be. While I only met him the one time I was in Recife. I will never forget his humanity, his hospitality, and his concern for those around him. I will also always remember the day he, you and I spent together touring Recife and Olinda. Please extend my sympathies to the rest of your family and know that he will be missed greatly by all

of his admires here in the United States.

Sincerely yours, Thomas B. Nutman.

CÂMARA MUNICIPAL DO JABOATÃO DOS GUARARAPES

Vereador: Ulisses Tenório de Albuquerque Neto.

Senhora Presidenta:

Com os nossos respeitosos cumprimentos, vimos comunicar a V. Sa., e os demais familiares, a aprovação do REQUERIMENTO Nº 365/95, de autoria do Exmo. Sr. Vereador Dr. ULISSES TENORIO DE ALBUQUERQUE NETO, fazendo consignar nos Anais deste Poder Legislativo VOTO DE PROFUNDO PESAR, e um minuto de silêncio, pelo falecimento, no dia 26 de Abril último, do ilustre e querido genitor de V. As. , o Professor Amaury Coutinho, componente do Corpo Docente da UFPE. Sem outro assunto, no momento, aproveitamos o ensejo para externar os elevados protestos de estima e apreço.

Fraternalmente.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Aos vinte e sete do mês de abril de mil novecentos e noventa e cinco, às dezessete horas, na sala Gilberto Freyre do Conselho Diretor, sede da Fundação Joaquim Nabuco, à avenida 17 de Agosto 2187, Casa Forte, Recife, Pernambuco, realizou-se a 180ª Reunião Ordinária do Conselho da FUNDAJ, com a presença dos seguintes Conselheiros: Dr. Nilzardo Carneiro Leão, Presidente, em exercício, do Conselho Diretor; Dr. Arthur Reynaldo Maia Alves; Dra. Maria Bernadete Neves Pedrosa; Dr. Marcionilo de Barros Lins; Dr. Mário Lacerda de Melo; Dr. Sílvio Campos Paes Barreto; Dr. Josué Souto Maior Mussalém; Dr. Paulo Rodolfo de Rangel Moreira; Dr. Antônio Freitas da Silva, representante dos servidores da FUNDAJ; Dr. Luiz Antônio Barreto, representante da Confederação Nacional da Indústria – CNI; Dr. Fernando de Mello Freyre, Presidente da FUNDAJ. Aberta a sessão, o senhor Presidente, em exercício, do Conselho Diretor indagou se todos haviam recebido antecipadamente a ata da reunião anterior. Ante a resposta afirmativa de todos, a ata foi posta em votação, sendo aprovada por unanimidade.

A seguir, o Conselheiro Sylvio Campos Paes Barreto, solicitou que fosse consignado em ata de pesar pelo recente falecimento do professor Amaury Coutinho, voto subscrito pelo Conselheiro Marconilo de Barros Lins e aprovado de imediato pelos presentes.

COMPLEXO DE AMBULATÓRIOS DO CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES/FIOCRUZ-MS (CpqAM)

Ilma Senhora

Anna Coutinho

Prezada Senhora:

A Diretoria do Centro de PESQUISAS Aggeu Magalhães/FIOCRUZ-MS, tem o prazer de comunicar-lhe que, por decisão unânime de seus Conselhos Técnicos - Científico e Deliberativo, em sua última reunião realizada no dia 10 do corrente mês, uma homenagem póstuma deverá ser prestada à memória do Professor AMAURY D. COUTINHO, por ocasião das comemorações dos 45 anos de Fundação deste Centro. A referida homenagem representa o reconhecimento de nossa instituição à atuação do saudoso colega, como nosso pesquisador e Consultor Científico, tendo contribuído, através de seus trabalhos e do seu exemplo como chefe de equipe, como mestre e como pessoa, para o reconhecimento dos valores éticos que devem nortear o nosso trabalho e para o crescimento do nosso Centro. A homenagem em tela ocorrerá no próximo dia 04 de setembro, às 16:00 horas, e constará da oposição de uma placa conferido o nome do Professor Amaury D. Coutinho ao complexo de Ambulatórios do CpqAM. Solicitamos a V.Sª. , pois, a gentileza de estender o convite a toda a família e aos amigos do nosso saudoso colega.

Atenciosas saudações,

Dra. Eridan M. Coutinho / Dr. Rômulo Maciel Filho

Diretora/CPqAM Vice-diretor/ CPqAM

POLICLÍNICA PROFESSOR AMAURY COUTINHO

Prefeitura da Cidade do Recife

A Prefeitura da Cidade do Recife através da Secretaria de Saúde denomina de Policlínica Professor Amaury Coutinho, a unidade de seu sistema de saúde localizado na Campina do Barreto.

Jarbas Vasconcelos, Prefeito da Cidade do Recife.

Várias outras homenagens em simpósios e congressos alusivas ao professor Amaury Coutinho foram consignadas. Em vida inúmeros prêmios, distinções e reconhecimentos se seguiram: Prêmio Diário de Pernambuco, 1939, Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia (1958-59), Presidente da Sociedade Brasileira de Alergia (1964), Presidente de

Honra do Congresso Brasileiro de Nutrição (1967), Medalha do CNPQ.(1981), Medalha de Mérito São Lucas (1983), Prêmio Alfred Jurzyhowski da Academias Nacional de Medicina (1985), são apenas exemplos dos muitos que o Professor Amaury foi alvo. Recentemente, a SBH na gestão do professor Victorino Spinelli, instituiu o Curso de Educação Continuada Professor Amaury Coutinho.

A GRATIDÃO DA FAMÍLIA

AGRADECIMENTO NA INAUGURAÇÃO POLICLÍNICA AMAURY COUTINHO – RECIFE, 29/08/96. POR SUA FILHA, DRA ANA LUCIA COUTINHO

Excelentíssimo Senhor, Dr. Jarbas Vasconcelos, prefeito da cidade do Recife, Dr. Guilherme Robalinho, secretário municipal de saúde, demais autoridades presentes, meus senhores e minhas senhoras.

É com grande emoção que agradeço, em meu nome e em nome de minha família, esta homenagem prestada *in memoriam* a meu pai, Amaury Coutinho.

Entendo que o objetivo desta homenagem seja o de perpetuar o seu nome para que outras pessoas que não o conheceram e de gerações futuras possam ter acesso ao seu projeto de vida e a sua contribuição às questões médico sociais.

A frase de meu pai que escolhemos para ser o lema desta casa: **“Em todas as unidades do sistema de saúde, desde as mais simples até as mais complexas, o foco principal de atenção, deve incidir sobre o doente”**, encontra-se num artigo seu publicado na Revista Brasileira de Educação Médica em 1979, revelando sua preocupação pelo social no contexto da medicina.

Estudo continuado, Ensino médico e Pesquisa foram as três atividades que sempre o acompanharam. Mesmo durante férias, não deixava de ler, estudar ou escrever algum trabalho científico.

Em seu pronunciamento quando se aposentou da universidade, “definiu-se de temperamento introspectivo e tímido, mas se considerava um homem de trabalho e organização; de ações concretas; de perseverança e otimismo nos propósitos e realizações; de atitudes claras e definidas”.

Em relação ao seu trabalho na universidade, aceitava sem pensar em benefícios pessoais, todos os encargos e responsabilidades que surgiam, enfrentando os obstáculos com entusiasmo, e sempre vislumbrava “uma luz verde de esperança”, que ajudava aos

mais jovens a continuar a luta. Manteve sempre uma linha de independência de atitudes e opinião frente aos problemas políticos e universitários, mas participava das discussões acatando democraticamente as soluções decididas pela maioria.

Seus amigos Salomão Kelner, Marcionilo Lins e Rostand Paraíso do Recife, Aluizio Prata, mineiro atualmente radicado em São Paulo, José Rodrigues Coura do Rio de Janeiro e Naftale Katz de Minas Gerais, escreveram sobre ele após sua morte, exaltando as principais realizações que vocês irão conhecer num folder que será distribuído.

Como pai, foi exemplar. Sempre me perguntei como uma pessoa que não conheceu o próprio pai, pois este faleceu quatro meses antes de seu nascimento, pôde ser um pai como Ele foi: sensível, sempre atento às dificuldades e problemas de cada um, sabendo intervir na hora certa, sem impor seus desejos, aceitando nossas decisões e nos incentivando. Cada um de seus filhos tem muito de sua influência no gosto pelo estudo, ensino, pesquisa e na organização.

Após sua aposentadoria na UFPE, em março de 1988, foi trabalhar como pesquisador convidado no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Foram sete anos de intensa produção científica, tendo publicado vários trabalhos e orientado inúmeras teses de pós-graduação. Dizia que os jovens o incentivavam, mas era a sua experiência, organização e coragem que incentivava e encantava os jovens que dele se aproximavam.

A sua paixão pelo trabalho foi tal, que não aceitou os conselhos de seu médico e amigo Ovídio Montenegro, de reduzir suas atividades. Acho que sabia que seu fim estava próximo. Quando lhe pedia para descansar e se poupar, dizia que seu tempo era curto para o que ainda tinha de fazer. Trabalhou até ao fim. Sairá publicado em setembro próximo, na Revista Brasileira de Medicina Tropical, o trabalho científico que acabou de escrever no dia de seu último internamento: “História da Filariose na cidade do Recife”.

Agora o que importa realmente é o que ficou em cada um que teve a felicidade de sua convivência. É a memória individual, o que foi implantado, dividido, compartilhado. Aí cada um guarda de uma forma diferente, porque as emoções foram e são distintas.

Obrigado, Ana Lúcia

O poeta recifense Carlos Pena Filho, assim escreve o seu poema denominado

Testamento do Homem Sensato, que escolhemos para finalizar esta biografia:

Quando eu morrer, não faças disparates
nem fiques a pensar: "Ele era assim..."
mas senta-te num banco de jardim,
calmamente comendo chocolates.
Aceita o que te deixo, o quase nada
destas palavras que te digo aqui:
foi mais longa a vida que eu vivi,
para ser em lembranças prolongada.
Porém, se, um dia, só, na tarde em queda,
surgir uma lembrança desgarrada,
ave que nasce e em vôo se arremeda,
deixa-a pousar em teu silêncio, leve
como se apenas fosse imaginada,
como uma luz, mais que distante, breve.

CLEMENTINO FRAGA FILHO

11-08-1917

autores: **Milton dos Reis Arantes e Fernando Wendhausen Portella**
Chefe de Escola de Gastreenterologia e Hepatologia no Rio de Janeiro

Origens Baianas de um Carioca de Coração

Clementino Fraga Filho nasceu em Salvador, a 11 de agosto de 1917. Filho de Clementino Fraga e Olindina da Silva Fraga, precederam-lhe os irmãos Maria Oliva e Hélio Fraga. O pai, nascido no Recôncavo Baiano, aos 17 anos entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia, da qual foi professor substituto de Clínica Médica aos 30 anos, após brilhante concurso, que se tornou marco na história da Medicina brasileira. Em 1914, passou a professor catedrático. Permaneceu em Salvador até 1921, quando partiu para o Rio, eleito deputado federal. Quatro anos depois, foi transferido para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na vaga de Azevedo Sodré.

Quando chegou ao Rio, Fraga Filho tinha a idade de 4 anos. Fez os cursos primário e secundário sob a orientação de jesuítas, no Colégio Santo Inácio. Em 1934, iniciou sua graduação na Faculdade de Medicina da então Universidade do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1939. Na mesma Faculdade, seis anos antes, concluiu sua formação Hélio Fraga, que se distinguiu na Tisiologia, e dirigiu o Serviço Nacional de Tuberculose. Foi professor da Faculdade de Medicina da UFRJ, exercendo o cargo de Reitor dessa Universidade de 1973 a 1977.

Ainda estudante, Fraga Filho iniciou a prática docente como Auxiliar de Ensino de História Natural e Botânica no Curso Pré-Médico. Mereceu o *Prêmio Berchon Des Essarts*, pela obtenção das melhores notas ao longo do curso. Foi orador da sua turma e, em seu discurso, afirmou: "A formação do médico exige preparo técnico e capacidade moral, inteligência dócil e esclarecida no estudo. A companhia dos livros lhe deve ser fiel, pela vida afora, da alvorada ao crepúsculo. Mas é de sua alma que se pedem os seus melhores dotes, que lhe hão de ser norma e guia nas relações com pacientes e colegas".

Clementino Fraga Filho tem, desde 1943, a companhia de Izar Gordilho Fraga, carinhosamente conhecida por Zazá, pelos amigos, colegas e alunos. Dos seus três filhos – Clementino Fraga Neto, Mário e Eduardo Gordilho Fraga, este último seguiu a carreira médica. Graduado em 1975, pela Faculdade de Medicina da UFRJ, estagiou no Serviço da Professora Sheila Sherlock, em Londres, e prossegue sua carreira docente nessa instituição universitária.

O Pai, Patriarca da Hepatologia

Foi Figueiredo Mendes quem denominou Clementino Fraga o *Patriarca da Hepatologia Brasileira*, por sua atividade pioneira, exercida ainda na década de 30. Catedrático da 2ª Cadeira de Clínica Médica e Chefe da 9ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia, publicou, pela Editora Melhoramentos, de São Paulo, o livro *Doenças do Fígado*, que teve três edições em Português e uma em língua espanhola. No dizer do autor, o texto "não é, nem pode ser, trabalho de erudição". Tinha o objetivo de associar as noções mais atuais aos conceitos clássicos sobre as doenças hepáticas. Foi seu Chefe de Clínica, José de Paula Lopes Pontes, o autor da tese *Valor Semiológico da Urobilinúria*, defendida em 1938.

Josué Montello, em *A Lição de Clementino Fraga Filho*, ressaltou a importância do pai na vida de Fraga Filho: "Tal pai, tal filho. Bem sabemos, pela doutrina dos educadores e dos biógrafos, que na origem de toda vocação está um exemplo. Mas o bom desempenho desta vocação, para que seja mais do que uma vida imitada, depende da aptidão que a corresponde. Só a aptidão permite ir além do paradigma, com o encontro adequado de uma nova personalidade, que segue o exemplo, mas não se subordina a este servilmente, para ser ele próprio, fiel ao modelo, mas autônomo, na sua expansão e na sua afirmação." Fraga Filho nunca escondeu o propósito de imitar o pai, como, aliás, declarou no discurso de posse da cátedra de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina.

O Interesse pela Hepatologia

A formação clínica de Fraga Filho iniciou-se no Serviço de seu pai e mestre, onde havia interesse especial pela patologia hepática, conforme alusão anterior.

Em 1944, já Assistente da Faculdade Nacional de Medicina, a qual consagrou toda a sua atividade universitária, apresentou, em concurso para a docência-livre, a tese *Contribuição ao estudo da exploração funcional do fígado: função glicídica*, resultado do estudo de 68 pacientes, 12 dos quais com cirrose de Laennec. Como docente-livre, publicou, ainda nessa década, vários trabalhos, entre os quais *Etiopatogenia e Clínica das Icterícias*, *Fisiopatologia e Clínica da Insuficiência Hepática*, *Provas Funcionais Hepáticas* e *Terapêutica das Cirroses Hepáticas*. 3

No final da década, em associação com José Rodrigues da Silva e Nilton Costa, realizou as primeiras biópsias hepáticas por punção, no Brasil, utilizando a agulha de Vim-Silverman, publicando, com os co-autores, os resultados obtidos. Datam dessa mesma época, os primeiros cursos de extensão universitária em Hepatologia no Brasil, que ministrou no Rio de Janeiro e na Universidade da Bahia.

Em 1951, publicou um primeiro estudo sobre fígado e imunidade - *Anticorpos Heterólogos na Hepatite por Vírus*, em colaboração com Paulo de Góes, Manoel Bruno Lobo e J. Ciribelli Guimarães.

Em 1954, apresentou a tese *Hepatite por Vírus* em concurso para a cátedra. Analisava analogias e diferenças entre as hepatites "infecciosas e por soro homólogo", como eram então denominadas, com apoio em estudo histopatológico de material colhido por biópsia numa amostra de 34 pacientes. Pela primeira vez, era realizada biópsia em hepatite aguda. No concurso, classificou-se em segundo lugar, tendo obtido, da Comissão Examinadora, duas indicações para primeiro. O resultado lhe valeu, por parte da Congregação da Faculdade, moção assinada por 38 dos 41 professores catedráticos, para preenchimento efetivo, independente de novas provas, de vaga já existente. Fraga agradeceu a honraria e manifestou a intenção de se submeter a novas provas.

Em 1955, corridos 16 anos da sua formatura, assumiu o cargo de Professor Catedrático da 1ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. Sua tese - *Estudo sobre Coagulação Sangüínea em Patologia Hepática* - teve a colaboração de Haiti Moussatché, Halley Pacheco, Antônio Luiz Boavista Nery e Domingos de Paola. Trabalho original com intensa investigação de pesquisa apresentado no Congresso Mundial de Gastreenterologia, no Canadá. Em seu discurso de posse, ressaltou: "Hoje, em Medicina, a unidade é o grupo e não mais o indivíduo".

A 1ª Cadeira de Clínica Médica: uma escola de Hepatologia

Entre 1956 e 1978, desenvolveu-se a 1ª Cadeira de Clínica Médica. Funcionando na 4ª e 20ª Enfermarias da Santa Casa, adquiriu grande prestígio pela excelência da sua atividade educacional e pelo pioneirismo das pesquisas clínicas. Um ambiente estimulante reunia professores experimentados e jovens médicos em início de carreira do magistério. Bem aparelhado, com intensa produção científica e aplicação de novos conceitos em educação médica, o Serviço do Professor Clementino Fraga Filho tornou-se um pólo exportador de conhecimentos para locais distantes do Brasil. Isso ajudou a valorização da Clínica Médica no confronto com o avanço das especialidades.

O grupo de professores e pesquisadores reunidos por Fraga Filho teve repercussão importante na Hepatologia brasileira. Manifestações disso foram as edições especiais do Jornal Brasileiro de Medicina: em 1968, *Patologia e Clínica das Doenças do Fígado* e, em 1971, *Hepatologia*, ambas reunindo trabalhos da autoria de vários integrantes desse grupo, que, desde o final da década de 50, vinha produzindo trabalhos nessa área.

Na década de 60, distinguem-se três trabalhos: em 1964, *Circulating Anti-Liver Antibodies in Liver Disease*, publicado em *O Hospital*, em co-autoria com Jorge de Toledo e A. Oliveira Lima; em 1966, *Hepatite Aguda Alcoólica*, em colaboração com os patologistas Manoel Barreto Neto, José de Oliveira Pereira e Hygino Carvalho Hércules, divulgado na Revista Médica Argentina, a propósito de três casos clínicos com biópsia hepática; em 1968, *Hepatites Prolongadas e Hepatites Crônicas*, artigo considerado original, em que se discutiam as diversas peculiaridades evolutivas das hepatites, publicado em *O Hospital*.

Considerado, por Figueiredo Mendes, pioneiro da Hepatologia e líder de brilhante escola, foi por ele convidado para proferir a Conferência de Abertura do I Congresso Brasileiro de Hepatologia, realizado na cidade de Caxambu, Minas Gerais, em 1969.

Trinta anos depois, por convite de um discípulo seu, Fernando Portella, coube-lhe, novamente, a Conferência de Abertura do XV Congresso Brasileiro de Hepatologia, ocorrido no Rio de Janeiro.

Nos quadros da 1ª Cadeira, devem ser lembrados: Antônio Luiz Boavista Nery, que defendeu tese de docência-livre sobre transaminases, primeiro trabalho sobre o teste no Brasil, feito com a colaboração de Pascoal Granato, chefe do Laboratório de Patologia Clínica do Serviço. Isaac Vaissman, em trabalho sobre *Fígado e Diabetes* e José Adolpho Faustino Porto, que estudou hipogonadismo em hepatopatias.

Jorge de Toledo, um dos homenageados no livro *Pioneiros da Hepatologia*, foi um distinguido mestre e pesquisador do Serviço. Foi o fundador, com Figueiredo Mendes e outros hepatologistas, da Sociedade Brasileira de Hepatologia, da qual foi presidente, organizando seu VI Congresso Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro. Em sua extensa contribuição, resalte-se: *Auto-agressão nas Hepatopatias* (1961), o primeiro de uma série de trabalhos, com a orientação de Oliveira Lima, voltados para os aspectos imunológicos da doença hepática. Outro trabalho marcante foi sua tese *Hepatites Não-A, Não-B*, com publicação póstuma em 1988.

Oliveira Lima chefiava o Setor de Imunologia, outra iniciativa da 1ª Cadeira. Sob sua liderança, desenvolveram-se trabalhos sobre imunopatologia hepática. Com seus colaboradores, Oswaldo Seabra, Alfeu Tavares França e Gilberto Soares, publicaram-se, na década de 70, vários estudos relativos ao antígeno *Austrália* e à incidência de auto-anticorpos na hepatite crônica ativa. Flávio Fraga defendeu, como tese de docência-livre, *Hepatites e Alterações Imunológicas*.

Fernando Portella e Carlos Sandoval Gonçalves fizeram parte desta Escola. Portella estagiou no Serviço de Sheila Sherlock, em cuja *Liver Unit* pesquisou as alterações de sais biliares na colestase, estudando, em particular, cirrose biliar primária. Deixando a 1ª Clínica Médica, agregou-se a Figueiredo Mendes, na 8ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia, onde teve oportunidade de publicar os primeiros trabalhos sobre dissolução de cálculos biliares no Brasil, simultaneamente com Moacyr Pádua Villela, em São Paulo. Foi fundador, em 1991, e primeiro presidente do Grupo de Fígado do Rio de Janeiro. Presidiu e organizou o XV Congresso Brasileiro de Hepatologia, realizado no Rio de Janeiro. Sandoval tornou-se professor de Gastrenterologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sobressaindo-se por seus estudos em hepatite alcoólica e carcinoma hepatocelular. Organizou e presidiu o XVI Congresso Brasileiro de Hepatologia, em Vitória.

Além dos eminentes profissionais citados, ecos da 1ª Cadeira, na prática, ou no ensino da Gastrenterologia e da Hepatologia, na clínica e em métodos complementares de diagnóstico foram, ou são: Alice Junqueira Moll, Cleber Vargas, Dejanio T. Sobral, Eponina Lemme, Félix Zyngier, Hélio Luz, José Carlos Vinhães, José Flávio Ernesto Coelho, Luiz Leite Luna, Marcus Túlio Haddad, Paschoal O. Granato, Raul Reis Gonçalves e Sérgio Roberto Viegas de Andrade.

O Médico

Clementino Fraga Filho realizou-se, tanto na assistência clínica, quanto nas atividades de professor, pesquisador e administrador. Valorizou a relação médico-paciente na clínica privada e no serviço universitário. Criou o Setor de Medicina Psicossomática, entregando sua chefia a Danilo Perestrello, pioneiro em seus trabalhos sobre *Medicina da Pessoa*.

Sensibilidade, empatia e dedicação foram algumas das características que permitiram a Fraga Filho manter grande atividade na clínica privada até os dias de hoje, contando com o carinho e a admiração dos seus pacientes. Entre estes, Vinicius de Moraes, que o chamava o "Profeta do Fígado". Para Fraga, "conhecer a pessoa que tem a doença é tão importante quanto conhecer a doença que tem a pessoa". Cícero Adolpho da Silva, professor de Medicina, amigo baiano de longa data, ao saudá-lo, por ocasião dos seus 80 anos, lembrou a afirmação de Paul Milliez, e que tanto agrada Clementino Fraga Filho: O clínico francês, no momento de sua aposentadoria, afirmou: "Muitos crêem dever algum reconhecimento ao médico que sou; de fato, sou apenas seu devedor. Dar-me a eles me permitiu dar a mim mesmo a impressão de ter sido útil, e minha vida ganhou o sentido que não teria se não fossem eles".

Presença no Ensino Médico

Além da marcada produção científica, com cerca de 450 publicações, como autor único e em parceria com seus colaboradores, Fraga Filho dedicou especial à educação médica. Foi membro atuante e Presidente da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Temas de vanguarda, como ensino relevante, articulação ensino/serviço, formação geral do médico e interdisciplinaridade foram algumas de suas preocupações. Em torno destes temas, teve

notória participação em encontros nacionais e internacionais de educação médica, tendo sido alçado à Vice-Presidência da Federação Pan-Americana de Faculdades e Escolas de Medicina, com sede em Caracas.

Atuou, intermitentemente, entre 1972 e 1989, na Comissão de Especialistas do Ensino Médico do Ministério da Educação. Teve decisiva influência na elaboração de quatro dos seis documentos produzidos, com importante contribuição para a reorientação pedagógica do ensino médico no País. Participou também da Comissão Nacional de Reformulação da Educação Superior e do Conselho Nacional de Saúde.

Fraga Filho contou em sua extensa trajetória no ensino médico com a colaboração dedicada de Alice Rosa, Coordenadora de Ensino da 1ª Clínica Médica, mais tarde, Diretora Adjunta para o Ensino de Graduação da Faculdade de Medicina da UFRJ e Diretora Executiva da ABEM. Alice Rosa foi impulsionadora da reforma do ensino na Faculdade, sendo a principal autora do livro *Ensino Médico: Atualidade de Uma Experiência*, publicado em 1995, em co-autoria com Fraga Filho e Lopes Pontes. Nele, analisam-se as mudanças do ensino na continuidade do tempo em que esses dois mestres se sucederam na Direção da Faculdade de Medicina da UFRJ. Antes, em 1980, também com a colaboração de Alice Rosa, publicou Fraga Filho, sob o patrocínio da Secretaria da Educação Superior do MEC, o livro *Temas de Educação Médica*.

O Administrador

Entre 1966 e 1969, Fraga Filho foi Vice-Reitor e Reitor da Universidade do Brasil. Em 1974, foi nomeado Diretor da Faculdade de Medicina. Na ocasião, já compunha a Comissão de Implantação do Hospital Universitário, cuja presidência exerceu de 1974 a 1978.

Em 1977, Deolindo Couto, em seu discurso no ato inaugural da Sala das Congregações do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, prestou homenagem a Fraga e a seu irmão, Reitor à época, em sua manifestação: "O comando apto e hábil de Clementino Fraga Filho, e o desengano patrocínio de Hélio Fraga conferem aos dois irmãos predestinados lugar de realce no ensino médico brasileiro. Recebendo a herança de construções inacabadas, a despeito do esforço de predecessores solícitos, deram caráter prioritário ao projeto, cuja execução se está ultimando".

Inaugurado o hospital, foi nomeado Diretor Geral, cargo que ocupou até 1985. A experiência está registrada no livro *A Implantação do Hospital Universitário da UFRJ*, com nova edição, em 2000, comemorativa do Jubileu de Prata da Fundação Universitária José Bonifácio.

Durante o período de Reitoria, conseguiu-se a aprovação do Plano de Reestruturação da Universidade do Brasil, a incorporação definitiva do *campus* da Praia Vermelha ao patrimônio da Universidade e a participação da UFRJ nos estudos relativos à Reforma Universitária.

Um fato político desse período exigiu de Fraga Filho a demonstração de suas qualidades de liderança e, ao mesmo tempo, habilidade de negociação. Em pleno regime autoritário, estudantes brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro, iniciaram demonstrações, às vezes violentas, contra as instituições, inclusive universitárias. Esse movimento, inspirado na onda de revolta estudantil que agitava a Europa, centralizada em Paris, reuniu milhares de estudantes no Teatro de Arena e adjacências, exigindo a presença dos membros do Conselho Universitário, que iniciava sessão no palácio da Reitoria. Zuenir Ventura, em seu livro - *1969, O Ano Que Não Terminou* - relatou o episódio em que o Reitor se defrontou com a polícia que cercara o *campus*: "Clementino iria demonstrar um grande desassombro não só diante dos estudantes como, mais tarde, ao enfrentar a polícia". A qualidade de hábil negociador foi confirmada, quando obteve a retirada da milícia após gestões junto ao Governador do Estado".

Durante os 65 anos de trabalho nas enfermarias da Santa Casa, na Faculdade de Medicina e no Hospital Universitário, Fraga Filho foi dedicado aos doentes, leal aos seus amigos e colegas e justo com seus chefiados. Prova disso é a ligação sempre afetuosa com seus Chefes de Clínica, Nelson Nogueira e Jorge Toledo, com alunos e ex-alunos e demais colaboradores. Exemplo especial é a atenção constante com sua fiel secretária, Icléa Giordano, que, por mais de 50 anos, o acompanha, na Santa Casa, no Hospital Universitário e na clínica particular.

O Retorno à Santa Casa

Cumprida a carreira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Clementino Fraga Filho retornou à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1986, retomando suas atividades na 4ª e 20ª Enfermarias, tradicionais centros de assistência e ensino nos tempos da 1ª

Cadeira de Clínica Médica.

Em suas primeiras iniciativas, sobressai a criação do Curso de Especialização em Clínica Médica, inovador na inclusão em sua organização curricular das disciplinas: Epidemiologia Clínica, Ética na Prática Clínica, Psiquiatria para o Clínico. Aprovado pelo MEC, sua execução se iniciou em 1994. 9

Em 1996, por inspiração de seu antigo e fiel colaborador e, no momento, seu Chefe de Clínica, Milton Arantes, deu início ao programa de educação continuada em Gastreenterologia.- *Três Manhãs na Santa Casa* – que se vem realizando, anualmente, no Hospital Geral da Santa Casa. A conferência de abertura versou sobre *Transplante Hepático*, e foi proferida pelo cirurgião José Roberto Nery, da Universidade de Miami, presentes estavam quatro pacientes brasileiros, por ele operados, três dos quais sob cuidados de Milton Arantes.

Em 1998, teve início outra atividade de educação médica continuada - o Clube do Fígado, que se reúne, mensalmente, com a participação de médicos de outros hospitais.

No campo da investigação, em 1999, em parceria com o Departamento de Virologia da FIOCRUZ, conduzido à época por Clara Yoshida, a equipe médica do Serviço, sob a liderança de Milton Arantes, realizou pesquisa de marcadores virais das hepatites, sendo coletados, de funcionários do Hospital Geral da Santa Casa, mais de 1000 soros, sendo vacinada a comunidade contra o vírus da hepatite B.

No ano seguinte, a mesma equipe, também com o apoio da FIOCRUZ, executou trabalho semelhante, após detecção de casos de hepatite A no berçário do Instituto Romão Duarte, pertencente à Santa Casa. Pesquisou-se marcadores virais naquela comunidade, em amostra de mais de 400 soros, vacinando-se essa comunidade contra hepatite B.

Hoje, por indicação de Clementino Fraga Filho, o Serviço de Clínica Médica é chefiado por Milton Arantes, um de seus ex-alunos e constantes colaboradores, que chegou a chefiar o Serviço de Gastreenterologia do Hospital Universitário da UFRJ, e exerceu a Presidência da Sociedade de Gastreenterologia do Rio de Janeiro, no biênio 2003/04. Teve oportunidade de aperfeiçoar-se em estágios realizados na Inglaterra, em Cambridge, onde estudou fibrose hepática, e na Universidade de Bristol, na qual desenvolveu sua tese de doutorado, sobre testes respiratórios e doenças gastrintestinais, sob a orientação de Richard Harvey e Allan Read.

Nos campos da Gastreenterologia e da Hepatologia, ressaltam-se duas das iniciativas da nova Chefia do Serviço: a prestação permanente de serviços, desde 2001, à população de rua, assistida pelas Irmãs Missionárias da Caridade Teresa de Calcutá, como contrapartida da execução de projetos de pesquisa: pesquisa de marcadores virais em hepatites, AIDS, alcoolismo e uso de outras drogas, que se complementam com a vacinação contra hepatite B; a coordenação, compartilhada com Alfredo Burke, Chefe da 22ª Enfermaria, do Curso de Especialização em Doenças Digestivas, aprovado pelo MEC.

Clementino Fraga Filho faz lembrar o pensamento do poeta: "O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis". (Fernando Pessoa)

FERNANDO GUERRA ALVARIZ **20-09-1924**

Autor: Ricardo Alvariz (filho)

Infância – a família:

Alvariz nasceu a 20 de setembro de 1924, na pequenina cidade de Quarai, na zona pecuária do Rio Grande do Sul, fronteira à cidade uruguaia de Artigas. Terceiro e último filho de Olegário Alvariz e Adelina Guerra Alvariz, ambos de famílias tradicionais da zona agro-pastoril da fronteira riograndense com o Uruguai. Passou sua primeira infância em Uruguaiana, na fronteira com a Argentina, onde seu pai era gerente do Banco Pelotense. Em 1931 o estado sofria séria crise econômica, reflexo mundial da que se iniciara em 1929, agravada por mudanças e perseguições políticas coincidentes com a vitória da revolução de 1930. Como consequência, o poderoso Banco Pelotense fechou as portas, no momento em que o pai de Alvariz era promovido a Diretor. Isso, e a saúde do primogênito, que não tolerava os rigorosos invernos que se seguiram, levaram a família a migrar para o Rio de Janeiro, aí fixando-se a partir de 1933.

Instrução e Estágio hospitalar no curso médico:

Na então Capital Federal Alvariz completou o curso primário e cumpriu as demais etapas do currículo (na época, cursos ginásial e pré-médico) no Externato São José, dos maristas, e colégios Aldridge e Andrews. Em 1944 iniciou o curso médico na então Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (FNM-UB), atual UFRJ.

Decepcionado com a qualidade das aulas matinais após o segundo ano, aceitou sugestão do amigo Oswaldo Franco de Gouveia, indo estagiar na 9ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, velho hospital onde pontificavam grandes vultos da medicina brasileira. Lá permaneceu, pelas manhãs, durante todo o resto do curso médico, com grande entusiasmo e total assiduidade. A enfermaria era chefiada pelo Prof. Aleixo de Brito, homem de invulgar cultura médica e brilhante raciocínio clínico, além de excepcional comunicador. O Prof. Aleixo era, no entanto, algo autoritário e às vezes rude, com alguma frequência admoestando publicamente alunos ou assistentes surpreendidos em alguma falha ou desatenção, o que já ocasionara a saída de alguns jovens e valorosos internos e médicos. Dotado de pouca tolerância para críticas públicas, pensava Alvariz em lá permanecer somente até que, eventualmente, chegasse a sua vez. Isso, no entanto, jamais ocorreu. Ao contrário, o Prof. Aleixo sempre tratou-o com a maior elegância e distinção, inclusive indicando-o para Monitor da Faculdade e, ainda no quinto ano, promovendo-o à função de assistente, com três leitos a seu encargo, fato que antes nunca ocorrera. O estágio regular na Santa Casa serviu para exacerbar o gosto e o entusiasmo do jovem aluno pela Clínica Médica, levando-o a mergulhar nos livros e a matricular-se em vários cursos de extensão.

Na época em que Alvariz cursava a FNM não existiam hospitais-escola no Rio de Janeiro, nem, obviamente, CTI. A Santa Casa era um bom lugar para estudar moléstias clínicas, especialmente crônicas. Ficava, porém, faltando a prática em emergências, o que levava a maioria a tentar estágios nos hospitais municipais de pronto-socorro. Eram, à época, de boa qualidade, sendo as equipes geralmente chefiadas pelos melhores cirurgiões da cidade. A prova de admissão para Auxiliar de Médico desses hospitais era de extremo rigor, exigindo preparo de vários meses de estudo intensivo. Aprovado em terceiro lugar, pode Alvariz escolher, em 1948, o hospital de seu desejo, o Getúlio Vargas. Ali encontrou jovens e interessados médicos, um ambiente acolhedor, e um admirável chefe da equipe, na pessoa do Dr. Julio Sanderson de Queiroz, recentemente falecido. Além da grande habilidade cirúrgica e sólidos conhecimentos médicos, tinha ele vasta cultura geral, posição política avançada e outras qualidades que o tornavam alvo de profunda admiração de todos. Rigoroso e disciplinado cumpridor de suas tarefas, passou Alvariz a contar com total apoio, confiança e amizade dos membros da equipe, especialmente do seu chefe. Tanto este como o jovem cirurgião Saulo Pinto Moreira – futuro prefeito de Juiz de Fora e Ministro Interino da Saúde – vendo seu interesse, inclusive pelos casos cirúrgicos, quiseram torná-lo cirurgião. Após cerca de um ano de treinamento, recebeu autorização para realizar várias intervenções de urgência. Assim transcorreram os seis anos de estudo e treinamento de Alvariz como estudante de medicina, nos quais encontrou ajuda e amizade de muitos superiores, com particular destaque para Aleixo de Brito, na área clínica, e Julio Sanderson na cirúrgica, por ele admirados como os

principais faróis a orientá-lo nos caminhos iniciais da profissão que apaixonadamente abraçara. Foi uma fase muito feliz, morando com os pais – os dois irmãos haviam casado – na agradável e segura Copacabana de então. O tempo livre era dedicado à praia e outras diversões habituais aos rapazes da época. A solenidade de formatura, no Teatro Municipal, ocorreu em dezembro de 1949.

Características pessoais:

Nesta altura, cabe descrever alguns traços da personalidade de Alvariz, trazidos do berço, como de regra. Timidez, perfeccionismo e autocrítica rigorosa marcaram o seu caráter. Assinale-se, ainda, sua simplicidade, apreço pela boa ética e pela disciplina, à qual sempre se submeteu e que procurou manter nas várias chefias que veio a exercer. Tais características não favoreciam maior brilho social, que nunca cortejou. A vida no hospital, uma constante, o convívio e a amizade dos alunos e colegas, e a certeza de que estava dando o máximo para manter-se atualizado, bastavam-lhe. Após constituir família, esposa e quatro filhos completaram, de forma harmônica, seu ideal de vida, ainda que simples e de acordo com a maneira pouco lucrativa que escolhera para exercer a medicina. Incansável trabalhador, como fora o pai, negou-se a encerrar sua atividade diária no hospital universitário quando, ao completar 70 anos, em plena capacidade física e intelectual, foi compulsoriamente aposentado. Dentre seus defeitos, pode ser citado um certo e disfarçado orgulho, que estimulava mais sua autocrítica e dedicação ao trabalho e ao estudo. Nunca solicitou favores em benefício próprio, nem buscou formas paralelas de promoção fácil, procurando afastar-se dos que o fizessem ultrapassando o respeito aos preceitos éticos. Todos os cargos que exerceu resultaram de concursos públicos ou corresponderam a convites. Jamais os solicitou.

Casamento:

Em 17 de setembro de 1959, casou-se Alvariz com Maria Aparecida Naldoni Cerqueira, sobrinha de um constante e saudoso amigo. A cerimônia, muito simples, por decisão dos noivos, teve lugar na antiga matriz de Aparecida. Presentes estavam o Prof. Américo Piquet Carneiro, um dos padrinhos, familiares do Rio, Poços de Caldas e São Paulo, e de maior número de colegas e amigos do que imaginara. Em 20 de junho do ano seguinte nasceu a primeira filha, Mônica (engenheira). Nos quatro anos seguintes foi a família enriquecida com o nascimento de mais três filhos: Alexandre (arquiteto), Ricardo e Ângela (médicos).

Pós-graduação - Research Fellow do Hospital Mount Sinai:

Insatisfeito com os laudos das biópsias hepáticas que fazia, e desejoso de assimilar e interpretar seus achados, teve Alvariz dificuldade em obter, na sua cidade, o auxílio que almejava. Lera o magnífico livro *Liver: Structure and Function*, de Popper e Schaffner, de 1957, que se tornou como que a Bíblia dos médicos com interesse específico em fígado. Decorrido pouco mais de um ano, veio Schaffner ao Rio. Alvariz assistiu à sua esclarecedora conferência na Santa Casa, indagando-lhe ao final sobre a possibilidade de estagiar no Mount Sinai Hospital de Nova York, onde aqueles dois autores trabalhavam. Schaffner recebeu com atenção seu interesse e, após cerca de seis meses e algumas dêmaches, foi-lhe concedida uma modesta bolsa para estagiar por um ano como research fellow, com Popper e Schaffner, naquele hospital.

Em 13 de agosto de 1960 embarcou para Washington, ali permanecendo por um mês, num curso obrigatório sobre a realidade do país. Sobrava bastante tempo para confraternizar com estudantes de todo o mundo, reunidos às noites em casa a isso destinada, e para conhecer e maravilhar-se com a belíssima e então tranqüila cidade e suas riquezas culturais. Tornou-se amigo de Marcílio Marques Moreira, secretário da Embaixada Brasileira, depois renomado economista e Ministro da Fazenda, que gentilmente levou-o a inúmeros pontos turísticos e históricos, e a várias reuniões. Outro dos amigos lá feitos, Olympio Faissol Filho, hoje um dos mais destacados odontólogos do país, muito o ajudou em desvendar detalhes da cidade e, depois, na busca de apartamento de aluguel acessível para morar em Nova York.

Após um mês em Washington, viajou para Nova York, onde se apresentou ao Prof. Fenton Schaffner, no magnífico hospital Mount Sinai. Foi logo levado à presença de Hans Popper, chefe do Serviço de Patologia, considerado, até morrer, o maior dos hepatologistas. Judeu austríaco, conseguira fugir à perseguição nazista, indo para os Estados- Unidos.

O trabalho de Alvariz, como o de Don Anthony, o outro research fellow recém admitido, um simpático americano com quem fez logo amizade, consistia em visitar e anotar em ficha própria todos os dados dos pacientes hepáticos nas diversas enfermarias, e apresentá-los nas visitas coletivas. Foram-lhe franqueados um potente foto-microscópio, o arquivo de lâminas histológicas de Popper, e rolos de filmes para documentar os achados em transparências.

O horário de trabalho era de 8:30 às 17:00 h, mas às segundas e terças-feiras prolongava-se

até cerca da meia-noite. Às segundas, para participar da reunião semanal de pesquisa, de Popper, e às terças, na de Mortalidade Médica ou Cirúrgica, onde todos os casos de óbito eram discutidos. Pela sessão de pesquisa passavam os grandes estudiosos do fígado, americanos e estrangeiros em visita a Nova York. Havia uma sessão semanal na Patologia, na qual Popper, de avental e luvas, segurando fígados nas mãos, mostrava detalhes macroscópicos das lesões. Popper era acessível e logo passou a levar Anthony e Alvariz, em seu próprio carro, para assistir freqüentes sessões anatomo-clínicas em hospitais da área de NY, das quais era o relator. Outras sessões semanais, com discussão de casos e diversas patologias clínicas, eram de alto nível. Delas participavam famosos membros do staff, como Crohn, que descreveu a doença que leva seu nome, e Moscowicz, pioneiro na caracterização da púrpura trombocitopênica trombótica.

Faltava a Alvariz, nos primeiros dias, alguém que se dispusesse a ajudá-lo na interpretação dos achados de histologia hepática. Foi quando Augusto Paulino Neto, já encerrando seu estágio em pâncreas com o Prof. Dreiling, apresentou-lhe o Prof. Zilton Andrade, um brilhante Professor de Patologia da Faculdade de Medicina de Salvador, estagiando no Mount Sinai. Simples e modesto, suas elevadas qualidades de caráter e profundo conhecimento especializado encantaram Alvariz, como haviam despertado a admiração de Popper. Logo tornaram-se amigos e Zilton reservava diariamente algum tempo, após o almoço, para treinar o colega, revendo e comentando descrição feita por Alvariz dos achados nas lâminas histológicas que lhe havia previamente fornecido. Chegavam diariamente ao hospital, dos mais diversos países, consultas acompanhadas por lâminas histológicas de biópsias hepáticas. Todas eram, de pronto, entregues por Popper a Zilton, que chamava Alvariz para observá-las e depois acompanhá-lo na avaliação final com aquele professor.

Assim que chegou a NY, teve Alvariz a difícil tarefa de procurar, dentro do orçamento de que dispunha, inferior ao salário mínimo do país, apartamento para morar com a esposa e a primeira filha, que vira nascer pouco antes de viajar, e que pronto chegariam do Brasil. Após alguns transtornos, encontrou ótimo local em apart-hotel situado na rua 73W, próximo ao Riverside Park e à Broadway. Passeios no Riverside e no Central Park, visitas aos grandes magazines e outros locais públicos, eram diversões simples e sem dispêndio, muito apreciadas. Logo veio o inverno, o mais rigoroso dos últimos 40 anos, trazendo alguma dificuldade de locomoção fora do metrô, mas oferecendo o belo espetáculo, inédito para o casal, da neve a cair suavemente e a branquear toda a cidade. A TV, além de ótimo passa-tempo, permitia-lhes acompanhar espetáculos como os da campanha de Kennedy à presidência e as sessões da ONU. O Natal foi passado no apartamento de Zilton, junto com sua família.

No início de 1961 recebeu Alvariz a visita de um grupo de professores da UERJ. Piquet e Jayme Landmann, com as esposas, optaram por hospedar-se no seu hotel. Conversando com Piquet, expôs-lhe Alvariz seu pensamento quanto à subdivisão do Serviço no Hospital do IAPETC, a fim de permitir o maior desenvolvimento de cada sub-especialidade clínica, tudo sob o comando do Chefe da Clínica Médica, tal como ocorria no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), no Rio de Janeiro.

Dentro do programa de seu estágio, participou também Alvariz de congressos em vários estados, além de visitas ou estágios de uma a duas semanas em universidades, como a John's Hopkins (Baltimore, 1961), Chicago e Northwestern (Chicago, 1961). Muitas visitas a hospitais, em NY e Washington (Walter Reed), e ao National Institutes of Health, em Bethesda. Freqüentou também alguns cursos, como o de Gastroenterologia do Prof. Bockus, patrocinado pelo American College of Physicians, com duração de uma semana (Philadelphia, 1961). Finalizadas as atividades do estágio, inclusive a entrega dos diplomas no Public Health Department, embarcou Alvariz para o Brasil, em 4/7/61. A esposa, que enfrentara com alegria as durezas de viver em NY com muita limitação financeira, havia regressado um mês antes, por estar grávida do segundo filho, Alexandre.

Livre-Docência:

Alvariz vinha preparando, desde o final da década de 60, uma tese sobre hepatite aguda grave, destinada a disputar o anunciado concurso de Livre Docência na Faculdade Fluminense de Medicina (Hepatite Aguda Grave, Tese, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ, 1974). Nela estudou 25 casos de hepatite aguda grave, de etiologia viral ou medicamentosa, representando 3,76% dos casos de hepatite atendidos entre janeiro de 1950 e junho de 1974, no Serviço de Clínica Médica do Hospital do IAPETC, que passaremos a denominar como Hospital Geral de Bonsucesso (HGB), nome que posteriormente recebeu, em caráter definitivo. Todos os casos, cuja mortalidade atingiu 84%, foram acompanhados pessoalmente pelo autor. Como o concurso da FFM sofresse sucessivos adiamentos, e atendendo ao gentil empenho do

Prof. Geraldo Siffert, decidiu-se a utilizá-la na disputa do título de Livre Docente em Gastroenterologia da Escola de Pós-Graduação Médica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi aprovado em primeiro lugar, no conjunto das cinco provas (títulos, escrita, prática, aula, defesa de tese) realizadas em 1975, com banca presidida pelo ilustre Prof. Pedro Nava.

Atividades como médico e professor:

No Hospital Geral de Bonsucesso

Aos seis meses de formado, foi Alvariz convidado pelo Professor Américo Piquet Carneiro, chefe do Serviço de Clínica Médica do HGB, a integrar sua equipe. Era um hospital grande e moderno, recém construído, com cerca de 700 leitos, destinado inicialmente a atender os segurados do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas. Lá trabalhavam, além do Prof. Piquet, outras grandes figuras da medicina brasileira, com destaque para os dois filhos do grande Oswaldo Cruz, Oswaldo Cruz Filho e Walter Oswaldo Cruz, na Bacteriologia e Hematologia, Gelli Pereira, pesquisador de escol, depois radicado em Londres, Flávio Aprigliano, precursor da endoscopia per-oral no Rio de Janeiro, Sérgio Franco, que montou o melhor laboratório de Bioquímica da cidade, Darcy Magalhães, exímio cirurgião e ginecologista, e notáveis ortopedistas, como Oscar Rudge, Vicente Rondinelli e Luis Paulo Tovar. Rondinelli e Tovar, ex-campeões de futebol, além Jamil Haddad, jovem ortopedista, ex-campeão carioca de basquete e futuro senador e ministro da Saúde, tornaram-se grandes amigos de Alvariz, e seus companheiros na prática do ski aquático. As quartas-feiras havia uma "pelada" no campo do vizinho Abrigo Cristo Redentor, também freqüentada pelos internos, além de alguns médicos e funcionários do hospital.

A admiração e amizade de Alvariz pelo Prof. Piquet foi se consolidando com o convívio diário. Aos poucos foi observando, naquele homem de exterior suave e modesto, qualidades exponenciais, difíceis de reunir num mesmo indivíduo. Profundamente estudioso e inteligente, seus amplos conhecimentos ultrapassavam o campo médico, abrangendo vasta cultura geral e humanística. Muito fino no trato e rigorosamente ético, parecia antes um colega mais velho que todos respeitavam e acatavam, do que um chefe impositivo. Muito religioso, ia à missa e comungava diariamente, era Irmão leigo da Ordem Beneditina, foi o primeiro a receber a hóstia das mãos do Papa, na sua primeira visita ao Rio de Janeiro, sendo amigo e companheiro de intelectuais católicos do nível de Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. Jamais, porém, externava sua profunda religiosidade ou fazia proselitismo. Muito justo, não distinguia, no trabalho, a posição religiosa ou política de cada um, e não indagava a respeito. Era, no entanto, ótimo observador, determinado e inflexível no cumprimento de suas responsabilidades, e dotado de coragem para agir sempre que necessário. Isso demonstrou, por exemplo, quando, em 1968, já então Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), viu seu gabinete invadido por militares em busca de estudantes envolvidos nas manifestações de 1968, contra o regime militar.

Aos poucos foi o Prof. Piquet demonstrando grande empatia e confiança em relação a Alvariz, a quem entregava a responsabilidade do Serviço em eventuais afastamentos, oficializando-o como seu Substituto Automático em 1955. Essa confiança era plenamente retribuída, tendo Alvariz feito do hospital sua segunda casa. Participava, ainda, como Professor-Assistente, do Curso Equiparado de Clínica Médica da FNM-UB, atual UFRJ, ministrado por Piquet, na qualidade de Livre Docente. O curso era dado no próprio Serviço do HGB e os alunos, atraídos pelas excepcionais qualidades didáticas de Piquet, e pela estrutura hospitalar que não encontravam na Faculdade, faziam fila, alguns desde a véspera, para nele inscrever-se.

A procura por estágio no Serviço, como Interno Voluntário, foi crescendo. A grande maioria era encaminhada para Alvariz, que se via rodeado por estudantes sequiosos de aprendizado na prática clínica. Médicos hoje famosos seguiram esse caminho, nessa época ou pouco depois. Dentre eles, Moyses Sklo, que atingiu a chefia do importante departamento de Medicina Social na Universidade John's Hopkins, Emilio Francischetti que, bastante jovem, foi Professor Titular em São José do Rio Preto, e depois em Taubaté, até prestar concurso e assumir uma Cadeira de Clínica Médica na UERJ, Hesio Cordeiro, futuro Reitor da UERJ e hoje Diretor da Escola Médica da Universidade Estácio de Sá, Luiz Felipe Mattoso, grande radiologista, Antonio Tufic Simão que, no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), criou e chefiou o primeiro Centro de Tratamento Intensivo do Rio de Janeiro, João Bosco Magalhães Rios, dos mais destacados alergistas da cidade, e muitos outros.

O interesse de Alvariz pelas hepatopatias cresceu com a ida para o HGB, onde os hepatopatas representavam proporção significativa dos numerosos casos internados. Em outubro de 1952 apresentava, juntamente com Piquet, na I Jornada Médica de Cataguazes, estudo com série de

casos de hepatite viral aguda. Em 1954 passou a realizar biópsias hepáticas percutâneas. Considerável parte de seu tempo e de seus estudos, porém, tinham por objeto outras áreas clínicas, pois a cada dia devia atender casos das mais diversas afecções. Era um grande serviço de Clínica Médica, com mais de setenta leitos, e o Prof. Piquet não era apologista da sua subdivisão em setores especializados, idéia que começava a empolgar Alvariz.

Estudava-se muito e para isso ia-se, com muita freqüência, à casa de Piquet e a algumas bibliotecas médicas da cidade, especialmente do vizinho Instituto Oswaldo Cruz e do HSE. Os jovens médicos e internos voluntários permaneciam em tempo integral no hospital, discutiam cada caso em rounds e sessões. Pouco, no entanto, era apresentado em congressos ou publicado, em parte por falta de tempo livre ou por autocritica, às vezes exagerada. Dos poucos trabalhos publicados na década de 50, vale citar o de Piquet e Alvariz, relatando um dos primeiros casos de mielite esquistossomótica da literatura

universal (Hospital 1955;47:237-253). Em 1960, estimulado por Sanderson, escreveu Alvariz uma revisão didática sobre funções e provas funcionais hepáticas, objeto de curso anual noturno que vinha dando por solicitação do Diretório Acadêmico (Rev Med Estado Guanabara 1960;27:281-332), e que teve boa acolhida, especialmente entre alunos de várias escolas médicas. Esse texto teve o mérito de, mais adiante, ensejar sua aproximação com Thomaz Figueiredo Mendes, incansável e agregador hepatologista que desejava fundar a Sociedade Brasileira de Hepatologia e organizar o Primeiro Congresso Brasileiro de Hepatologia, atividades pioneiras das quais Alvariz, por ele convocado, participou.

Na parte social, Piquet organizava reuniões em sua casa ou na de seu irmão José. Chegou, em duas ocasiões, a formar grupo de rapazes e moças, por ele escolhidos, com o objetivo de confraternização através de agradáveis reuniões e excursões. Alvariz desconfiava que um dos objetivos era facilitar o fim do celibato daqueles jovens, tendo, porém, permanecido imune.

Piquet aspirava à Cátedra, o que o levou a disputar por duas vezes uma Cadeira de Clínica Médica da então FNM da Universidade do Brasil. Para isso preparou duas teses, uma sobre "Doenças do Colágeno", outra sobre a "Síndrome de Cruveilhier-Baumgarten", mas não era ainda a sua vez. Nessa fase, teria forçosamente de afastar-se um pouco das atividades do hospital, inclusive usando algumas licenças a que podia recorrer. Alvariz passou a responder pela maior parte das responsabilidades da Clínica Médica. Em 1959, Piquet assumiu uma das Cadeiras de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da então Universidade da Guanabara, hoje UERJ. Fora vitorioso nas provas, com tese versando sobre colestase prolongada na hepatite viral aguda. Alvariz foi nomeado Instrutor de Ensino e, mais tarde, Assistente de Clínica Médica da mesma Faculdade. À falta de hospital próprio, aulas teóricas e prática hospitalar processavam-se no Serviço de Piquet, no HGB. A seguir, no entanto, Piquet conseguiu com o Governador Carlos Lacerda, seu amigo, fosse o Hospital Pedro Ernesto cedido à Faculdade, a primeira do Rio de Janeiro a contar com esse benefício.

Entre agosto de 1960 e Julho de 1961, fez Alvariz um estágio de pós-graduação em hepatopatias no Mount Sinai Hospital, de Nova York, por muitos anos a Meca do estudo da Hepatologia, detalhado noutro tópico.

Poucos dias após seu regresso desse estágio, o Prof. Piquet, ouvidos os demais assistentes reunidos em sessão, decidiu aceitar a reorganização do Serviço e a criação de setores especializados, seg undo sugerira Alvariz,. A inauguração do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) obrigou Piquet a licenciar-se do HGB, tendo na ocasião aconselhando Alvariz, seu substituto, a trocá-lo pelo HUPE, assim como a preparar tese para disputar a Cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias, em prova a ser brevemente realizada.

Alvariz preferiu recusar o honroso convite, embora mantendo atividade em tempo parcial no HUPE. Suas razões foram compreendidas por Piquet, não ocasionando qualquer arranhão numa amizade que perdurou até a morte do grande mestre. Os principais motivos dessa recusa foram, de um lado, algumas dificuldades existentes no Pedro Ernesto, como a existência de cinco clínicas médicas independentes e sem ambulatório e, de outro, o entusiasmo pelo trabalho de reorganização do Serviço de Clínica Médica do HGB. Estava ele em curso, sob a égide de Alvariz, que desde 1955 fora nomeado substituto automático do Chefe do Serviço de Clínica Médica, sendo posteriormente efetivado nessa chefia, por ocasião da aposentadoria de Piquet.

O HGB apresentava grande potencialidade e contava com vários médicos e serviços de incontestável valor. Dentre eles, além dos anteriormente citados, como Sérgio Franco, com seu atualíssimo laboratório de Bioquímica, devem ser mencionados Paulo Dacorso e, depois, Euzenir Sarno, que deram nova vida à Patologia. Os Setores da Clínica Médica iam sendo organizados - Endocrinologia, Hematologia, Gastroenterologia, Nefrologia, Pneumologia

e Reumatologia – contando com jovens dedicados e eficientes médicos. Foram sendo implantados, dentre outros avanços, o transplante renal, a fibro-endoscopia digestiva alta e baixa, a laparoscopia, as provas de função respiratória e um pequeno laboratório, que cresceu e se mostrou de enorme valia quando, algum tempo depois, o Dr. Sergio Franco decidiu afastar-se. Para isso, especialmente no que tange aos testes hepáticos, Alvariz teve que adquirir certa prática nas técnicas bioquímicas, transferindo o trabalho, depois, à eficiente e dedicada secretária Maria de Fátima. O Dr. João Luis Pereira, que lá trabalhava desde estudante, deu também valiosa contribuição, especialmente na pesquisa dos marcadores do vírus B da hepatite. Nos demais setores, diversos médicos seguiram conduta semelhante.

Após alguns anos de luta do corpo médico do HGB, duas reivindicações, ambas de primordial importância, foram atendidas. Uma foi a criação da Residência Médica que, dentre inúmeras vantagens, veio a resolver o grave problema do atendimento nos plantões. Outra vitória decisiva foi a abertura do ambulatório que, funcionando basicamente à tarde, com aproveitamento dos médicos que já atuavam pela manhã, representou uma forma de trabalho em tempo integral, de capital importância. Esses fatos levaram Alvariz a demitir-se da faculdade, onde mantinha atividade parcial, para o cumprimento da qual agora lhe faltava tempo.

No que tange à Hepatologia que, juntamente com a Gastroenterologia, ficava sob a coordenação direta de Alvariz, a existência de ambulatório e laboratório próprios foi extraordinariamente benéfica. Colhia-se sangue dos pacientes a cada consulta, evitando-se assim, na grande maioria das vezes, a necessidade de retorno para colheita. Os exames bioquímicos e, quando era o caso, de forma algo pioneira, os marcadores virais então existentes, eram prontamente realizados. Os soros, por outro lado, eram sistematicamente estocados a baixa temperatura, dando-se início a uma soroteca que veio a assumir grandes proporções. Esse sistema trouxe muitas vantagens, inclusive, ganhando-se tempo para o diagnóstico. Alvariz exemplificava com a identificação precoce de evolução à forma fulminante, de dois casos de hepatite aguda aparentemente benigna, através do que ele chamava de “sinal da cruz”: queda progressiva das transaminases e simultânea elevação da bilirrubina. Convocados, foram os dois prontamente internados, passando a ser intensivamente medicados, apesar do que ambos entraram em franca encefalopatia, da qual, felizmente, um saiu e obteve a cura.

O hospital recebia grande número de casos de hipertensão porta, quase sempre ocasionada por cirrose ou esquistossomose, com alta mortalidade por hemorragia digestiva alta. Não havia ainda o tratamento endoscópico, tendo que recorrer-se a toda hora ao uso das sondas-balão. Muitas vezes impunha-se o tratamento cirúrgico, que não era ainda realizado no HGB. Conseguiu Alvariz, vezes sem conta, a colaboração, sem qualquer contrapartida material, do Prof. Pedro Abdalla, exímio cirurgião do HSE, com larga experiência nas cirurgias de anastomose porto-cava e similares, o que ajudou a salvar muitas vidas. Acabou sendo conseguida a sua transferência para o HGB, onde assumiu a chefia de importante Clínica Cirúrgica.

Na era anterior ao desenvolvimento da ultra-sonografia e da colangiografia endoscópica retrógrada, o diagnóstico das icterícias colestáticas estava sujeito a erros ou retardo, muitas vezes com sérias conseqüências. Em 1964, Alvariz passou a realizar colangiografias percutâneas transhepáticas, por método e com agulha próprios, o que permitia o rápido esclarecimento desses casos. Seus bons resultados foram publicados, tendo ele sido solicitado por colegas de outras cidades e estados a demonstrar seu método.

Desde o início da década de 60, os médicos dos vários setores passaram a freqüentar regularmente os congressos das especialidades clínicas, e a apresentar seus resultados. Na Gastroenterologia, vários trabalhos foram apresentados, dezessete deles sendo publicados em revistas nacionais. Num era relatado o segundo caso de esteatose aguda da gravidez publicado no país, com ampla documentação dos achados de necropsia (O Hospital 1965;68:1055-1070). Outro, sobre a lesão hepática pelo antimônio usado no tratamento da esquistossomose, foi reproduzido em compêndio do Serviço de Saúde da Marinha de Guerra dos Estados- Unidos. Nas décadas seguintes, essas atividades foram crescendo, inclusive com publicações em periódicos estrangeiros.

Ao lado desses fatos positivos, outros, negativos, surgiam de quando em vez, quase sempre devidos à influência da má política partidária na direção do hospital. Nessas fases, exacerbava-se habitualmente a corrupção que sentíamos existir, exemplificada, de forma inacreditável, pela compra de seringas de 500ml, pouco usadas, em quantidade tal que corresponderia ao consumo de 400 anos! De outra feita, Alvariz denunciou a compra de kits para determinação

de enzimas hepáticas, fornecidos por firma suspeita, tendo a apuração do fato esclarecido tratar-se de material roubado do INAMPS e ao mesmo posteriormente revendido!

Dois grandes problemas não médicos, decorrentes de influências políticas espúrias, teve Alvariz que enfrentar nos longos anos em que conduziu a Clínica Médica do HGB. O primeiro, em 1980, originou-se da entrega do controle do hospital a grupo político de baixo nível, que passou a desorganizar tudo, a favorecer protegidos de pouca seriedade ou capacidade, a demitir muitos dos melhores médicos, com longa folha de serviços prestados ao hospital. Diante disso, decidiu Alvariz procurar a Sociedade de Medicina e Cirurgia do RJ, de cujo Conselho Superior era membro, sendo os fatos denunciados de forma ética no jornal dessa sociedade. Daí resultou a demissão de Alvariz da Chefia da Clínica, por ordem direta do chefe político ao diretor por ele nomeado. Esse fato revoltou médicos e demais funcionários que, em reunião permanente, desconsideravam qualquer determinação do diretor, ao tempo em que os residentes declaravam-se em greve. Tudo repercutiu vivamente na imprensa, rádio e TV, originando desvanecedoras manifestações de desagravo de várias personalidades e entidades médicas. Em uma semana a demissão foi desfeita e, pouco depois, substituído o diretor.

O segundo problema decorreu do descontrole administrativo de um governo federal que acabou sofrendo impeachment. Temeroso com reclamações transmitidas em reportagem de TV, feitas por alguns pacientes que, de vários municípios, afluíam em massa ao hospital, ultrapassando sua capacidade de atendimento pronto, decidiu-se o diretor por absurda solução. Determinou que os ambulatórios da Clínica Médica, todos altamente referenciados e atendendo enorme clientela com afecções que exigiam tratamento especializado, fossem transformados em ambulatórios de "Pronto Atendimento". Trata-se de um tipo de atendimento destinado a atender a problemas mais simples, com consultas geralmente super-rápidas e mais vezes não resolutivas, que alguns alcunhavam de "papa-fila". Tendo Alvariz se oposto a essa medida, embora oferecendo uma cota extra de sacrifício dos médicos do seu Serviço, previamente consultados, para ampliação desse Pronto Atendimento, passou a ser perseguido pelo então diretor, até ser demitido da chefia. Chegando de Sidnei, onde representara o Brasil no Congresso Mundial de Gastroenterologia, na qualidade de Presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, decidiu-se Alvariz a apresentar seu imediato pedido de demissão do cargo de médico, com perda de todas as vantagens adquiridas em muitos anos de trabalho. À última hora, porém, essa perda foi evitada por outra "loucura" do mesmo governo: fora posto, na honrosa companhia de Pedro Abdalla e outras figuras exponenciais do HGB e de outros hospitais, como Julio Sanderson, José Wasen da Rocha e Alcides Caltabiano, em "disponibilidade remunerada". Trata-se de uma situação absurda e suspeita, em que o funcionário percebe integralmente o salário, mas não pode apresentar-se ao trabalho! Numa medida indigna, a direção do HGB ofereceu ao Instituto Oswaldo Cruz os sete freezers com milhares de soros acumulados por Alvariz. A Diretora do Instituto de Virologia do IOC, após consultá-lo e da forma mais ética possível, aceitou-os somente para, ato contínuo, a ele devolver-lhes, o que foi feito. Infelizmente, porém, num requinte de inqualificável desrespeito pelo trabalho de anos, haviam eles sido desligados da corrente elétrica durante a sua ausência, com perda de todos os soros.

Assim que ficou em disponibilidade remunerada, passou Alvariz a atuar em tempo integral na FCM, à qual voltara após dez anos de afastamento, como será relatado. Transcorridos dois anos, adquiriu o tempo necessário e aposentou-se do HGB, não mais voltando ao seu amado hospital, exceto dez anos depois, quando foi homenageado, sendo então batizada com seu nome a ala principal da Clínica Médica, palco de seus esforços por muitos anos.

Faculdade de Ciências Médicas da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Hospital Universitário Pedro Ernesto:

A atuação de Alvariz como professor da FCM dividiu-se em duas fases. A primeira, em tempo parcial, transcorreu entre agosto de 1959 e agosto de 1970, inicialmente como Instrutor de Ensino, depois como Professor Assistente de Clínica Médica. Demitiu-se voluntariamente em 1970, ao constatar que, com a criação do ambulatório no HGB, não lhe sobrava tempo para bem exercer essa atividade.

Passados dez anos, em janeiro de 1981, voltou Alvariz à FCM, atendendo a um honroso convite feito durante almoço que lhe foi oferecido pelos Diretores e Vice-Diretores, tanto da FCM como do HUPE, juntamente com os Professores Emílio Francischetti, antigo aluno que assumira uma Cadeira de Clínica Médica, Jayme Landman e Américo Piquet Carneiro. O convite era para assumir a chefia da Unidade de Gastroenterologia do Hospital Universitário, o que foi recusado para não deslocar o valoroso colega Edson Jurado. Assumiu-o posteriormente, por solicitação desse mesmo colega.

Desde sua nomeação para a FCM, no entanto, passou Alvariz a atuar intensamente, nas aulas e sessões da Cadeira de Clínica Médica do Prof. Emilio Francischetti, de início como Professor Auxiliar e, logo a seguir, como Professor Adjunto. Fundou o ambulatório de Hepatologia, até então inexistente, e iniciou, juntamente com os Profs. José Fernando Ribeiro e Silvio Gurfinkel, laboriosa pesquisa que revelou a impressionante incidência de hepatite viral em 49% dos doentes recebendo hemotransfusão durante cirurgias cardíacas. Assumindo a Coordenação da Seção de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva, depois elevada à condição de Disciplina autônoma, promoveu Alvariz, com o apoio do então Diretor do HUPE, Prof. Ricardo Donato, total ampliação e reforma nas suas pequenas e inadequadas instalações. Passou, então, a Disciplina a contar com uma enfermaria de seis leitos, quatro modernas salas de exames, sala de espera e demais dependências. Paralelamente, novos videoendoscópios foram recebidos. O ambulatório de Hepatologia, pessoalmente coordenado por Alvariz, sofreu acréscimo no número de salas, de médicos e de clientes. Conseguiu-se ampliar para seis o número de Residentes da Disciplina. Criaram-se sessões clínicas semanais de Gastroenterologia e mensais de Patologia Hepática.

Compulsoriamente aposentado em setembro de 1994, continuou Alvariz a exercer, diariamente, as atividades não remuneradas que lhe eram franqueadas na UERJ, com ênfase na coordenação do movimentado ambulatório de Hepatologia por ele criado. Foi, mesmo, escolhido para representante do Hospital na Câmara Técnica de Hepatite da Secretaria Estadual de Saúde e responsável único pelo tratamento da hepatite crônica pelo vírus C no HUPE. Em setembro de 2004, não tendo logrando a correção de dificuldades surgidas, decidiu transferir-se para a enfermaria de Hepatologia da Santa Casa do Rio de Janeiro, aceitando gentil convite do Dr. Cláudio Figueiredo Mendes.

Na Escola de Pós-Graduação Médica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Alvariz foi Professor Associado na área de Gastroenterologia dessa Escola desde 1970. Em 1975, após tornar-se Livre-Docente, assumiu a regência das Cadeiras de Gastroenterologia I e IV.

Outros:

Professor Visitante da Faculdade Regional de Medicina de São José do Rio Preto (agosto 1971). Professor de Farmacologia da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre 1954 e 1962.

Produção científica:

Não cabe aqui mais que um breve resumo quanto à produção científica do biografado:

Publicações – Em número de 71, 40 em periódicos nacionais e 12 estrangeiros, 15 em livros nacionais e 2 estrangeiros. Versaram sobre hepatites, agudas e/ou crônicas (29) esquistossomose (16); Insuficiência hepática aguda grave (5), aí incluída sua Tese de Docência, Cirroses (5) Exploração funcional hepática e diagnóstico das icterícias (4); Álcool e fígado (2), Colangiografia transparieto-hepática (2), Distúrbios da Coagulação nas hepatopatias (2), Icterícia por neomicina (1), Metamorfose gorda aguda do fígado na gravidez (1), Lesões hepáticas na febre tifóide (1), outros temas (3).

Conferências – 267, sendo 75 em congressos – com destaque para a Conferência Nacional, no XXIX Congresso Brasileiro de Gastroenterologia (Belo Horizonte, 1984) – e 192 outras, fora de congressos.

Cursos organizados – Vários foram levados a termo em seu estado ou fora dele. Destes, destacamos os realizados nos seguintes locais, nos quais lhe coube ministrar todas as aulas: Faculdade Regional de Medicina, São José do Rio Preto, SP (5 aulas), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1976 (9 aulas) e 1978 (7 aulas), Sociedade Paraense de Gastroenterologia, Belém (4 aulas), Associação Médica de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (4 aulas), São Luiz, MA (2 aulas), Manaus, AM (2 aulas).

Temas livres - Participação em 113 temas livres e em 2 posters em congressos, dentre os quais assinalamos: O Repouso na Hepatite Aguda a Vírus, Comprometimento Hepático na Febre Tifóide e Hepatite Aguda a Vírus HBsAg positivo e negativo: Estudo Comparativo, no XIV Congresso Panamericano de Gastroenterologia (Caracas, 1975), Posttransfusion Hepatitis, no Congresso Mundial de Gastroenterologia (São Paulo, 1986), Importance of Age at Transmission on Evolution of Chronic Viral C Hepatitis no XXXVII Meeting Anual das International (IASL) e European (EASL) Associations for the Study of the Liver (poster, Madrid, 2002), e Prevalence of cirrhosis in chronic C Viral Hepatitis; Study of 406 Liver Biopsies in Correlation to Age at Contagion and Duration of Infection, no XVIII Meeting da IASL (Tema Livre, Salvador, 2004).

Orientador de várias teses de Mestrado, tendo participado de 22 bancas examinadoras em provas para concessão desse título nas seguintes universidades: UFRJ (7), PUC-RJ (6), UERJ

(5), UniRio (2), Universidade Gama Filho (1), Escola Paulista de Medicina (1).

Hepatitis Scientific Memoranda – Convidado pelo Prof. Girish Vyas, da Escola Médica da Universidade da Califórnia (São Francisco), Alvariz integrou esse grupo internacional de estudos em hepatite, desde 1976 até sua extinção, em 1990, período em que encaminhou diversas contribuições ao seu boletim.

Sociedades médicas:

Alvariz participa das seguintes sociedades médicas:

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro - desde 1957, tendo sido membro de seu Conselho Superior entre 1984 e 2004.

Sociedade de Gastroenterologia do Rio de Janeiro (antiga Sociedade Brasileira de Gastroenterologia e Nutrição), desde 1964. Exerceu diversos cargos de Diretoria, dentre os quais o de Membro da Comissão de Admissão (1972/1983), Vice-Presidente (1984/1985), Presidente Eleito (1986/1987), Presidente (1988/1989), Membro do Conselho Diretor (1990/1991).

Federação Brasileira de Gastroenterologia, desde sua fundação. Foi seu Presidente entre junho de 1988 e dezembro 1990, cabendo-lhe adaptá-la ao funcionamento da nova sede, em São Paulo e ao novo estatuto. Nessa função, viu-se honrado com a colaboração de valorosos colegas, dentre os quais o saudoso Prof. Agostinho Betarello e Luiz de Paula Castro, responsáveis pelo FAPERJ, órgão recém criado na estrutura da FBG. De acordo com o estatuto, foi Membro do Conselho Consultivo e Fiscal no período de 1991 a 1998, e Presidente do mesmo Conselho em 1991/1992.

Sociedade Brasileira de Hepatologia – Sócio Fundador.

Sociedade Latinoamericana de Hepatologia – Membro Titular desde 1977.

International Association for the Study of the Liver (IASL), desde 1990.

European Association for the Study of the Liver (EASL), desde 2001.

Distinções:

Homenagem dos formandos de 1963 e 1965 da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ

Título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, concedido em 1980 pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Membro Correspondente da Academia Cearense de Medicina (1990)

Homenageado em Sessão Especial do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da UERJ, por ocasião de sua aposentadoria compulsória, em 1994.

Membro Emérito do Grupo de Fígado do Rio de Janeiro (1998).

Homenagem no aniversário do Hospital de Bonsucesso, em 2002, tendo sido inaugurada placa com seu nome no hall de entrada do Serviço de Clínica Médica.

Condecoração como Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico (2002).

Considerações finais:

Alvariz continua, aos 80 anos, a trabalhar normalmente. Priorizou, sempre, a medicina ativa, junto aos doentes, tanto na escola médica como no hospital previdenciário. Durante os 54 anos de vida médica, dedicou o melhor de sua capacidade, entusiasmo e assiduidade à medicina pública, que considera a forma socialmente mais justa de atendimento à saúde. Não esquece os muitos anos passados no Hospital Universitário da Faculdade de Ciências Médicas e no Hospital Geral de Bonsucesso, no qual labutou por 40 anos, quase 30 dos quais como chefe da Clínica Médica. Lamenta que a ênfase oficial tenha, afinal, caminhado no rumo da privatização da assistência médica. Em setembro de 2004 decidiu transferir-se para a 8ª Enfermaria da Santa Casa, fundada pelo seu inesquecível amigo e grande hepatologista, Thomaz Figueiredo Mendes, atendendo a gentil convite de Cláudio, seu filho e continuador. Pretende permanecer “vivendo a medicina, estudando, apreendendo e, sempre que possível, ensinando”, enquanto Deus permitir, pois, assim sendo, não lhe parece justo desprezar toda a experiência acumulada para entregar-se ao ócio, ainda que com dignidade. Faz questão de agradecer a Ele, à sua família, à ajuda dos grandes mestres, entre os quais destaca Américo Piquet Carneiro, Aleixo de Brito, Julio Sanderson e Zilton Andrade, aos colegas de jornada e a outros dedicados colaboradores e amigos, dentre os quais desejaria fosse citado o Prof. Emilio Francischetti, pelo apoio recebido na sua volta à FCM. Diz sentir-se feliz e realizado, mesmo não tendo podido concretizar tudo o que sonhou, e ter sofrido algumas injustiças e incompreensões, que prefere encarar como aconselhava o poeta: as amargas não.

Gilberta Bensabath

30-07-1924

Gilberta Bensabath nasceu no município de Cruzeiro do Sul, Acre, a 30 de julho de 1924, filha de Marcos Bensabath e Nautilia Costa Bensabath. Residiu nessa cidade até os cinco anos de idade quando, por problemas de saúde de sua mãe, a família mudou-se para Belém do Pará.

Teve educação de nível primário e secundário, realizadas em colégios públicos: Grupo Escolar José Veríssimo e Colégio Estadual Paes de Carvalho, em Belém do Pará, respectivamente. Graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1949, cursou Especialização em Saúde Pública, em 1950 e 1959, pela Faculdade de Higiene de São Paulo e Departamento Nacional da Criança, respectivamente. Cursou Especialização em Microbiologia, pelo Instituto Nacional de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1963.

Médica do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP - integrou-se à equipe de pesquisadores do Instituto Evandro Chagas - IEC - a partir de 1960. Assumiu a Diretoria desse Instituto, no período de 1975 a 1979. Foi chefe da Seção de Epidemiologia do IEC a partir de 1979 até a sua aposentadoria compulsória, em agosto de 1994. Enquanto pesquisadora, no período de 1960 a 1975, sua área de atuação vinculou-se aos estudos pioneiros das arboviroses (febre amarela, febre do oropouche e outras) e das hepatites virais (então em estudos etiológicos incipientes), tanto em trabalhos de laboratório, como de campo. Nessa fase, destaca-se os seus trabalhos realizados ao longo da rodovia Transamazônica e nos municípios de Sena Madureira e Boca do Acre, no alto Purus, Amazônia ocidental brasileira. O hepatopatologista Leônidas Braga Dias foi seu grande colaborador nesses estudos. Em Boca do Acre, durante mais de 15 anos, viria a coordenar estudos sobre a etiologia, epidemiologia, aspectos clínico-epidemiológicos da hepatite de Lábrea, além da profilaxia das hepatites virais.

Na condição de pesquisadora visitante desenvolveu atividades em diagnóstico laboratorial das hepatites virais, na Universidade de Yale, EEUU, em 1970, oportunidade na qual examinou, mediante técnica de imunodifusão em gel, as primeiras amostras de soro decorrentes de inquérito na Amazônia brasileira - região do Purus - para o então antígeno *Austrália*. Publicação de 1973, ao lado de Boshell, incluiria a referida região como hiperendêmica com referência ao mencionado antígeno, posteriormente conhecido como "antígeno de superfície do vírus da hepatite B". Em 1985, como visitante do Hepatitis Branch do Centers for Disease Control - CDC -, Atlanta, desenvolveu atividades sobre técnicas de laboratório nos estudos das hepatites B e Delta. Decorrentes desse intercâmbio, publicações de 1987, tendo as co-autorias de Hadler, Soares, Fields e Maynard, ratificariam a importância das infecções pelo vírus da hepatite Delta, bem como definiriam o perfil etiológico da febre negra de Lábrea e das hepatites fulminantes da Amazônia ocidental brasileira.

Entre 1989 e 1994, coordenou estudos sobre a imunogenicidade, eficácia e efetividade da vacina contra a hepatite B, junto ao município de Boca do Acre. A soroteca - exemplarmente analisada e acondicionada no IEC - e as informações advindas desses estudos, constituem sólida referência, tanto para a memória, como para estudos subseqüentes sobre a hepatite B na Amazônia.

Bensabath tem produção técnico-científica que contribui ao conhecimento e constitui parte da história da hepatologia tropical, tanto em capítulos de livros como na forma de publicações em revistas, nessas somando-se cerca de 70 trabalhos, distribuídos em periódicos nacionais e internacionais.

Entre as distinções e honrarias, e para citar apenas algumas das mais lembradas por Gilberta, ressaltam-se o reconhecimento como *Médico do Ano*, pela Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, a distinção como *Oficial da Ordem do Mérito Médico*, em 1997, além de Representante do Pará na comemoração dos 50 anos da Associação Médica Brasileira. Nesse contexto, reserva carinho especial pelo título de Cidadã Bocacrense, conferido pela Câmara Municipal de Boca do Acre, em 1989, mercê do "reconhecimento aos inestimáveis serviços prestados ao município". Mais recentemente - junho de 2005 -, foi homenageada como Presidente de Honra do *VII Simpósio Brasileiro de Vacinas*, em reconhecimento pelas suas atividades ligadas ao estudo e à implementação da vacina contra a hepatite B na Amazônia.

Na sua obstinação pelo trabalho em saúde pública, desde o mês de agosto de 2000, foi designada chefe do recém-criado Serviço de Epidemiologia do IEC, função que exerce atualmente, e à qual vem dedicando a maior parte de seu tempo, com o objetivo de ampliar a interface entre a pesquisa epidemiológica e a rotina em saúde pública.

Ao referir-se à Dra. Gilberta Bensabath, um seu contemporâneo, colega e também patologista e hepatologista histórico, Leônidas Braga Dias, assinalou que "poucas pessoas em nosso país, raras mulheres, terão galgado o seu prestígio científico, o que honra a instituição em que trabalha, honra a Amazônia, mas que não aquebrantou a sua modéstia, que não lhe modificou o espontâneo riso, marca de sua personalidade". Acrescentamos, com a certeza que os colegas hão de fazer coro, que a hepatologia brasileira reserva lugar especial e devido à Dra. Gilberta.

JORGE DE ALCKMIN TOLEDO

12-05-1920 18-08-1985

autores: Carlos Eduardo Brandão Mello e Henrique Sérgio Moraes Coelho

JORGE TOLEDO nasceu a 12 de maio de 1920, em Santa Rita de Sapucaí, Estado de Minas Gerais, filho de Francisco de Castro Toledo e Gabriela de Alckmin Toledo.

Ingressou na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1939, e lá se graduou em 1944.

Durante seu curso médico foi interno da 5ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade, Serviço do Professor Annes Dias, no Hospital Moncorvo Filho e, com a morte do ilustre mestre, permaneceu no serviço, sob a orientação do Professor Luiz Capriglione.

Em 1947, a convite do Professor Waldemar Berardinelli, voltou à Faculdade de Medicina, como Assistente Voluntário da 4ª Cadeira de Clínica Médica, com sede na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Nessa fase, seus pendores pela Gastroenterologia foram de sobremodo influenciados e estimulados pela figura do Professor Thomaz de Figueiredo Mendes, recém-chegado dos Estados Unidos. Daquela convivência e amizade nasceu o desejo de aprimorar seus conhecimentos médicos em centros mais desenvolvidos.

Em 1951, após seleção, foi aceito pela *The Graduate School of Medicine*, da Universidade da Pensilvânia, como aluno do Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia, sob a liderança do mais prestigiado especialista da época, Professor Henry Leroy Bockus. Lá enriqueceu sua formação médica e acadêmica, no período de outubro de 1951 a maio de 1952.

Ao regressar ao Brasil, reintegrou-se ao Serviço de Waldemar Berardinelli, na 4ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, e juntamente com Figueiredo Mendes, coordenou inúmeros estudos e simpósios em Gastroenterologia.

Em 1956, recebeu do Professor Clementino Fraga Filho o honroso convite para continuar como assistente na 1ª Cadeira de Clínica Médica, que se instalava na 20ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

A 1ª Cadeira de Clínica despontava como um dos melhores centros de ensino e pesquisa em Clínica Médica do país, graças a invulgar capacidade de liderança de seu chefe – Professor Clementino Fraga Filho, que a todos estimulava e orientava.

Em 1960, foi nomeado Professor Auxiliar de Ensino da Faculdade de Medicina e, em 1962, conquistou a Docência Livre em Clínica Médica, tendo apresentado a tese que versava sobre a *Auto-agressão nas Hepatopatias*.

Em 1966, foi promovido à classe de Professor Assistente e, em 1971, à Professor Adjunto, cargo que exerceu até a sua morte.

Ocupou a chefia do Serviço de Gastroenterologia, de 1963 a 1967, e a chefia de Clínica da 1ª Cadeira, a partir de 1967. Em 1974, em substituição ao Professor Clementino Fraga Filho, designado Diretor da Faculdade de Medicina, assumiu a Chefia da 1ª Cadeira de Clínica Médica.

Em 1978, quando da transferência do serviço para o Hospital Universitário da UFRJ, passou a chefiar o Serviço de Gastroenterologia do recém inaugurado Hospital, cargo que exerceu até a sua morte prematura.

Jorge Toledo foi designado coordenador do Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia, em 1972, e o responsável pela linha de pesquisa em Hepatites.

Foi orientador de cinco teses de mestrado sobre temas de Hepatologia dos seguintes médicos Marcus Túlio Haddad, Alice Junqueira Moll, Henrique Sérgio Moraes Coelho, José Fernando dos Santos Ribeiro e José Mentor Ramos de Almeida.

Foi o orientador da tese de Mestrado de Carlos Eduardo Brandão Mello, e, com sua morte prematura, foi substituído por Henrique Sérgio Moraes Coelho.

Foi membro de inúmeras bancas de Mestrado, Doutorado e Livre Docência na UFRJ e em outras Universidades.

Sua produção técnico-científica foi marcada pela continuidade de publicações e participações em congressos, simpósios, jornadas, desde 1948.

Publicou mais de 70 artigos e trabalhos, de preferência nas áreas de Gastroenterologia e Hepatologia. Nesses estudos, destacava-se o interesse especial pelas doenças auto-imunes do fígado, em particular as hepatites auto-imunes e a cirrose biliar primária.

Não menos marcante, foi o seu interesse pelas hepatites crônicas virais, em particular as hepatites não-A, não-B, culminando com a produção da tese para o concurso de professor titular da disciplina de Gastroenterologia da UFRJ.

Juntos, participamos da tarefa de selecionar e acompanhar os pacientes da tese, por quase três anos. Daquele convívio, quase que diário, além das idéias e projetos, surgiu a amizade sincera e despreocupada que nos uniu até hoje.

Foi membro de diversas sociedades médicas, em particular a Sociedade Brasileira de Hepatologia, da qual foi membro fundador e presidente, no biênio 1978-1979. Nessa condição, organizou e presidiu o *VI Congresso Brasileiro de Hepatologia*, realizado no Rio de Janeiro, em 1979. Foi presidente da Sociedade de Gastroenterologia do Rio de Janeiro, no biênio 1970-1971, e membro da *American Gastroenterological Association*.

Foi casado com Dona Lucilla, com quem teve 3 filhos, e à quem dedicou em seu último livro e tese a poesia: *À Lucilla, esposa amada, por tudo que representa em minha vida, dedico o que em mim há de mais terno e puro, reduzido à expressão mais simples de um beijo.*

Jorge Toledo faleceu no Rio de Janeiro, em 18 de agosto de 1985, deixando em todos os seus discípulos e admiradores o exemplo de dedicação ao ensino médico e a Faculdade de Medicina e da cordialidade e gentileza no convívio com os seus pares e alunos.

Lamentavelmente, não teve tempo para presenciar o crescente interesse atual pelo estudo das doenças hepáticas e, em particular, pela hepatite viral não-A, não-B, hoje conhecida como hepatite C, no cenário da moderna Hepatologia.

Seu fascínio e entusiasmo pelas doenças do Fígado foram extremamente contagiosos, deixando no serviço que coordenava uma legião de estudiosos no assunto, que mais recentemente criaram e organizaram o Serviço de Hepatologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, ligado à Faculdade de Medicina da UFRJ, hoje chefiado por Henrique Sérgio Moraes Coelho.

Jorge Escobar Pereira Lima

13 -05-1927 29-04-2003

autores: Ângelo Alves de Mattos e Luiz Pereira Lima

Grande Médico, Grande Professor e Grande Amigo

Escrever sobre Jorge Escobar Pereira Lima é um prêmio para qualquer um que o tenha conhecido. Homem brilhante, que, por tudo que foi, pensamos ainda permanecer entre nós. Por outro lado, é sempre difícil escrever sobre um pai. Mais difícil ainda torna-se a escrever sobre o pai. E que pai! Assim, a tarefa que a nós foi incumbida pela Professora Edna Strauss transcende em, muito, a razão: é sobre o afeto do filho saudoso, e de quem pretendeu ser seu discípulo mais dileto. Desse modo, na descrição que segue, haverá uma mescla de saudades, amor, juntamente com o sumário de sua vida profissional.

Jorge Escobar Pereira Lima nasceu em 13 de maio de 1927, em Pelotas – RS. Filho de pediatra - Luiz Pereira Lima - que perenizou seu nome em estátua na cidade, rendida como homenagem pelas mães pelotenses. Cedo era alfabetizado, aos quatro anos, e, dez anos mais tarde, vem a Porto Alegre para iniciar o pré-médico à época. É aprovado no vestibular de Medicina, aos 16 anos, colando grau em 1949, ou seja, aos 22 anos, como primeiro aluno da turma. Recebe, por isso, o prêmio *Raul Leite* e medalha de ouro. Passou a juventude e adolescência estudando, e foi estudando que conheceu Suely - sua mulher, como costumava chamá-la - na Aliança Francesa, Ingressa na Cátedra de Propedêutica Clínica, como voluntário. Em 1954, defende livre-docência com tese sobre *Bantina uma Contribuição ao seu Estudo*. Inicia, dentro da Medicina Interna, uma diferenciação em Gastroenterologia, e sedimenta esse estudo em bolsa, nos Estados Unidos, durante dois anos, no *Mount Sinai*, de Nova Iorque. Nesse período, veio apenas uma vez ao Brasil, para enterro de seu pai. Foi sempre um estóico. É claro, o filho, sentia muito a falta do pai distante. Imaginem para ele que era só afeto. Entretanto, a necessidade quase vital de estudar o fez pagar preço tão alto. Volta a Porto Alegre, e só aí inicia sua clínica em consultório. Rapidamente fez nome, e é convidado para organizar e chefiar a disciplina de gastroenterologia da Faculdade Católica de Medicina, hoje Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA). Dedicou-se muito, e, como reconhecimento, foi eleito paraninfo da primeira turma médica dessa faculdade. Inaugura, a seguir, um serviço pioneiro de hepatologia no sul do país, a enfermaria 42.

Como bolsista, vai a Paris estudar com Jaques Caroli, durante 1 ano, introduzindo a laparoscopia em nosso meio. Àquele tempo, obviamente sem vídeo, com anestesia local e com ótica direta. Foi um avanço sem par.

A despeito de formar gerações de médicos nas diversas faculdades em que atuou (UFRGS e PUCRS), foi na FFFCMPA que dedicou a maior parte de sua vida ao ensino. Essa foi a faculdade de seu coração. Nela, como Professor Titular (1964-1993), deixou marcas indeléveis, assim como em todos os que tiveram o privilégio de seu convívio. Mesmo após sua aposentadoria, perseverou no ensino, no Curso de Pós-Graduação em Hepatologia, onde teve sempre participação marcada, deliciando a todos com sua experiência e sabedoria. Creio importante lembrar a todos a saudosa Enfermaria 42, da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Acredito que viva até hoje. Esteio maior da Hepatologia em nosso Estado, foi referencial para todos os amantes do estudo das doenças do fígado. Lá também nasceu a Gastroenterologia Infantil, subespecialidade que, na época, talvez não gozasse de tanto prestígio, mas que conseguiu firmar-se e hoje é vista como uma nova ciência.

Publicações sucediam-se e tornou-se um conferencista de grande didática, embasada em conhecimento específico, ornada com uma cultura geral vasta e sólida. Lia com voracidade, era crítico das letras e adorava política. Trocava cultura com seu grande amigo de todas as horas, desde sua adolescência – Paulo Brossard de Souza Pinto – que foi senador pelo Rio Grande e Ministro do Estado. Foi por ele homenageado, em artigo de grande emoção, publicado em Zero Hora logo após seu passamento. Vale a pena reproduzi-lo em parte pois, além de pérola literária, reflete o sentimento de uma amizade singular.

“... Assim as amizades antigas, tanto mais antigas, maior a ausência e angústia que elas nos causam exatamente quando deixam de existir. Parece que o perfume derradeiro desse sentido por excelência desinteressado se percebe com certa objetividade quando a lei da morte afirma sua cogência. O amor supõe uma atração múltipla que se converte em permanência individual

e social. A amizade é mais modesta, não nasce necessariamente dos vínculos de sangue, embora não haja incompatibilidade e impedimentos entre o fato biológico e o sentimento humano. Mas a amizade se transforma em ligação permanente que, muitas vezes, prevalece, no tempo, sobre o próprio amor. E para ser breve, nas agruras da vida, a amizade é um dos viáticos do homem, muitas vezes incomparável e indispensável. ... Morando no mesmo quarto da pensão, posso dizer que o professor Jorge Escobar Pereira Lima era um estudante excepcional. E estudante continuou, como se não fosse uma sumidade em seu ofício, como se não dominasse, como poucos, a ciência que professava... Afinal de contas, foram 60 anos de amizade fraternal. Em todos os sentidos foi uma existência exemplar e cheia de benemerências”.

Cumpriu, tanto na Federação Brasileira de Gastroenterologia (1966-1967), como na Sociedade de Hepatologia (1980-1981), todas as etapas possíveis, chegando a Presidente de ambas as entidades. Mas, era o estudo sua grande paixão. Esperava os finais de semana para devorar os livros, na vã esperança de não ser interrompido, mesmo por sua família. Quando entrava em seu gabinete avisava: “Não me interrompam”. Era autoritário, como todo homem de baixa estatura, daí, talvez, sua grande paixão por Napoleão Bonaparte. Sabia tudo do Imperador francês, desde as táticas de guerra até a vida de suas amantes.

Em 1983, já com vasta clínica, e ponto de referência na Hepatologia, decide realizar seu sonho acadêmico. Voltou a dedicar-se para sua verdadeira paixão intelectual. Financeiramente estável, vai aos Estados Unidos, justamente para o Mount Sinai, estudar e reviver com Fenton Schaffner, durante 6 meses, o fígado e suas lâminas. Na Hepatologia, gostava mesmo era da patologia clínica.

Era Professor brilhante. A ciência e a arte jorravam em suas aulas. Usava a maiêutica, técnica idealizada por Sócrates, na qual, multiplicando perguntas sobre o tema, o professor induz o raciocínio, através de um encadeamento lógico sobre o eixo fundamental. Só um profundo conhecedor do assunto versado é capaz de utilizar tal técnica.

Dentro de sua Faculdade, além de Titular da Disciplina, foi chefe de Departamento e Diretor de Escola (1989-1992). Aí, com idéias inovadoras e por vezes polêmicas, imprimiu uma administração diferenciada. Talvez suas idéias de vanguarda não fossem compreendidas na ocasião. Hoje, no mínimo, trazem reflexões a todos nós. Sua passagem pela direção da Escola foi um marco no desenvolvimento da mesma. Nessa ocasião, iniciou-se uma transformação física em nossa Faculdade, que, por tudo que representou, creio de forma merecida, homenageou-o ainda em vida, quando da inauguração do novo auditório, tendo seu nome lavrado definitivamente em seu pórtico principal – “Auditório Professor Jorge Escobar Pereira Lima”. Ali foi velado na sua despedida da vida, mas não da lembrança de seus amigos e familiares.

Médico, professor, pesquisador, sábio. Era amado por muitos. Invejado por tantos outros. Certamente os entendemos. E teve, sim, teve também o desamor de alguns. Certamente os desculpamos. Amor e desamor. Sentimentos a princípio antagônicos, mas sentimentos. No fim, ambos confundem-se. Por isso, nossa compreensão. Afetos híbridos não nos surpreendem quando falamos em sua figura. Não poderia ser diferente para um homem com suas características. Inteligência ágil, erudição invejável, ironia aguçada e, enfim, a genialidade que a poucos Deus concedeu. Eram estas as características que a muitos amedrontavam. Dele, então, não se aproximavam. E, assim, não o entendiam. Eram essas as qualidades que despertavam sentimentos contraditórios. No entanto, lhe negar a paternidade intelectual dentro da Hepatologia ninguém ousaria.

Creio ter conhecido bem meu velho amigo. Dele sinto saudades. Ficou um vazio que, creio, não mais será preenchido. Só as lembranças o atenuam. Aprendi a conhecê-lo no decorrer dos anos, embora nunca tivesse conseguido saborear por inteiro seu livro de vida. Com ele muito aprendi. Aprendi que é preciso perseverar no estudo. Isso testemunhei inúmeras vezes em sua casa. Era uma constante. Sentado em uma fria biblioteca, literalmente devorava toda a ciência que teimava em renovar-se dia-a-dia. Era um estudioso sem fim. Essa perseverança trouxe-lhe um currículo que a todos traria inveja. Com aproximadamente 100 artigos completos, publicados em periódicos nacionais e internacionais, com 31 capítulos de livros e com mais de 700 conferências e trabalhos originais, apresentados no país e no exterior, mostrou como o amor à ciência pode permitir que uma vida tenha tal pujança. Com ele aprendi o espírito crítico. Certamente, moldou o pesquisador, ensinando-me a compulsão do fazer científico. Com ele aprendi a amizade. Realmente fui seu amigo. Até quando suas palavras já não soavam com tanto vigor, e seu sorriso a doença esmaecia, estive junto a ele. Mas é do espírito vivo, do eterno desafio intelectual e dos momentos de cumplicidade que a

amizade cria que sempre me lembrarei.

Nascido em Pelotas, que carinhosamente chamava de "pequena Paris", viveu em Porto Alegre a maior parte de seus dias. Aqui foi brilhante, como seria em qualquer lugar onde tivesse vivido. Era um virtuoso. E, quem sabe, como jocosamente gostava de intitular-se, o maior hepatologista das três Américas.

Jorge Escobar Pereira Lima morreu aos 75 anos, em 29 de abril de 2003, ludibriado por sua paixão intelectual, traído por nódulos metastáticos no fígado que tanto conhecia. De modo lento, gradativo, progressivo com vias biliares constrangidas. Não teve em sua morte o privilégio da ignorância sobre o prognóstico de sua enfermidade. Os dias eram contados, sua voz esvanecia e nós, sua família, sempre sedentos de suas palavras sábias, passávamos de maneira egoísta a suplicar-lhe que falasse mais para podermos sorver a possibilidade de mais conhecimentos e palavras derradeiras de amor. Dizia que passava pela vida sem guias, e que não tinha medo de morrer, mas temia profundamente a possibilidade do medo de sentir saudades da família.

- Ângelo Alves de Mattos

As lembranças que guardo, as revivo em minhas orações. Muito obrigado Dr. Jorge. Muito obrigado por tudo o que nos ensinaste. Muito obrigado por permitir a perenidade do conhecimento que tão bem soubeste a todos transmitir.

- Luiz Pereira Lima

A profunda dor que sinto ao escrever, só é abrandada pelo prazer incomensurável de reviver meu pai em meu punho e lembrá-lo para seus inúmeros discípulos, plasmando um pouco de sua vida neste livro sobre os pioneiros da Hepatologia brasileira.

José de Laurentys Medeiros
25-09-1928

autores: José de Laurentys Medeiros Júnior e João Galizzi Filho

Primavera de 1928. Nasceu a 25 de setembro, à Rua Cel. João Alves nº 170, na pequena cidade mineira de Pará de Minas, o filho do pedreiro e comerciante José de Almeida Medeiros e da italiana Luiza de Laurentys Medeiros, o pequeno José, que passou a ser carinhosamente chamado por todos os seus de Zezé. Criança esperta, educada, curiosa pelo saber, teve, através de sua primeira professora Dona Orozina, ainda em Pará de Minas, os contatos iniciais com os livros e a leitura, atividades das quais não se separou até hoje.

Muito cedo, aos 6 anos de idade, sofreu a primeira grande perda, a de seu querido pai, vítima, naquela época, de uma pneumonia, que, pelos relatos atuais baseados em seus conhecimentos de Semiologia, tenha sido provavelmente associada a valvulopatia aórtica. Coube a tarefa de sua educação à sua mãe, Luiza, e a seus queridos e inesquecíveis tios, também italianos, Hector, Mathias, Maria, Joaninha e Rufina, ainda em Pará de Minas, onde permaneceu até 1943. Em 1944, transferiu-se para Belo Horizonte, passando a conviver sob a responsabilidade de seus tios paternos, Edmundo, Mário, Jésus, Antônio e suas esposas, que moravam na capital das alterosas. Destaque especial para sua avó paterna Cianinha que, além de proteção, lhe deu enorme incentivo na continuação dos estudos.

Terminou o curso ginásial no Colégio Marconi em 1947, lembrando-se ainda, com saudades, dos professores Paulo de Andrade, de Química e o sempre prestigiado Diretor do referido e tradicional educandário mineiro, Professor Velloso.

Ingressou na Faculdade de Medicina de Minas Gerais, no ano de 1948, aprovado em 13º lugar, graduando-se em 8 de dezembro de 1953. Durante seu curso, teve o privilégio de conhecer e conviver, na saudável relação aluno/mestre, com as maiores referências da Medicina Mineira em todos os tempos, como Alfredo Balena, Amílcar Martins, Adelmo Lodi, Oscar Versiani, João Affonso Moreira, João Afonso Moreira Filho, Moacyr Junqueira, Luigi Bogliolo, Nereu de Almeida Júnior, João Galizzi e José Malheiros Santos, entre outros ilustres, aos quais rendemos também nossa homenagem. Destacam-se, em especial, dois Mestres que viriam a ser suas âncoras, referências e espelhos, tanto na conduta humana quanto profissional: Oswaldo de Mello Campos e Caio Benjamin Dias. Com o primeiro, Prof. Mello Campos, de semblante sisudo e austero, aprendeu a admirar a Semiologia Médica, com a magia do conhecimento pelas pontas dos dedos, sempre aliada ao raciocínio clínico e científico. Com o segundo, seu querido Dr. Caio, mais meigo, com a aparência do tutor que cuida com afeto e atenção de seus pupilos, foi introduzido na Clínica Médica, vindo a ser, posteriormente, seu assistente direto. Dr. Caio transformou-se, também, no grande conselheiro de todas as horas, como um irmão mais velho que ele nunca teve, relação esta cultivada com muito carinho e amor até os dias atuais.

Em sua vida acadêmica foi levado, em 1949, pelas mãos de José Malheiros Santos, para a Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, uma "Casa do Saber Médico", por cujos corredores passaram gerações de médicos, humanistas e cientistas. Nesta Casa, estagiou em vários serviços, tendo o privilégio de ter sido, por algum tempo, assistente de Lucas Monteiro Machado, ginecologista e obstetra, responsável pela nova escola da especialidade que surgia em Belo Horizonte, e que viria a ser o fundador da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), em 1951, para onde levaria também seu novo assistente. Ainda na Santa Casa, recebeu, em 1958, sua primeira enfermagem, a princípio como Clínica Médica, vindo a se transformar, posteriormente, na 1ª Clínica de Gastroenterologia, por onde já passaram algumas centenas de residentes e milhares de estagiários. Alguns desses médicos residentes são hoje membros de renome dentro da especialidade, como Luiz Gonzaga Vaz Coelho, Maria do Carmo Friche Passos e Luciana Dias Moretzohn, entre outros. Ainda na Santa Casa de Belo Horizonte, ocupou quase todos os cargos médicos existentes, sendo hoje, ao lado de Arlindo Pollizi e Nereu de Almeida Júnior, decano desta centenária instituição.

Iniciou, em 1955, uma dedicada trajetória na árdua mas glorificante tarefa de formar novos profissionais, ingressando como Professor Assistente na FCMMG. Iniciava, então, uma nova paixão em sua profissão, que seria sua carreira acadêmica. Recebeu, em 1961, a responsabilidade pelo estágio dos novos alunos, transformando-se em Assistente de Semiologia, em 1969, e chefe da Disciplina em 1978, com a aposentadoria de seu querido

Regozino Macedo. Em 1979, recebeu do Ministério da Educação e Cultura o Título de Professor, devido ao "Notório Saber". Nessa respeitável Faculdade, permanece como Professor Chefe de Semiologia até os dias atuais, sendo um dos docentes mais atuantes e queridos por todos os que o conhecem, e com ele trabalham no dia a dia, lecionando incansavelmente, num verdadeiro sacerdócio.

Voltando ao ano de 1963, foi convidado por Luiz de Paula Castro para compor a diretoria da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de Minas Gerais (SGNMG), aumentando seu interesse e se aproximando mais desta especialidade. Veio a ser presidente da SGNMG por dois mandatos, participando com regularidade dos Congressos da Federação Brasileira de Gastroenterologia (FBG), onde fez vasto círculo de amizades, inúmeras vivas e outras já na saudade, como Figueiredo Mendes, Waldomiro Dantas, Luiz Carlos Gayotto, Jorge Pereira Lima e Jorge Toledo. Durante o Congresso da FBG, de 1968, em Recife, conheceu a atual presidente da SBH, Dra. Edna Strauss. Consultado por Waldemar Podkameni, sobre a possibilidade de realização do Iº Congresso Brasileiro de Hepatologia na cidade mineira de Caxambu, tomou como meta e com afinco a responsabilidade, assinando, ao lado de T. Figueiredo Mendes, Luiz Caetano da Silva, Silvano Raia, Amaury Coutinho, Fernando Alvariz, Zilton Andrade, Fernandes Pontes, Jorge Toledo, Sérgio Bicalho, Nereu de Almeida Júnior, e outros não menos ilustres, a ata de fundação da Sociedade Brasileira de Hepatologia, em 19 de novembro de 1969. Orgulha-se de, juntamente com Luiz Caetano da Silva, ter participado de todos os seus Congressos, sendo o último em Recife, no ano de 2003. Membro atuante em várias diretorias, foi indicado para a presidência da entidade, cargo que assumiu em 1986, em substituição ao Dr. Silvano Raia. No Congresso sob sua responsabilidade, em Belo Horizonte, 1988, teve como fato marcante as presenças da Professora Sheila Sherlock, da Inglaterra, do Dr. Mario Rizzetto, da Itália e descobridor do Vírus da hepatite Delta e do Dr. Adrian di Bisceglie, dos Estados Unidos da América. José de Laurentys Medeiros, continua como importante colaborador da SBH, sendo o responsável pela edição de seu Boletim, o que faz com a costumeira eficiência.

Ao lado de Nereu de Almeida Júnior, foi o pioneiro da Hepatologia em Minas Gerais, quase como autodidata na especialidade, sendo seguido por João Galizzi Filho, que teve o privilégio de trabalhar, em Londres, com *Dame* Sheila Sherlock, abrindo, assim, caminho para outros hepatologistas mineiros. Quando da recente fundação da Associação Mineira para o Estudo do Fígado (AMEF), foi escolhido, por aclamação, para ser o primeiro timoneiro, em reconhecimento aos esforços para o desenvolvimento da Hepatologia em Minas Gerais.

Como representante de classe, esteve presente na Associação Médica de Minas Gerais (AMMG), desde 1954, assumindo vários cargos em diversas diretorias, com destaque para a gestão de José Gilberto Alves de Souza quando, como presidente do Conselho Científico, realizou mais de 100 jornadas médicas pelos rincões do estado de Minas Gerais. Isto valeu-lhe a eleição, por unanimidade, para a presidência da entidade, no ano de 1976 e, posteriormente, para vice-presidente da Associação Médica Brasileira (AMB), por dois mandatos, de 1978 a 1981. Orgulha-se de ser, atualmente, o responsável pelo Centro de Memória da AMMG, que recebeu seu nome, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à instituição.

Membro da Academia Mineira de Medicina, desde 1973, ocupa a cadeira nº 85, que tem como patrono o Dr. José Alves de Castilho Júnior, tendo nela sucedido seu grande amigo e conterrâneo Dr. Murilo Drummond de Salles e Silva. Foi seu presidente por três mandatos consecutivos, justificando as palavras do grande Professor Hilton Rocha: "Ser acadêmico não é ser escritor, nem ser poeta. Mas é ser Médico".

Já publicou inúmeros trabalhos técnicos e científicos, em revistas e jornais de medicina de todo o país, além de vários capítulos em livros de gastroenterologia e hepatologia. Mas, sua maior obra literária foi, sem dúvida, a concepção e publicação, em parceria com o Professor Mario Lopez, do livro: *Semiologia Médica – As Bases do Diagnóstico Clínico*, hoje na 5ª edição, e adotado por várias das Faculdades de Medicina do Brasil.

Ao longo dos anos, fruto de seu caráter, lealdade, humanismo e dedicação inabalável ao juramento de Hipócrates, com profundo respeito aos pacientes, recebeu inúmeras láureas, insígnias e condecorações, entre elas, os títulos de *Cidadão Honorário de Belo Horizonte* e de *Membro da Academia Fluminense de Medicina*, do Instituto Mineiro de História da Medicina e da Academia Paraminense de Letras, respectivamente.

Casado com Maria da Penha de Laurentys Medeiros, tem quatro filhos: Júnior, também médico, Luiz Carlos e Lúcio Flávio, engenheiros, e Fernando Antônio, comerciante, e seis netos, todos orgulhosos e agradecidos à Sociedade Brasileira de Hepatologia e, em especial, à Dra. Edna Strauss, sua Presidente, pela deferência e lembrança de incluírem seu querido Laurentys nos Anais desta reconhecida Sociedade, na qualidade de Vulto.

As realizações de José de Laurentys Medeiros nos campos profissional, acadêmico e associativo são, sem dúvida, o reflexo maior de seus invulgares entusiasmo, liderança, dinamismo e criatividade.

Luiz Caetano da Silva
04-07-1927

autor: Flair José Carrilho

O Prof. Dr. Luiz Caetano da Silva, filho de D. Francisca Seixas Caetano da Silva e do Dr. Aurélio Caetano da Silva, nasceu em 4/7/1927, em Vista Alegre do Alto, São Paulo.

INTERESSE PELA MEDICINA

O interesse do nosso homenageado pela medicina remonta à infância, graças à influência marcante de seu pai, Dr. Aurélio, que, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, mudou-se, já casado, para o interior do Estado de São Paulo, instalando-se em um vilarejo, então denominado Vista Alegre. Lá clinicou por muitos anos, educando seus filhos em regime de internato na cidade de Bebedouro. Durante a infância e adolescência em Vista Alegre, o Prof. Caetano pôde acompanhar de perto a vida atribulada de um clínico de interior, cuja dedicação aos pacientes e compreensão dos problemas sócio-econômicos próprios de uma cidade pequena, forneceram aos seus filhos a verdadeira dimensão da profissão de médico. Explica-se, dessa dedicação do Dr. Aurélio, porque dois de seus quatro filhos viriam mais tarde a graduar-se pela Faculdade de Medicina da USP.

CLÍNICA MÉDICA

O Prof. Luiz Caetano da Silva realizou o curso médico na FMUSP, de 1946 a 1951, tendo iniciado seus primeiros contatos com a clínica em 1948, quando freqüentou a 1a. Clínica Médica, de março a outubro de 1948.

O interesse pela clínica geral persistiu após sua formatura, durante os dois anos de residência e, ulteriormente, como assistente do Pronto Socorro do Hospital das Clínicas (1954 e 1955). A participação dos assistentes nos plantões era muito produtiva, não somente sob o ponto de vista assistencial como de ensino. Após atendimento dos numerosos pacientes com problemas clínicos, que afluíam ao Pronto Socorro, o Prof. Caetano reunia os residentes e estudantes para discussão do diagnóstico e da conduta em cada caso, muitas vezes ao longo da noite, após o término das atividades diárias. Tal dedicação valeu-lhe uma homenagem pelos graduandos da Faculdade de Medicina da USP, turma de 1955, da qual muito se orgulha.

Contratado para o Serviço de Gastroenterologia, continuou, não obstante, demonstrando grande interesse pela clínica médica. No ano de 1976, organizou cinco Cursos de Orientação em Clínica Médica, em que se aborda temas práticos como o diagnóstico e a terapêutica das grandes síndromes e das enfermidades mais freqüentes.

A partir de 1958, graças ao intenso intercâmbio com as Disciplinas de Cirurgia e com a Disciplina de Hematologia, preparou sua Tese de Doutorado, intitulada *Estudo da Hiperbilirrubinemia Pós-Anastomose Porto-Cava em Pacientes com Esquistossomose Hepato-Esplênica e Cirrose Hepática*. Esta tese, defendida em 1961, serviu de base para a publicação de três destacados trabalhos em revistas estrangeiras. O assunto despertou interesse entre os pesquisadores que estudavam o metabolismo do pigmento biliar, sendo citado em publicações internacionais.

A dedicação do nosso homenageado à clínica culminou com Concurso para Livre-Docência em Clínica Médica, no ano de 1974, tendo sido aprovado com grau 10 e distinção. A tese correspondente intitulava-se *Anticorpos e Eosinófilos Circulantes na Esquistossomose Mansônica. Contribuição ao Estudo de Efeitos da Quimioterapia*. Esse trabalho recebeu o Prêmio Professor Ovídio Pires de Campos, do Hospital das Clínicas, em março de 1975, e deu origem a três trabalhos publicados em revistas nacionais.

GASTROENTEROLOGIA

Em fins de 1948, passou a freqüentar a Cadeira de Terapêutica Clínica, então sob a liderança do Prof. Cantídio de Moura Campos. Nessa clínica, em 1950, teve os primeiros contatos com a Gastroenterologia, nas visitas à enfermaria, que eram realizadas, inclusive aos domingos, pelo Prof. José Fernandes Pontes que, na ocasião, liderava o recém-criado grupo de

Gastroenterologia. Essas visitas caracterizavam-se pelo questionamento, pela curiosidade científica sobre temas então polêmicos, tais com a síndrome pós-gastrectomia, as enterocolites crônicas ("dispepsias fermentativas e putrefativas"), etiopatogenia da cirrose hepática e da pancreatite crônica e a síndrome pós-colecistectomia.

Constituíam-se, assim, as bases para a formação de um grupo de gastroenterologistas que iria consolidar-se ulteriormente.

Além da influência desses mestres, deve também ser lembrado o importante papel desempenhado em sua formação pelo Dr. Dirceu Pfuhl Neves que, além de clínico, possuía invejável aptidão para a pesquisa.

O Prof. Luiz Caetano interessou-se, na ocasião, por aspectos da bioquímica do aparelho digestivo. Teve, então, oportunidade de familiarizar-se com técnicas de laboratório ligadas a enzimas, em particular, à pseudocolinesterase e proteínas séricas. Além das provas conhecidas como de turvação e floculação, dedicou-se intensamente à eletroforese de proteínas, graças aos conhecimentos e ao interesse de Günther Hoxler, experiente bioquímico que trabalhava na 1a. Clínica Médica.

Com a extinção da Cadeira de Terapêutica Clínica em 1960, passou a exercer suas atividades na 1a. Divisão de Clínica Médica (Prof. Antonio Barros de Ulhôa Cintra), do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Em 1963, transferiu-se com o grupo de gastroenterologistas, que pertencera à Terapêutica Clínica, para a 2ª. Divisão de Clínica Médica (Prof. Luiz Venere Décourt). Em 1965, o Prof. AGOSTINHO BETTARELLO foi indicado para a Chefia da Unidade de Gastroenterologia dessa Clínica.

Em 1967, com a criação da Enfermaria Geral do Hospital das Clínicas, o mesmo grupo de gastroenterologistas transferiu-se para esse serviço, dirigido pelo Prof. Adjunto Bernardino Tranchesi.

A "Enfermaria Geral" constituiu etapa importante a ser referida, porque ali se semeavam bases para o pensamento e estruturação da gastroenterologia dentro da clínica médica. Assim, além do aspecto multidisciplinar da enfermaria, as atividades do grupo foram direcionadas para a modernização da chamada "propedêutica armada" em Gastroenterologia, que permitiu o desenvolvimento de estudos de grande importância na especialidade.

O interesse pela Gastroenterologia tem persistido durante a carreira do Prof. LUIZ Caetano. Participou, destarte, das atividades didáticas e científicas do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas em Gastroenterologia (IBEPEGE), tendo sido Presidente do mesmo, nos períodos 1963-1966 e 1966-1969. Vários projetos de estudo sobre Gastroenterologia foram ali desenvolvidos, tornando essa instituição bastante conhecida no meio especializado nacional e latino-americano. Além disso, o Curso de Mestrado em Gastroenterologia dessa Instituição foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação. O Prof. Luiz Caetano da Silva colaborou administrativa e cientificamente com essa instituição até 1976.

Em 1985, apresentou Memorial à Faculdade de Medicina da USP, tendo sido indicado para o Cargo de Professor Adjunto.

No ano de 1986, por iniciativa dos professores da Disciplina de Cirurgia do Aparelho Digestivo e Glândulas Anexas e da Disciplina de Gastroenterologia Clínica, procedeu-se à união de ambas as Disciplinas, que redundou na formação do atual Departamento de Gastroenterologia da FMUSP. Desde então, o Prof. Caetano incrementou seus contatos com cirurgiões do Departamento, colaborando com o Prof. Bettarello nas atividades administrativas, didáticas e científicas.

HEPATOLOGIA

Em 1958, recebeu bolsa do *British Council* para estágio no *Postgraduate Medical School, Hammersmith Hospital*", em Londres, no Serviço da Profa. SHEILA SHERLOCK, onde permaneceu por seis meses. Durante esse período, entrou em contato com especialistas de renome, e teve oportunidade de visitar centros de pesquisa como *Rigshospitalet*, de Copenhagem e o *University Hospital*, de Edinburgh.

Retornando ao Brasil, o Prof. Caetano desenvolveu, principalmente, estudos sobre Hepatologia, os quais resultaram em tese de Doutorado, já mencionada, e no livro *Cirrose Hepática*, editora Sarvier, publicado em 1969.

A partir de 1957, preocupado com o problema da hipertensão portal e de seus aspectos cirúrgicos, propôs-se a mediar maior entendimento entre clínicos e cirurgiões. Importantes trabalhos resultaram dessas atividades, baseados no estudo da síndrome pós-anastomose porto-sistêmica, em pacientes operados pelos Profs. Edmundo do Vasconcelos, Nicolau de Moraes Barros, Palmiro Rocha, Fabio S. Goffi, Massayuki Okumura, Henrique Walter Pinottl, Jorge S. Guimarães e Silvano Raia, entre outros. Além da tese de doutoramento e de vários artigos publicados no exterior, vale mencionar a indicação, em nosso meio, da primeira colectomia total com anastomose íleo-retal, para tratamento de encefalopatia porto-sistêmica rebelde ao tratamento clínico.

Em 1968, com a oportunidade de maior aproximação entre clínicos e cirurgiões, o Prof. da Silva passou a colaborar na orientação clínica de pacientes cirúrgicos do Prof. Silvano Raia. Tornava-se, assim, concreta a possibilidade de se constituir uma Unidade de Fígado, nos moldes da existente em Londres. Com esse objetivo, tratou-se de dividir a Hepatologia em setores e convidou-se colegas interessados, preferentemente com experiência. Finalmente, definiu-se os campos merecedores de maior interesse por parte do grupo de estudo. As atividades foram divididas em três áreas de trabalho: a) setor clínico - Departamento de Clínica Médica (Prof. Luiz Venere Décourt); b) setor cirúrgico - Departamento de Clínica Cirúrgica (Prof. Euryclides J. Zerbini), Disciplina de Cirurgia do Aparelho Digestivo e Glândulas Anexas (Prof. Arrigo Raia); c) setor experimental da FMUSP (Prof. Silvano Raia).

Como resultado do pleno entrosamento entre as áreas clínicas e cirúrgicas, foram criadas diversas linhas de investigação, que culminaram com a publicação de trabalhos no país e no exterior, além de dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

O contínuo interesse pela Hepatologia e suas contribuições nessa importante área da Gastroenterologia, conduziram-no à eleição para Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia e da Sociedade Latino Americana de Hepatologia, nos biênios 1970-1971 e 1971-1972, respectivamente.

Em 1978, assumiu a responsabilidade do Curso de Pós-Graduação em Gastroenterologia Clínica, Disciplina de Hepatologia Clínica (FMUSP). O curso vem se realizando regularmente, e abrange temas ligados a aspectos básicos, como imunologia, etiopatogênica e mecanismos de lesão do hepatócito e fisiopatologia das principais síndromes em doenças hepáticas, além dos aspectos terapêuticos em Hepatologia.

A partir de 1984, assumiu a Coordenação do Setor relacionado ao Instituto de Medicina Tropical e ao Departamento de Gastroenterologia, do projeto *Vários Aspectos das Hepatites por Vírus no Brasil*, subvencionado pela Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP - e coordenado pelo saudoso Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto.

PESQUISAS EXPERIMENTAIS E CLÍNICAS EM ESQUISTOSSOMOSE

O interesse do Prof. Caetano DA SILVA em pesquisa sobre esquistossomose mansônica foi despertado em 1964, quando o Prof. CARLOS DA SILVA LACAZ o convidou a trabalhar no Instituto de Medicina Tropical de São Paulo (IMT).

Dedicou-se, desde então, ao estudo de anticorpos séricos, pelas técnicas de imunodifusão e de imunoeletroforese, em colaboração com o Prof. Rubens Guimarães Ferri, então Chefe do Laboratório de Imunoquímica da FMUSP. Resultados dessa pesquisa foram publicados em 1965.

Graças ao desenvolvimento no Laboratório de Sorologia do IMT, de novas técnicas sorológicas, particularmente de imunofluorescência e de hemaglutinação passiva, foram aprofundados os estudos dos anticorpos séricos em pacientes com esquistossomose mansônica.

Na ocasião, tornou-se patente a necessidade de criação de um ambulatório no IMT, para que os pacientes com formas benignas de esquistossomose pudessem beneficiar-se com a terapêutica e com o seguimento clínico-sorológico, evitando os entraves burocráticos então existentes. Os pacientes com forma hepatoesplênica, ou outras doenças graves concomitantes, eram enviados ao Hospital das Clínicas da FMUSP.

Na rotina ambulatorial do IMT, executavam-se exames parasitários e sorológicos, antes e em diferentes períodos pós-tratamento. Dessa forma, adquiriu-se experiência com diferentes quimioterápicos.

Com o progredir dos conhecimentos sobre a farmacologia das diferentes drogas, o Prof. DA

SILVA dedicou-se ao estudo da resistência do *S. mansoni* às mesmas, que resultou em duas comunicações internacionais.

Em 1970, o Prof. da Silva foi contratado para o cargo de Professor Assistente Doutor pelo Departamento de Patologia da FMUSP, com funções no IMT, junto ao Laboratório de Hepatologia. Os resultados das investigações sobre imunologia da Esquistossomose, desde 1963, foram apresentados e publicados a nível nacional e no exterior.

Em 1976, foi convidado pelo então Ministro da Saúde, Dr. Paulo de Almeida Machado, para observação e análise do Plano Especial de Combate à Esquistossomose (PECE), iniciado na cidade de Touros, Rio Grande do Norte. Desde então, passou a interessar-se, também, por aspectos epidemiológicos da enfermidade e pelo PECE, particularmente no Estado de Alagoas, tendo se deslocado várias vezes para o interior daquele Estado, com intuito de observar o andamento do projeto.

Graças a seu interesse em trabalho de campo, foi convidado pela organização Mundial de Saúde (OMS), para participar de uma reunião em Genebra, Suíça, em 1980. Em 1982, foi designado oficialmente pela SUCAM, em Brasília, para avaliar o PECE em Alagoas.

GRUPO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DE ALCOOLISMO E FARMACODEPENDÊNCIAS (GREC)

Tendo em vista a grande importância representada pelo alcoolismo, como causa de numerosos distúrbios no terreno da Gastroenterologia, participou na formação de um Grupo interdisciplinar, o GREC, constituído por psiquiatras, psicólogos, neurologistas, hematologistas e gastroenterologistas. A partir de 1986, passou a exercer as funções de Supervisor do GREC no HCFMUSP.

CHEFIA DA DISCIPLINA DE GASTROENTEROLOGIA CLÍNICA DO DEPARTAMENTO DE GASTROENTEROLOGIA DA FMUSP

Com o falecimento do Prof. Agostinho Bettarello surgiu a necessidade da substituição interina da Chefia da Disciplina de Gastroenterologia Clínica.

Por orientação da Chefia do Departamento de Gastroenterologia, foi solicitado que se realizasse uma consulta aos membros da Disciplina, quanto ao nome que deveria ser apreciado pelo Conselho do Departamento. Essa consulta, realizada através de votação secreta, resultou na indicação unânime do Prof. Luiz Caetano da Silva para o cargo de Professor Regente da Disciplina de Gastroenterologia Clínica da FMUSP.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

O Prof. Luiz Caetano da Silva ministrou 95 aulas ao nível de graduação, 315 ao nível de pós-graduação lato sensu e 64 ao nível estrito sensu, na FMUSP e em outras faculdades de medicina, 40 aulas em cursos e congressos médicos nacionais, e 7 internacionais. Coordenou e organizou 27 cursos na FMUSP e 17 em outras faculdades.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS

PUBLICAÇÕES

Publicou 120 trabalhos em revistas científicas no Brasil e 45 no exterior, defendeu teses de Doutorado e Livre-docência; editou 3 livros, *Cirrose Hepática, Hepatites Agudas e Crônicas*, e *O Fígado Sofre Calado*; escreveu 32 capítulos de livros no Brasil e 15 no exterior; publicou temas-livres na forma de *abstract*, em 27 revistas nacionais e em 72 revistas no exterior tais como, *Hepatology* e *Gastroenterology*. Entre as suas publicações, várias delas receberam mais de 100 citações por outros trabalhos publicados, conforme citações no *Science Citation Index*, indicando o alto impacto científico de suas publicações.

Durante sua vida acadêmica, têm orientado teses, sendo 15 ao nível de Mestrado, 22 ao nível de Doutorado, e colaborou em 8 Livre-docências. Além disso, participou no desenvolvimento de Centros de ensino e pesquisas, e na formação de discípulos, muitos dos quais ocupando posições importantes em nosso país.

Apresentou 195 comunicações em congressos médicos, no Brasil e no Exterior, e teve 230 participações em conferências, mesas redondas e simpósios.

Além de médico clínico, gastroenterologista, hepatologista, pesquisador e cientista, professor e orientador, a convivência com o LUIZ Caetano me mostrou outros aspectos que merecem ser mencionados:

- a mentalidade jovem e o gosto pela convivência com os jovens, pela vida e pelo que faz;
- o contagiante estímulo que dá aos seus discípulos (líder natural);
- o comportamento ético que impõe no relacionamento com os doentes, seus pares e na condução de seus trabalhos científicos;
- a permanente acolhida aos colegas iniciantes ou, mesmo, aos mais experientes provenientes de vários pontos do Brasil e da América Latina, que demonstraram interesse em aprender Hepatologia;
- a humildade de ouvir e o respeito à opinião dos colegas, mesmo os mais jovens, nas discussões de casos clínicos e projetos de pesquisa.

Diante do exposto, nada mais justo que esta homenagem ao grande vulto e mestre da Hepatologia brasileira – o Professor Luiz Caetano da Silva.

Luiz Carlos da Costa Gayotto

25-04-1933 22-04-2004

autores: Edna Strauss e Venâncio Avancini Ferreira Alves

Prólogo

O pioneiro é naturalmente um líder. Apenas o espírito desbravador, aliado a uma grande capacidade de trabalho, consegue superar as adversidades inerentes às atividades inovadoras, que fogem da rotina, penetrando em sendas ainda não exploradas. Um dos pioneiros da Hepatologia Brasileira, o professor Luiz Carlos da Costa Gayotto, além de vários outros atributos, também nos serve como excepcional exemplo de integridade.

Para melhor compreender a definição de integridade, lembramos que o ser humano compartilha reações instintivas com racionalidade. Desta forma, ele exprime em palavras o seu pensamento, que nem sempre se coaduna com os seus atos, já que estes costumam ser comandados pelos sentimentos. Ser íntegro, portanto, é pensar e falar, sentir e agir na mesma linha. Isto significa, fundamentalmente, não enganar, não chantagear, não dissimular, mas sim, positivamente agir continuamente de acordo com o seu modo de pensar, colocando em prática aquilo que se apregoa como verdadeiro. Tendo convivido por longo tempo com Gayotto, pudemos, como outros, testemunhar que a integridade foi a sua forma de viver.

Primórdios

Gayotto nasceu na cidade de São Paulo, em 25 de abril de 1933, ocasião em que seu pai, também médico, recém havia lutado contra Getúlio, na revolução constitucionalista dos paulistas. Perdeu a mãe biológica muito cedo, mas encontrou na dedicada tia, que seu pai posteriormente desposou, uma educação exigente e eficiente. Certamente, teve a influência paterna quando da escolha da profissão, já que nutria por ele grande respeito e carinho.

Inteligente, criativo e estudioso, Gayotto entrou para a Faculdade de Medicina da USP aos 17 anos. Desde os tempos de estudante, distinguiu-se pela personalidade brilhante e carismática. Defendia seus pontos de vista com muita determinação, despertando reações vivas no meio acadêmico. Seu compromisso com a verdade, a qualquer preço, foi uma marca na sua vida, desde os tempos de Faculdade, conforme atestam seus contemporâneos.

O Médico

A graduação em Medicina ocorreu em dezembro de 1956, seguida de residência médica em Cirurgia, ainda no Hospital das Clínicas da FMUSP. Para iniciar sua vida profissional decidiu sair de São Paulo e foi para Florianópolis, onde um tio médico lhe deu acolhida e compartilhou as dificuldades iniciais de sua atividade médico-cirúrgica. Durante 17 anos, exerceu a profissão como cirurgião, sendo muito requisitado, devido sua extrema dedicação aos pacientes. Com seu espírito vivaz e irrequieto, entretanto, não se restringiu a examinar, operar e cuidar intensivamente de seus pacientes. Querendo ir além, passou a acompanhar o diagnóstico macro e microscópico das peças cirúrgicas. Como tudo que fez na vida, dedicou-se com ardor a esta tarefa e logo foi convidado a

participar da Disciplina de Patologia, ajudando na resolução de intrincados diagnósticos anatomopatológicos, na Universidade de Santa Catarina.

A política nacional e a especialização em Patologia Hepática

Homem engajado no seu tempo, Gayotto sempre mostrou-se profundamente interessado e participante de tudo que acontecia ao seu redor. Seis anos depois de chegar a Florianópolis, corria o ano de 1964 e houve o golpe militar, com instalação da ditadura em todo o país. Logo a seguir, durante suas atividades como presidente da Associação Médica de Santa Catarina, Gayotto teve a oportunidade de ser conhecido por sua liderança e capacidade de trabalho para a comunidade. Assim, sua projeção estadual fez com que seu nome fosse sugerido para ocupar o cargo de Secretário de Saúde no Estado. Por outro lado, Gayotto não era homem de compactuar com injustiças e perseguições. Como cidadão íntegro, falava e atuava de acordo com suas convicções. Embora cristão convicto, ligado à área esquerda da Igreja Católica, após o convite, seu nome foi vetado pelas altas cúpulas do governo militar.

Tolhido em sua carreira ascendente e profundamente descontente com os rumos da política nacional, Gayotto resolveu dar uma guinada em sua vida, indo estagiar na Inglaterra,

fazendo especialização em Patologia Hepática com Peter Scheuer, aos 40 anos de idade, levando mulher e 4 filhos menores. Cativou os ingleses pela comunicação franca, inteligência criativa e dedicação ao trabalho, fazendo ali sua tese e conquistando o título de *Doctor of Philosophy* (Ph.). Além do natural alargamento de horizontes, pelo choque das diversidades culturais, que ocorre com todas as pessoas lúcidas que passam algum tempo na Europa, enriqueceu seu círculo de amigos, incluindo a saudosa e memorável Professora Sheila Sherlock.

O Professor

A atração por atividades de ensino começou cedo na vida de Gayotto. Durante a vida acadêmica deu aulas em cursinhos de preparação para vestibular, pois lhe agradava compartilhar o conhecimento. Em Florianópolis, não demorou a incorporar-se à Faculdade de Medicina, colaborando, em 1962, com o professor Arthur Pereira e Oliveira, com a organização da cadeira de Patologia, ministrando aulas desde a primeira turma de alunos, que chegavam ao terceiro ano médico naquele ano. Gayotto sempre se dirigiu com muito respeito e gratidão ao doutor Arthur, pelos valiosos ensinamentos iniciais nesta área da Medicina, que depois abraçaria com entusiasmo.

Sua Tese de Ph.D., defendida na Universidade de Londres em 1975, foi aprovada pela Comissão Julgadora composta pelos professores Peter Scheuer, Ken Weinbren e Peter Anthony. Foi revalidada, na Universidade Federal de Santa Catarina como Livre-Docência, e na Universidade de São Paulo, como Doutorado, em 1976.

Sua brilhante carreira acadêmica foi conseqüência natural de sua contínua atividade de ensino e de pesquisa, sendo em 1985 aprovado, com a rara unanimidade de grau 10 em todas as cinco provas completas do processo de Livre-Docência na FMUSP, tendo na Comissão Julgadora os professores Thales de Brito, Manoel Barreto Netto, Mário Rubens Montenegro, Moacyr de Pádua Vilella e Silvano Raia.

Após concurso para Professor Adjunto, em 1986, Gayotto atingiu o ápice da carreira acadêmica em 1990, quando foi aprovado com grau máximo como Professor Titular do Departamento de Patologia na Faculdade de Medicina da USP.

Mesmo depois de tornar-se Professor Titular de Patologia, em 1990 continuou sua enorme dedicação às atividades na graduação, tanto em aulas teóricas, como seminários de lâminas e discussões anátomo-clínicas.

Como professor de pós-graduação ministrava um Curso de Patologia Hepática a cada dois anos, muito procurado por pós-graduandos de diferentes áreas do conhecimento, não apenas da patologia, ainda que a exigência fosse grande, com início de atividades às 14 hs e término frequentemente após as 22:00 horas. O fato é que, tanto os alunos, como nós, os colaboradores do curso, praticamente não percebíamos o desenrolar dessas horas, diante da forma extremamente interativa, com seminários e discussões lideradas por nosso professor. Além do grupo de patologistas, clínicos e cirurgiões que o rodeavam, ele convidava para ministrar aulas ou moderar seminários, profissionais de outras áreas, procurando inovar constantemente, atualizando conceitos e compartilhando experiências práticas na solução dos problemas médicos.

Convites para proferir palestras e conferências no Brasil e no exterior foram se avolumando com o tempo, pois Gayotto tinha o dom da palavra e conseguia transmitir conceitos com grande maestria, mesmo para não iniciados. Os temas versavam desde a patologia tropical até as doenças inflamatórias crônicas intestinais, de alterações genéticas para doenças metabólicas da infância. Na preparação de cada aula, Gayotto se esmerava ao máximo, procurando inclusive inserir uma foto alusiva ao congresso do qual participava ou à cidade para onde fora convidado. Os assuntos mais freqüentes abordados, obviamente, relacionavam-se com patologia hepática, como as hepatites crônicas, a hepatotoxicidade por drogas e a cirrose hepática. Sua última aula, uma conferência magistral proferida durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Hepatologia, aconteceu em outubro de 2003 e ficará na memória de todos nós. Além da abordagem perfeita do tema, cirrose hepática, ele nos deu uma lição do que deve ser uma conferência "State of the Art" autêntica. Recebeu, ao final, uma verdadeira ovação e durante vários minutos nós o aplaudimos de pé!

A família

Gayotto conheceu sua futura esposa, Maria Leonor, ainda nos tempos acadêmicos, durante uma apresentação no teatro da Faculdade de Medicina e casou-se logo após a formatura. Eles tiveram quatro filhos, 3 deles nascidos em Florianópolis, para onde haviam se mudado após a Residência Médica em Cirurgia. Quando de seu estágio na Inglaterra, no início dos anos 70,

levou consigo toda a família, pois nunca dispensou o alegre e saudável convívio doméstico. A carreira brilhante e as múltiplas atividades nas quais se envolveu nunca impediram que ele se dedicasse com carinho tanto à esposa quanto aos filhos e, posteriormente, aos netos, enorme motivação até seus últimos momentos desta vida. Gostava de ir com a esposa a cinema, teatro, concertos ou levá-la para dançar. Atleta na juventude, tendo participado da equipe de basquete da FMUSP, foi sempre um incentivador dos esportes, sendo frequentemente acompanhado pelos filhos.

Na última década, passava as férias de janeiro, sistematicamente, com toda a família reunida em uma casa de praia, na Juréia, litoral de São Paulo. Voltava revigorado para o trabalho!

O amigo

Conta-nos o psiquiatra Paulo Gaudêncio que sua amizade por Gayotto teve início nos tempos de Faculdade. Ainda calouro, Gaudêncio foi chamado a opinar sobre a admissão de aluno procedente de outra Instituição. Ao apresentar um parecer favorável, sua proposta foi calorosamente rechaçada pelos colegas e apenas um veterano, Luiz Carlos da Costa Gayotto, teve a coragem e a autenticidade de levantar-se e apoiá-lo em sua análise contra a discriminação existente na época. Gaudêncio define o que é ser amigo e o comportamento de Gayotto: "... se eu estou errado, amigo fala para mim e inimigo fala de mim. E o resto é resto. Gayotto jamais se omitiu, jamais foi resto. Não me lembro de tê-lo ouvido falar mal de ninguém. Sei que falou muita coisa para muita gente e diretamente, olho no olho, como amigo. Foi, por isso, amado e respeitado por muitos, infelizmente não por todos".

De fato, Gayotto foi mestre em fazer amigos, pois embora soubesse argumentar com brilhantismo e contundência, também sabia ouvir, ponderava os argumentos apresentados, demonstrando sempre respeito e consideração pelo seu interlocutor. Era temido pelos poderosos quando denunciava injustiças ou apontava irregularidades, mas admirado e amado pelos pacientes, discípulos e funcionários.

Outro grande amigo de Gayotto foi certamente Rolf Zelmanowicz, médico e empresário gaúcho, o qual assim se expressa sobre ele: "... a sua alegria contagiante na hora do lazer, quando dançava, quando ia ao teatro, a concertos populares ou eruditos ou assistia aos mais variados esportes, quando aplaudia o talento e a habilidade dos homens, era conjugada com seu amor ao trabalho, eficiente, dedicado, sério, honesto e científico, onde exercia uma liderança nata."

Sua última orientanda na pós-graduação, Gabriela Coral, que graças a ele fez a metamorfose de clínica para a patologista de fígado, assim se exprime sobre o amado mestre: "...tinha raras qualidades humanas, que se combinavam de forma única: era um homem de personalidade forte e presença marcante, mas ao mesmo tempo, possuía sensibilidade aguçada e um amor puro por tudo que fazia."

O cirurgião Silvano Raia era da mesma turma na Faculdade e fizeram juntos a residência em Cirurgia. Ambos de personalidades fortes, certamente diferentes, sempre se deram muito bem. O retorno de Gayotto para São Paulo, em 1976, deveu-se em parte aos esforços de Silvano, junto à FMUSP. Gayotto nunca se esqueceu deste fato, sendo-lhe fiel companheiro, mesmo frente às grandes adversidades e lutas intestinas ocorridas no meio acadêmico. Silvano, ao escrever sobre Gayotto no Boletim da SBH, após discorrer sobre seus feitos destacou que "...todas essas iniciativas e seus méritos se mostram menores quando comparados com os traços humanos e de caráter com que os exerceu. Era reto por essência, generoso por índole, despretensioso por constituição, superiormente inteligente por genética e graças a todos esses atributos exerceu marcante liderança sobre toda nossa geração."

O hepato-patologista

Com sua mudança definitiva para São Paulo em 1976, Gayotto foi contratado como professor de Patologia pela Faculdade de Medicina da USP, iniciando nova fase de vida, dedicada exclusivamente à Anatomia Patológica, em especial à Patologia Hepática. Seu passado clínico-cirúrgico levou-o a incentivar o indispensável diálogo entre clínicos

e patologistas, visando o aperfeiçoamento do diagnóstico. Trabalhou inicialmente na Unidade de Fígado, que ficava no terceiro andar da Faculdade de Medicina, sendo uma mescla de laboratórios de pesquisa, como o laboratório bioquímico, de coagulação e de exames radiológicos hepáticos, com uma sala de cirurgia experimental, salas de reuniões e parte administrativa. Sua primeira sala na Faculdade, quando não era ainda Livre-Docente, ficava atrás do centro cirúrgico experimental da Unidade de Fígado. Em ambiente minúsculo, colocou

sua mesa, uma estante de livros e a mesa auxiliar com o microscópio. Assim que se instalou em São Paulo, reuniu colaboradores, estando entre eles a médica Edna Strauss e os acadêmicos Venâncio A.F Alves e Wolfgang Löscher, formando o que ele denominou "Grupo de Patologia Hepática" ou simplesmente GPH.. Venâncio recorda, com saudades, que nessa pequena sala ..."examinávamos as lâminas de biópsia hepática, muitas vezes sob o sol dos belos finais de tarde, que a grande vidraça filtrava" . Rapidamente, Gayotto aglutinou clínicos, cirurgiões e patologistas em torno de projetos de pesquisa, orientando alunos em iniciação científica e na pós-graduação.

Conseguiu, de forma exemplar, unir atividade acadêmica de investigação com a atividade assistencial desenvolvida no Hospital das Clínicas. Chamou os clínicos para uma reunião semanal com os patologistas, onde os casos de fígado eram apresentados. Além do ensino aos residentes, esta reunião prestava-se ao importante diálogo entre o médico que cuidava do paciente e o patologista, que lhe fornecia dados de morfologia hepática. Dentro ou fora da Universidade, Gayotto deu o exemplo de procurar o clínico, esmiuçar as informações e mesmo sugerir questionamentos aos pacientes, em busca de fatores etiológicos ou outros esclarecimentos.

No final dos anos 70, na mesma clínica da Av. Europa em que estavam Silvano Raia e Luiz Caetano da Silva, Luiz Carlos Gayotto iniciou atividade privada em laboratório de Patologia. Embora fizesse patologia geral, tornou-se conhecido por sua enorme contribuição especializada em patologia hepática, recebendo número crescente de biópsias de fígado. Posteriormente, fazendo sociedade com Venâncio Avancini F. Alves e Maria Regina Vianna, outra discípula da FMUSP, mudaram-se para o Hospital Oswaldo Cruz, criando o CICAP, laboratório de patologia e citopatologia, ao qual se juntaram outros de seus discípulos com o passar dos anos.

Ao longo dos anos 80, Gayotto consolidou-se como importante referência nacional em patologia hepática. Aproveitando as reuniões semanais do grupo clínico-patológico formado por ele desde sua chegada à cidade, agregou patologistas de todo o Brasil para reuniões a cada dois ou três meses, dando-lhe o nome de Clube de Hepatopatologia, atualmente oficializado pela Sociedade Brasileira de Patologia como Clube de Patologia Hepática Luiz Carlos Gayotto . Trazendo seus casos interessantes, difíceis ou complicados para revisão conjunta, patologistas de diferentes Estados, do norte ao sul do país acorrem a São Paulo para esta reunião. Convocando também os clínicos, sob a liderança de Gayotto, este grupo elaborou o Consenso sobre a nova classificação das Hepatites Crônicas, aprovada posteriormente pelas Sociedades de Patologia e Hepatologia, como sua classificação oficial, testada e amplamente utilizada em nosso meio. Nos dois últimos anos, dentro das finalidades deste Clube, Gayotto tinha dado início a novo protocolo, para definir melhor os critérios histopatológicos de estadiamento das doenças gordurosas do fígado, incluindo esteatose e esteato-hepatite não alcoólica.

O administrador

Ainda em Santa Catarina, quando cirurgião, em 1970, Gayotto foi incumbido pelo futuro governador Colombo Machado Salles a organizar a Fundação Hospitalar de Santa Catarina, criada pela lei 4547 , de 31 de dezembro de 1970, para coordenar a atividade dos numerosos hospitais públicos e das unidades assistenciais do Estado.

Assim que chegou a São Paulo, preocupado com educação em geral do nosso povo, colaborou com seu amigo Rolf Zelmanowicz, dirigente da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil (APLUB), administrando na filial de São Paulo as bolsas de estudantes universitários, que eram contemplados com um crédito educativo.

Quando Silvano Raia criou a Fundação do Fígado, para garantir suporte financeiro aos projetos de pesquisa, , chamou Luiz Carlos Gayotto para ser um dos Diretores dessa Fundação. Gayotto dedicou sua enorme energia a mais esta relevante função , vendo recompensado seus esforços com a realização dos primeiros transplantes de fígado.

Posteriormente, em substituição a Thales de Brito assumiu a Diretoria da Divisão de Anatomia Patológica (DAP), responsável pelo diagnóstico de peças cirúrgicas e biópsias procedentes de todo o complexo do Hospital das Clínicas. Passou, assim, a chefiar os patologistas das diversas áreas de especialização e incentivou ativamente o crescimento da atuação integrada ("as interfaces") com as diversas clínicas do Hospital , para facilitar o diálogo clínico-patológico. Nesta ocasião, a DAP ocupava modestas instalações no primeiro andar (sub-solo) do Prédio dos Ambulatórios, junto ao Hospital das Clínicas, em espaço acanhado, com acomodações pouco apropriadas. Procurando transformar sonho em realidade,

Gayotto liderou seus assistentes na elaboração de um novo projeto. O sonho era ambicioso pois a Divisão passaria de 76m² a 1700m², valorizando assistência, ensino e pesquisa além da parte administrativa, com espaço individualizado para cada um dos médicos. Um dos segredos para o sucesso da empreitada foi a "descoberta", feita em conjunta com seu colaborador Luiz Heraldo Câmara Lopes, de área não utilizada cobertura do mesmo Prédio dos Ambulatórios, logo acima do Centro Cirúrgico. Assim, sem o deslocamento de qualquer outro serviço hospitalar, foi instalado o novo laboratório, fruto do idealismo e árduo trabalho de Gayotto para convencer os gestores e conseguir os fundos necessários à sua construção. Após sua inauguração em 1991 desenvolveu um árduo trabalho, como seu Diretor, até sua aposentadoria compulsória, em abril de 2003.

Embora muito ativo nas lides acadêmicas, não descuidou dos demais encargos administrativos. Foi também Diretor do Laboratório Central do Hospital das Clínicas da FMUSP,. Posteriormente, assumiu a posição de Diretor Geral do Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina (IMT), centro de pesquisas conjuntas dos Departamentos de Patologia, de Moléstias Infecciosas, de Dermatologia e de Medicina Preventiva da FMUSP. Sua decidida liderança conferiu ao IMT novo regimento, com status privilegiado dentre os Institutos da USP, o que atualmente lhe confere arcabouço

jurídico para os grandes avanços em pesquisas desta relevante área da Medicina no Brasil.

Gayotto foi, ainda, eleito, pelos seus pares, Membro do Conselho Diretor do Complexo HC. Este importante conselho tem voz ativa em todas as decisões administrativas deste que é um dos maiores complexos hospitalares da América Latina. Frequentemente Gayotto era convocado a redigir pareceres ou intermediar conflitos, contribuindo, também neste plano, para o progresso desta grande Instituição

O pesquisador

Como professor, atuando na Universidade de São Paulo, o envolvimento com pesquisas era algo absolutamente natural na vida de Gayotto. Além da patologia hepática propriamente dita, interessava-se por hepatologia em geral, procurando sempre estar cercado de clínicos e cirurgiões. Era frequentemente procurado por médicos do Hospital das Clínicas ou mesmo de outras Faculdades para opinar sobre planos de pesquisa, estando sempre disponível. Para garantir concentração aos temas de pesquisa, agendava reuniões às 7:00 da manhã ou mesmo aos sábados, mas gostava mesmo era de convidar o interessado para as reuniões do seu grupo nas tardes de quinta-feira. No grande anfiteatro que criou na Divisão de Anatomia Patológica, cada projeto era minuciosamente avaliado, surgindo críticas produtivas e sugestões para o melhor aproveitamento dos dados. Durante o andamento de um trabalho científico ou mesmo após seu término, quando da análise final, também gostava de reunir todo o grupo para as considerações. Os jovens expositores sabiam que esse era o teste mais difícil, mas todos sempre soubemos que as críticas acirradas eram o melhor preparo para a arguição acadêmica.

Através da APLUB, em 1979, Gayotto tomou conhecimento de surto de hepatite viral e da maior prevalência de tumores hepáticos na Amazonia. Após uma viagem inicial de rastreamento da situação, organizou uma expedição com médicos, enfermeira e técnicos para coleta de sangue da população local, para avaliar marcadores de hepatites virais. Faz outras expedições, tanto ao Estado do Amazonas como ao Pará, incluindo a visita a uma tribo indígena com coleta de sangue dos mesmos. Nessas ocasiões, a equipe médica fazia também o atendimento dos habitantes locais e Gayotto chegou a operar de urgência uma criança, improvisando condições e salvando-lhe a vida.

Com sua capacidade de aglutinar pessoas e seu raciocínio vivo em detectar as prioridades médicas, em 1982 elaborou um grande projeto multicêntrico para o estudo das hepatites no Brasil, quando ainda não era conhecida a hepatite C. Conseguiu recursos junto à FINEP e providenciou que os laboratórios fossem equipados para o desenvolvimento das investigações, que resultaram, além da formação de numerosos jovens pesquisadores, em volumosa produção científica, compreendendo 64 publicações em periódicos e livros, 12 teses acadêmicas e 112 apresentações em congressos.

Preocupado com a questão das hepatites virais, apresentou suas pesquisas em Congressos e junto a OPAS, da qual foi conselheiro "ad hoc", chamando atenção para o problema e incentivando a adoção de medidas preventivas, incluindo a nova vacina para hepatite B. Desta forma, passou a fazer parte, juntamente com Figueiredo Mendes e Hermann Schatzmayer da primeira Comissão Nacional de Hepatites junto ao Ministério da Saúde. Esta

Comissão teve influência marcante para o início da vacinação na Amazonia, que posteriormente se estendeu para todo o país.

O líder associativo

Ainda em Florianópolis, devido sua natural liderança, foi eleito Presidente da Associação Médica de Santa Catarina, quando desenvolveu intenso trabalho por todo o Estado, visitando as diversas comunidades, incentivando os médicos a se unirem na solução dos problemas de classe.

Ao chegar em São Paulo, procurando congregar os hepatologistas da cidade, criou em meados dos anos oitenta o Clube do Fígado, fazendo reuniões mensais, uma delas com a presença de Sheila Sherlock e Roger Williams. Após vários meses, passou essa função para Hoel Sette Junior, que prosseguiu por algum tempo. Desta semente, plantada por Gayotto, nasceria mais tarde a Associação Paulista para o Estudo do Fígado (APEF), que atualmente congrega os colegas do Estado de São Paulo interessados em doenças hepáticas.

Gayotto filiou-se à Sociedade Brasileira de Hepatologia e participava ativamente de todos os seus Congressos Nacionais. Fez parte da Diretoria da SBH, auxiliando na realização do X Congresso, que ocorreu na capital paulista em 1986. Bem antes disso, Gayotto esteve presente quando da fundação e primeiro Encontro Científico da Sociedade Latinoamericana de Hepatologia em 1968, chegando à sua presidência em 1986. Dinâmico e criativo, procurou repetir em nível latinoamericano a visita aos associados, com finalidade de integrá-los, como fizera em Santa Catarina. Sob a égide da Sociedade, liderou alguns inquéritos epidemiológicos, entre eles um sobre etiologia das doenças hepáticas. Tendo viajado pelos diversos rincões, revitalizou a Sociedade, fazendo valer seus direitos junto à Sociedade Internacional – IASL. Escolhido por seus pares como o candidato à presidência da IASL, contou ainda com apoios internacionais decisivos, como a prof. Sheila Sherlock e David Kershenobich. Seu nome foi aceito e ele se tornou o primeiro latinoamericano a ocupar esse alto cargo diretivo.

Durante os anos em que participou do Comitê Executivo da IASL, como presidente-eleito, presidente e ex-presidente, procurou sedimentar a posição da América Latina como parceira das Associações congêneres nos demais continentes e interferiu ativamente em decisões internacionais. Vale mencionar sua atuação firme ao rejeitar a proposta de inserir a África do Sul na Associação Européia. Defendeu esforços para viabilizar a reestruturação da Associação Africana para o Estudo do Fígado, independente e única representante dos países desse continente, o que se concretizou. Merecidas homenagens lhe foram prestadas tanto na África do Sul como no Egito.

A arte de escrever

Além de bem educado, Gayotto era um erudito. Dormia pouco e lia muito, interessando-se por temas diversificados. Como peculiaridade, entretinha-se com dois ou três livros ao mesmo tempo. Gostava da leitura no idioma original, freqüentemente inglês, mas podia fazê-lo também em espanhol, francês ou italiano. Falava fluentemente e ministrava palestras em inglês e espanhol. Valorizava também a literatura nacional, assim como a música e as artes em geral.

A precisão com que redigia qualquer texto, fizeram-no muito requisitado no meio acadêmico. Os membros do seu grupo quase invariavelmente solicitavam sua revisão em trabalhos científicos, relatórios ou capítulos de livros. A preocupação com a perfeição do texto, não só na forma como também no conteúdo, em termos da melhor metodologia possível, fizeram com que suas publicações tenham sido menos abundantes do que poderiam, já que ele recusava expor ou liberar conteúdos bons, porém ainda com algumas imperfeições. Por outro lado, tudo que escreveu e publicou é de excelente qualidade.

Na virada do século, resolveu impulsionar todo seu grupo multidisciplinar a um novo projeto, a edição de um Tratado sobre Doenças do Fígado e Vias Biliares. Venâncio Avancini Ferreira Alves, seu discípulo de primeira hora, sócio e continuador de sua obra em São Paulo foi escolhido para acompanhá-lo como Editor e os demais clínicos, que sempre estiveram ao seu lado nos projetos de pesquisa, participaram da empreitada como co-editores. No "melhor estilo Gayotto" a organização do livro deu muito trabalho, pois o nível de exigência era muito elevado. Felizmente, o projeto chegou a bom termo, dando ao querido mestre uma grata sensação de realização pessoal e a Menção Honrosa no Prêmio Jabuti, deixando para os médicos e estudantes de medicina brasileiros importante referência médica na língua-mãe.

A doença

Durante toda a vida Gayotto gozou de excelente saúde e apenas na última década

apresentava excesso de peso, que contrabalançava com exercícios físicos e longas caminhadas. Em maio de 2002, numa manhã de sábado ele nota a urina muito escura e a presença de icterícia discreta. Oito meses antes ele fora submetido a uma colecistectomia laparoscópica devido cálculos biliares. Como bom clínico que sempre foi, particularmente preocupado com diagnósticos, ele fez três hipóteses: cálculo residual de colédoco, colestase por medicamentos ou neoplasia de cabeça de pâncreas.

Encarar o diagnóstico de tumor maligno é certamente um grande desafio na vida de qualquer pessoa. Acostumado a tomar decisões rápidas, Gayotto fez com que fosse providenciada sua internação e a realização dos diferentes exames que confirmaram o tumor, sendo agendada a cirurgia para a segunda feira seguinte, ou seja com menos de 3 dias do início de sintomas. Submeter-se a uma cirurgia extensa, com pós-operatório demorado foi apenas o início do seu calvário. Nos dois meses que esteve hospitalizado recebeu inúmeras demonstrações de afeto, consideração e carinho da família, colegas e amigos. A recuperação foi lenta e gradativa e ele voltou ao Hospital das Clínicas, com finalidade de completar seu período, arrumar suas coisas, já que em abril de 2003 estaria se aposentando, aos 70 anos .

Conforme previamente programado, fizemos para ele uma grande festa de despedida no dia 10 de abril. De início houve um seminário clínico-patológico, centrado na exposição de temas de estudo de diversos de seus discípulos que posteriormente haviam se tornado professores em várias universidades do Brasil e mesmo do exterior, especificamente Uruguai , Peru e Argentina. À noite, o jantar - homenagem, por adesão, agregou mais de 200 pessoas, entre familiares, médicos, residentes, funcionários e os mais diversos admiradores. Os então presidentes da SBH, Dr. Victorino Spinelli e da SBP, Fernando Augusto Soares, entregaram-lhe placas , em agradecimento pelos serviços prestados. Gayotto estava feliz.

Porém tanto os seus médicos, como ele próprio sabiam que as perspectivas futuras eram pouco animadoras. Após quimioterapia e radioterapia , ele foi submetido a uma segunda laparotomia em meados de 2003, que não revelava metástases. Ele se recuperou rapidamente e passou por um período de estabilidade, praticamente sem dores, com peso estável, voltando a dar aulas, assumir compromissos e continuando o trabalho de dar os seus laudos no Hospital Oswaldo Cruz. Nesse período, ministrou cursos em Portugal e, por fim, compareceu ao Congresso da SBH, dando a brilhante aula, já mencionada. Durante as férias de janeiro de 2004, entretanto, voltou da praia devido ao ressurgimento das dores. Conversou com os diferentes médicos que cuidavam dele e durante algum tempo postergou a realização de exames. Mantinha muita força interior aliada à vontade de viver, jamais se entregou à doença. Com a realização dos exames e o diagnóstico das metástases, manteve a serenidade e continuou sua rotina de vida e trabalho. Queria comparecer ao congresso da IASL, que se realizava na Bahia em março de 2004. Até o final, continuava sendo o amigo e o conselheiro de todos nós, preocupando-se com os problemas de cada um e procurando nos orientar para a melhor solução.

Epílogo

Gayotto faleceu em 22 de abril de 2004, rodeado por seus familiares. A notícia do falecimento correu célere e muitos compareceram ao velório e ao enterro. Condolências chegaram de todo o país e do exterior. No dizer de Victorino .."há homens bons que deixam saudades, outros, verdadeiras lacunas e marcas indeléveis no meio em que viveram." Iremos mais além, Gayotto está vivo em cada um dos seus discípulos, em cada um dos seus admiradores. Ele foi um verdadeiro paradigma. A sua imagem, seus ensinamentos, sua alegria contagiante, sua capacidade de trabalho, sua busca pela perfeição e fundamentalmente seu exemplo de integridade, viverão conosco para sempre!

SILVANO MÁRIO ATTILIO RAIÁ

01-09-1930

autor: Cláudio Lacerda de Melo

Introito

Em abril de 2005, a Professora Edna Strauss, Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia, dando continuidade ao seu felicíssimo projeto de reverenciar os pioneiros da hepatologia brasileira, solicitou-me que escrevesse os traços biográficos do Professor Silvano Raia, para publicação em forma de artigo. De pronto, ocorreu-me que, entre tantos discípulos ilustres, alguns deles inclusive com muito mais aptidão literária, o privilégio da escolha do meu nome deveria decorrer de circunstâncias desconhecidas da maioria dos que fazem a comunidade dos hepatologistas brasileiros. A eles devo, portanto, uma breve explicação.

Conheci pessoalmente o Prof. Silvano Raia, em março de 1987, em seu gabinete, na Unidade de Fígado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Chegando de Pernambuco para ficar por dois anos, apresentei uma carta de recomendação do meu mestre e seu amigo, o Prof. Salomão Kelner. Manifestei o meu desejo de estagiar na sua unidade, que vivia momento de grande evidência após a realização dos primeiros transplantes de fígado bem sucedidos do Hemisfério Sul. Nervoso, disse-lhe que pretendia realizar curso de doutorado em cirurgia naquela faculdade, produzindo tese sob sua orientação. Lembro que, daquela figura marcante, carismática, vivendo o auge da sua carreira, em vez de entrevista, ouvi uma única pergunta expressiva da sua personalidade objetiva, direta e que faz da " síntese a expressão máxima da inteligência humana" : Filho, você é bom ?

Trabalhei durante quatro anos na Unidade de Fígado. Nela fiz toda a minha formação de cirurgião hepatologista, com treinamento em transplante, angiografia, laparoscopia e terapia intensiva. Participando de um grupo cirúrgico que fazia medicina avançada, modificando paradigmas, com ênfase ao trabalho multidisciplinar, tive a oportunidade de aprender " por osmose ", na convivência diária com cirurgiões, hepatologistas, patologistas, angiografistas, imagenologistas, intensivistas e infectologistas, a maioria deles trabalhando em tempo integral na unidade, ora em atividades clínicas, ora em pesquisa.

Eram tempos difíceis. De um lado, o preço da curva de aprendizado que o mundo pagava naquele momento histórico do desenvolvimento dos programas de transplante hepático. Do outro, as dificuldades organizacionais, políticas, financeiras e, sobretudo, culturais, próprias de um país em desenvolvimento. Nesse contexto, na condição de assistente direto do professor, cuidando dos seus pacientes públicos e privados, elaborando artigos com ele, e preparando suas conferências, tive o privilégio de participar da sua intimidade, testemunhando a sua gigantesca tarefa de comandar aquela nave. Cresceu ainda mais a minha admiração por ele, agora associada a um profundo sentimento de gratidão. Consolidou-se uma grande amizade, resistente ao tempo e à distância.

DADOS BIOGRÁFICOS

Silvano Mário Atílio Raia nasceu em 1^o de setembro de 1930, filho de Paulo e Lina, italianos , que haviam se conhecido e casado no Brasil, onde viveram por 47 anos, até a morte de sua mãe, em 1973. Tem apenas um irmão, Aldo, três anos mais velho, que veio a se tornar um renomado advogado em São Paulo.

Seu pai, de origem simples, foi o vigésimo primeiro filho de sua avó. Nasceu em 1890, chegando ao Brasil aos 18 anos para trabalhar na farmácia Raia, de seu irmão mais velho João, em Araraquara. Poucos anos depois, foi para São Paulo, onde fez curso colegial intensivo e, depois, ingressou na antiga Faculdade de Medicina, situada na Rua Conselheiro Nébias. Não tendo meios para pagar as mensalidades, apesar de ser o primeiro da turma, Paulo Raia fazia, deliberadamente, os exames em segunda época, dando aulas para os colegas reprovados, obtendo assim os recursos para saldar a conta da faculdade, e poder prestar os exames. Foi um grande anatomista e depois cirurgião. Exerceu amplamente a profissão na colônia italiana de São Paulo, economizando sempre, o que lhe garantiu independência financeira, durante os 100 anos que viveu.

Sua mãe nasceu em 1896, chegando ao Brasil em 1920, com seus pais e seu irmão médico. Conheceu o pai do professor e, três meses depois, estavam casados. Foi sempre devotada à família, doce e enérgica ao mesmo tempo. Desempenhou, de forma magistral, o papel mediterrâneo de esposa e mãe, transmitindo aos dois filhos uma forma de amorização que os

acompanha até hoje.

Silvano Raia decidiu ser médico desde a infância, período em que o seu brilhantismo já se evidenciava. No colégio São Luiz, onde estudou durante 11 anos, recebeu o prêmio de excelência, conferido ao melhor aluno dos cursos ginásial e colegial. Foi aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, de 1951 a 1956. Desde o segundo ano, trabalhou junto ao serviço do Professor Edmundo Vasconcelos, responsável maior pela sua formação cirúrgica e de professor. Sob sua orientação, trabalhou durante 8 anos, em tempo integral. Nesse período, instrumentou cirurgias, e foi assistente das cadeiras de embriologia (1 ano), anatomia descritiva (1 ano) anatomia topográfica (1 ano), anatomia patológica (2 anos) e clínica cirúrgica (2 anos). Nesse serviço, foi responsável pelo ensino do aparelho digestivo no curso de graduação.

De 1964 a 1966, estagiou no serviço da Professora Sheila Sherlock, em Londres, obtendo o título de PhD, pela Universidade de Londres, consolidando sua formação de hepatologista. Voltando ao Brasil, deu continuidade à sua carreira universitária na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. À vida acadêmica se entregou de corpo e alma, até a sua aposentadoria, em setembro de 2000, construindo um dos mais profícuos currículos universitários dos nossos tempos. Tão logo retomou suas atividades neste país, dedicou-se à criação e à consolidação da Unidade de Fígado, grupo interdisciplinar que lidera até hoje e que funcionou na FMUSP-HC até 2002, quando transferiu-se para o Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

Em muitos aspectos, a vida do Professor Silvano Raia se confunde com a história da cirurgia de fígado no Brasil. Introduziu no País a valorização do sangue portal para o trofismo das células hepáticas, realizando as primeiras derivações portocavas seletivas. Realizou o primeiro estudo prospectivo controlado sobre os efeitos das técnicas empregadas para o tratamento cirúrgico das varizes de esôfago sangrantes, causadas pela esquistossomose mansônica. O seguimento, durante 10 anos, dos 96 pacientes desse estudo contra-indicou, formalmente, a anastomose espleno-renal, que era muito empregada entre nós para tratamento das hemorragias da parasitose, valorizando a desconexão ázigo-portal mais esplenectomia, preconizada há muito pelo saudoso Professor Salomão Kelner, no Recife.

Realizou as primeiras ressecções regradas de fígado. Desenvolveu um sistema de perfusão extra-corpórea de fígado isolado de porco com sangue humano, obtendo desempenho funcional inédito na literatura. Realizou o primeiro transplante hepático bem sucedido no Brasil e no Hemisfério Sul. Descreveu e realizou o primeiro transplante clínico de fígado intervivos da literatura, que permitiu, em muitos centros nacionais e do exterior, reduzir a mortalidade na lista de espera pediátrica em até 50%. Em 1967, criou a Unidade de Fígado do Hospital das Clínicas, cujos setores experimental e clínico constituem-se em centro de referência da hepatologia cirúrgica no País.

Na formação e liderança de sua equipe, superou o conceito *magister dixit*, substituindo-o pelo da chefia emergencial. Cada área é dirigida pelo membro que mais sabe e mais experiência tem no setor. Ao vértice da pirâmide cabe escolher quais os temas e linhas de pesquisa mais pertinentes para o grupo e para o meio naquele determinado momento.

Como metodologia de trabalho, valorizou e exerceu a alternância de atividades clínicas com atividades experimentais realizadas pela mesma equipe, para atingir o mesmo objetivo. O emprego desse binômio permitiu desenvolver técnicas em modelos animais para, em seguida, aplicá-las no homem e, por outro lado, esclarecer, em modelos animais, dúvidas surgidas na tal atividade clínica. Esse tipo de trabalho explica o caráter pioneiro da equipe, seja no exercício de técnicas inéditas, seja na realização de estudos controlados de diversas variáveis cirúrgicas, fisiológicas e clínicas, definidas durante os programas experimental e clínico.

Junto a ele se formaram ou se aprimoraram muitos dos atuais expoentes da hepatologia do Brasil, responsáveis por centros que adotam a mesma metodologia da Unidade de Fígado, visando objetivos semelhantes. Confirmaram que " A mente humana que se alarga para uma nova idéia jamais retorna às dimensões primitivas ". Entre outros, vale destacar: Edna Strauss (USP), Hoel Sette Jr (USP), João Luiz Carneiro (Vitória), José Roberto Nery (Miami – EUA), Leila Beltrão Pereira (Recife), Luiz Caetano da Silva (USP), Luiz Carlos da Costa Gayotto (USP), Orlando Castro e Silva (Ribeirão Preto – USP), Paulo Celso Bosco Massarollo (Santa Casa – SP) e Sérgio Mies (Hospital Einstein – SP)

Esse último, Sérgio Mies, tem exercido papel essencial na vida profissional do Professor Silvano Raia. Ao seu lado nas últimas quatro décadas, tem dividido com ele as responsabilidades no comando da Unidade de Fígado. Em 2001, na condição de candidato do Professor à sua

sucessão, como titular da Disciplina Cirurgia Experimental e Transplante de Fígado, foi vencido em concurso público pelo Professor Marcel Cerqueira César Machado.

Um concurso histórico, em que brilharam esses dois gigantes da cirurgia brasileira. Lamentavelmente, à Universidade de São Paulo, faltou visão e coragem política para impedir que o Professor Sérgio Mies e toda a sua grande equipe, uma enorme massa crítica formada por ele e sobretudo pelo Professor Raia, às custas de grande investimento pessoal e institucional, saíssem para se estabelecer em hospital privado de São Paulo. Que desperdício ! A USP tinha que reconhecer o Professor Marcel Machado como legítimo vencedor do concurso e, ao mesmo tempo, criar espaço para a continuidade daquele grupo que fez história naquela instituição, e que ainda tinham muito a dar, nas suas atividades precípuas de ensino, pesquisa e assistência. Para confirmar isso, a Unidade de Fígado realizou, em 2004, 105 transplantes de fígado, o maior número do país. Operações que deveriam ter sido realizadas no HC-USP.

A criatividade do Professor Silvano Raia se tornou aparente também em várias linhas de pesquisa. Descreveu a primeira técnica capaz de separar em nível celular a bilirrubina indireta da bilirrubina conjugada (único autor - Nature (Lond) 1965; 205: 304); técnica para duodenografia hipotônica com duplo contraste (Gut 1966; 7: 120); estudo radiográfico do ducto torácico (Radiology 1969; 4: 50). Com seus assistentes, descreveu sistema de perfusão isolada de fígado de porco, fita hemostática para ressecções de fígado, técnica para ressecção dos segmentos V e VI, exclusão vascular hepática segmentar e técnica para anastomose esplenocava.

Sua liderança e visão em assuntos gerais se define, como professor, na criação dos LIM - Laboratórios de Investigação Médica da FMUSP. Entre eles, o Laboratório de Investigação Clínica e Experimental em Hepatologia, carinhosamente apelidado de "NASA" pela comunidade acadêmica. Como Diretor da FMUSP, criou a Disciplina de Informática Médica. Instituiu a Fundação Faculdade de Medicina em convênio com a Secretaria de Estado da Saúde para pagamento dos procedimentos SUS, que permitiu ao Hospital das Clínicas atingir o nível de excelência que mantém até hoje.

Obteve da Prefeitura Municipal de São Paulo a concessão de uso de um terreno em localização privilegiada, no qual projetou o Instituto do Fígado. Esse projeto, ao qual tem-se dedicado com toda a sua criatividade e tenacidade, nos últimos tempos, certamente se tornará motivo de orgulho para a medicina brasileira.

Considerações Finais

O professor Silvano Raia sempre lutou pelos seus ideais. Inovando muitas vezes, orientou seus passos prevendo o futuro e modificando o presente. Exemplo de sua capacidade de luta foi a participação no concurso para Professor Titular de Cirurgia Experimental. Somente conseguiu inscrever-se por mandado judicial já que fora preterido, pouco antes, no concurso para Professor Adjunto, sem provas públicas. Venceu o concurso por unanimidade sendo indicado unanimemente pelos cinco membros da banca.

Sua determinação e sua visão de futuro são evidentes na seqüência de suas iniciativas relacionadas ao transplante de fígado no Brasil. Em 1967, criou a Unidade de Fígado. Durante esse ano e o seguinte, desejando motivar a comunidade médica brasileira em relação ao novo procedimento bem como estimular a direção do Hospital das Clínicas da FMUSP para o programa de transplantes que propunha, ministrou conferências sobre transplante de fígado em São Paulo, Belém do Pará, Salvador, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. De 1968 a 1985, realizou mais de 400 cirurgias em animais, preparando sua equipe para, em 1^o de setembro de 1985, realizar o primeiro transplante clínico de sucesso no Hemisfério Sul. Desde então, a Unidade de Fígado acumulou uma casuística que hoje inclui cerca de 840 transplantados, e preparou cirurgiões e clínicos que permitiram difundir a nova técnica em vários centros no Brasil.

No conjunto, sua biografia justifica a citação de T.E Lawrence ; " Todos os homens sonham, mas não da mesma maneira. Aqueles que sonham à noite, no recesso obscuro de suas mentes, acordam percebendo que tudo desapareceu. Mas os que sonham durante o dia são homens perigosos. Podem lidar com seus sonhos de olhos abertos e torná-los realidade."

DEPOIMENTOS:

Filhas de Silvano - Ana Beatriz e Ana Paula

Ana Beatriz, filha mais velha. Na minha infância disputei meu pai com a Faculdade de Medicina. Queria tê-lo por mais tempo perto de mim. Hoje, percebo que valeu. A qualidade de sua convivência compensou o menor tempo. Sempre me estimulou, criando condições para que eu me desenvolvesse do ponto de vista humano e profissional. Seu exemplo de trabalho marcou minha vida e induziu minha escala de valores. Tenho por ele um amor único e imenso.

Ana Paula, filha mais nova. Amo meu pai. Sinto-o cada vez mais próximo e assim posso vê-lo melhor, e admirá-lo mais no seu amor por nós, na sua inteligência, na sua grande visão, na sua persistência e na sua dedicação a todos que o procuram solicitando ajuda. Só hoje percebo como soube nos educar. Abriu o mundo para mim e para minha irmã, ensinando-nos como entendê-lo. O exemplo de sua carreira pioneira como professor de medicina deve servir de inspiração aos jovens médicos. Orgulho-me de ser sua filha.

Prof. Dr. Sérgio Mies

Conheci o Silvano de forma muito superficial, no início do meu curso médico, na década de 60. Na ocasião, não tinha carro próprio, mas, freqüentemente, ia à Faculdade com um carro de meu pai, uma Kombi. Naquela época, no Brasil, os únicos carros nacionais disponíveis eram o Jeep Wyllis, a Kombi e o "Fusquinha", conhecido na época como Sedan VW. O Silvano, recém separado de sua primeira mulher, precisava de um carro um pouco maior para transportar uma belíssima mesa de rãdica, que tinha um tabuleiro de xadrez entalhado na sua tampa. E ele só tinha um carro esporte, um Porsche. Por indicação de colegas, ele me encontrou no porão da Faculdade de Medicina da USP, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz e me pediu a Kombi emprestada por algumas horas. Ele falou comigo de tal forma que não pude recusar.

Fiquei até com a impressão que ele estava fazendo um favor pra mim! Assim é o Silvano.

Passaram-se alguns anos, completei o internato e, no final da Residência Médica, cumprida no Serviço do grande cirurgião Edmundo Vasconcelos, recebi um telefonema: era o Silvano me convidando a trabalhar com ele no HC, no Grupo de Fígado e Hipertensão Portal, embrião da Unidade de Fígado. Era um domingo de manhã, e eu estava terminando a visita aos internados. Fiquei confuso, pois tinha outros projetos e outros convites. Ele soube me mostrar as vantagens de trabalhar com ele. E lá fui eu. Comecei fazendo cirurgia experimental em animais, especialmente em porcos, mas, lá, tinha de tudo: porcos, cachorros e até vitela! Foi uma fase muito rica da minha vida, em que realizávamos perfusão isolada de fígado. Foram muitos anos de trabalho, em que ele operava numa sala e eu em outra, duas vezes por semana. Lembro que, uma vez, um dos dois animais a serem operados morreu na entubação traqueal. Não poderíamos interromper a experiência. E não havia mais porcos no Biotério da Faculdade! Pegamos o Geraldo, funcionário que trabalhava conosco havia anos, o Silvano e eu e fomos rapidamente no seu Porsche (ele novamente) para Franco da Rocha, local de onde vinham os porcos. Escolhemos um com cerca de 40kg, colocamos num saco de estopa, e voltamos rapidamente para São Paulo, pela Estrada Velha de Campinas. Para os que não sabem, esta estrada é constituída somente por curvas, uma atrás da outra! E lá vínhamos nós rapidamente nas curvas, cantando pneus, com o Geraldo segurando o porco meio atravessado no espaço exíguo que existia atrás dos bancos dianteiros do Porsche. Bem, numa dessas curvas o Geraldo perdeu o equilíbrio e foi uma confusão danada: Geraldo tentando segurar o porco solto dentro do pequeno Porsche! Um desastre!

Foram centenas de porcos e de perfusões, que resultaram numa tecnologia que foi fundamental para o projeto "transplante de fígado", sempre em pauta e sempre sonhado. O Silvano já havia realizado duas tentativas anteriores à minha entrada no grupo. E eu participei da quinta tentativa no HC, em 1971, uma vez que outra equipe havia também tentado o procedimento por duas ocasiões. Todas sem sucesso. Nessa época, esses insucessos eram gerais em todo o mundo. E foi ele quem impulsionou a perfusão isolada e o desenvolvimento de outras técnicas de assistência hepática, pois, na época, a imunossupressão e a rejeição eram os grandes fantasmas dos transplantes. Quando surgiram novas drogas imunossupressoras, nós já estávamos preparados para o transplante clínico. Tínhamos realizado o procedimento em porcos, em cães e em cadáveres. Sempre com o contagiante entusiasmo do Silvano, que não admitia derrota. Até um insucesso era visto como uma enorme oportunidade de crescimento. E era mesmo! Mesmo que tenham sido um insucesso clínico, as nossas perfusões isoladas foram objeto de diversas teses de doutorado, a minha e, inclusive, a segunda dele de Livre-docência em Cirurgia Experimental. Assim foi o Silvano a vida inteira: realizou não uma, mas duas teses de Livre-Docência. A primeira foi clínica, em 1978, em hipertensão portal, num dos primeiros estudos prospectivos realizados na cirurgia brasileira.

Em 1980, Silvano fez concurso para professor titular de Cirurgia Experimental na Faculdade de Medicina e foi aprovado. Três anos depois, era o diretor da Faculdade! E eu brincava: de doutor a diretor em cinco anos! E ele viu claramente essa possibilidade anos antes. E soube aproveitá-la.

O mesmo aconteceu com os transplantes. O reconhecimento como um procedimento clínico foi publicado em janeiro de 1984. E no ano seguinte, sob a batuta do Silvano, estávamos realizando o primeiro transplante clínico com sucesso no Brasil e em toda a América Latina. E em que dia? Exatamente no dia 1º de setembro de 1985. E que dia era esse? Era o dia em que o Silvano completava 55 anos de idade! Não foi planejado não. Simplesmente o primeiro doador-cadáver depois de um longo mês de espera, aconteceu no dia do aniversário dele! Veja-se que a sorte também o favoreceu. Mas precisamos ser justos: ele sempre estava pronto quando a sorte passava. Será que era sorte mesmo?

O mesmo aconteceu por ocasião do primeiro transplante *intervivos* de fígado: foram muitos meses de treinamento em cadáveres. E de seleção de potenciais receptores. Foi uma atividade frenética, com um entusiasmo que garantia um sucesso inevitável, independente do resultado final: moldes da anatomia hepática, disseções, discussões de protocolos, exames de pacientes e de potenciais doadores, e assim vai. E o primeiro caso foi um insucesso! O paciente faleceu no sexto dia de pós-operatório, depois de uma sessão de hemodiálise para controlar uma insuficiência renal decorrente de uma transfusão incompatível. Vamos enfrentar essa derrota, dizia o Silvano! Enfim, em julho de 1989 realizamos a segunda tentativa, com o mesmo entusiasmo, no que viria a ser considerado o primeiro transplante *intervivos* do mundo.

A partir daí, a casuística foi aumentando, o método foi sendo aperfeiçoado, e os resultados foram, progressivamente, melhorando de forma que hoje, vinte anos após aquele resultado pioneiro, o transplante hepático é uma realidade na Medicina brasileira, beneficiando pacientes de todo o País e, mesmo, da América Latina. Essa conquista, sem dúvida, se deve à persistência, à força e à obstinação do Silvano. Foi ele quem plantou essa semente que se disseminou. Praticamente, todos os grupos que realizam o transplante no País passaram pela sua escola. Saúde a ele!

Prof. Dr. Orlando Castro e Silva Jr

Meu primeiro contato profissional com o professor Silvano Raia foi em fins de 1986, um ano depois dele e sua equipe terem feito, em São Paulo, o primeiro transplante clínico de fígado bem sucedido da América Latina. Fui conversar com ele, pois queria me especializar em hepatologia cirúrgica, e saí de sua sala engajado em sua equipe de transplante de fígado clínico e experimental. Hoje, quase 20 anos depois, esse fato ainda representa para mim um marco... a expressão máxima de confiança, de atitude, e decisão rápidas, própria dos grandes líderes. Outros exemplos se seguiram ao longo dos vários anos de convívio, como habilidade cirúrgica, versatilidade político-universitária e o "jeito fácil de resolver problemas" de qualquer natureza, próprios de um grande professor universitário. De inteligência invejável, conversar, pleitear, discutir com ele eram diligências que exigiam preparo emocional e intelectual de horas ou dias. Mesmo assim, com muitos argumentos, rigorosamente arquitetados, às vezes saía de sua sala, com a nítida impressão de que, simplesmente, não havia dito nada. Anos depois, em Ribeirão Preto, junto com uma grande equipe, montei o terceiro Grupo de transplante de fígado do interior do estado de São Paulo, e tornei-me professor Titular do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Grande parte do que fiz, em minha lide universitária, teve o Professor Silvano como paradigma do administrador, do professor e do líder, acima de tudo.

Thomaz de Figueiredo Mendes

10-08-1911 01-05-1996

Autores - *Cláudio Gusmão de Figueiredo Mendes e Norah Gusmão de Figueiredo Mendes*

Thomaz de Figueiredo Mendes, um dos mais destacados hepatologistas do Brasil, nasceu em Minas Gerais no dia 10 de agosto de 1911. Sua cidade natal se chamava, naquela época, Mutuca. Atualmente denominada Elói Mendes, a primeira "grande cidade" conhecida por Thomaz localiza-se no sul de Minas Gerais, próximo a Varginha, e ainda guarda as características das cidades mineiras do interior, tranqüilidade e religiosidade. Tudo gira em torno da grande Igreja matriz. Figueiredo Mendes não nasceu próximo ao centro do município e sim em uma fazenda, aliás, como era o hábito naquela época. A fazenda, denominada "Pedra Branca", ainda existe, porém com algumas modificações. Apesar das alterações, impostas pelo tempo, a sede da fazenda deixa transparecer, através do ranger das tábuas do seu assoalho, os primeiros anos do futuro médico. Banhos no rio Verde, a poucos metros da casa, leite fresco pela manhã e muita liberdade para crescer sonhando com algo mais. As primeiras letras foram ensinadas por seus pais, Adélia de Figueiredo Mendes e José Benedicto Mendes. Brincava e estudava na própria fazenda, que, além da criação de gado, possuía plantação de café.

Quando ainda aprendia os primeiros passos, sua família mudou-se para a cidade de Fama, conhecida inicialmente pelo nome de "Vila da Fome". O nome inicial do lugarejo foi cunhado por viajantes que, assim dizem, tiveram grande dificuldade para encontrar algo para saciar sua fome durante uma longa jornada, fato que os motivou a escrever em um muro a queixa que daria nome a futura cidade. A família permaneceu em Fama por alguns anos. Durante este período nasceu sua única irmã, Maria da Conceição Mendes. Em Fama, começou a freqüentar a escola primária, não se afastando, porém, da fazenda, que visitava com regularidade.

Na década de 20, tornou-se necessária uma escola melhor, fato que justificou a mudança do adolescente Figueiredo Mendes e alguns primos para a cidade de São Paulo. No Colégio do Sagrado Coração de Jesus da Ordem dos Salesianos, na capital paulista, Thomaz cresceu física e culturalmente. No período paulista de sua vida, estudou muito e, orientado pelos padres Salesianos, começou a se interessar pela medicina. Como São Paulo era muito mais distante que hoje, tendo em vista as condições das estradas, as visitas à família se restringiam aos finais de semana, quando, então, colocava em dia a prosa com seus pais Adélia e José Benedicto.

Mais alguns anos se passaram e, dessa vez, toda a família se mudou novamente. Foram para Lorena e Guaratinguetá, no estado de São Paulo. O Colégio São Joaquim, também Salesiano, foi o escolhido para a continuação dos estudos do jovem Thomaz. Na época já estava decidido a seguir sua vocação, a medicina. Optou, então, pelo vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se localizava na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro.

Após aprovação no concurso e início dos estudos médicos, em 1931, o então universitário Figueiredo Mendes passou a trabalhar como redator no Diário Carioca. Nos anos seguintes, além de ganhar conhecimentos médicos, desenvolveu sua capacidade literária, tornando-se grande amante dos livros. Tal fato marcaria sua vida futura, ao despertar sua ainda desconhecida capacidade para elaboração de textos, principalmente médicos.

Depois de longos anos de estudos intensos, Thomaz trouxe sua família para o Rio de Janeiro, tornando, mais fortes ainda, seus vínculos com a cidade que escolheu para desenvolver suas atividades médicas.

Durante o período universitário, conviveu e aprendeu muito com o Professor Waldemar Berardinelli, homem de extraordinária capacidade intelectual e grande formação ética. Aproximadamente 15 anos após o término dos estudos universitários, em 1950, tornou-se Chefe do Departamento de Gastroenterologia da 4ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Serviço do Professor Berardinelli, onde permaneceu até

1955 .

Objetivando a ampliação dos conhecimentos adquiridos até aquele momento, Figueiredo Mendes viajou para os Estados Unidos, onde participou do programa de aperfeiçoamento profissional do *Institute of Inter-American Affairs* e do Curso de Gastroenterologia da Universidade da Pensilvânia, tendo a oportunidade de conhecer Henry Bockus, o qual exerceu grande influência sobre sua vida profissional e pessoal. Bockus era um homem extremamente inteligente, de grande preparo e de extraordinária formação moral. estava no auge de sua carreira e gozava de grande fama no meio médico. Era um professor dedicado e de grande influência sobre seus alunos, que conhecia em detalhes, mesmo sendo de diferentes origens. Ficava orgulhoso do grupo de alunos que tinha e era grande amigo de todos. Durante o Congresso Mundial de Gastroenterologia de 1958 em Washington, Figueiredo Mendes fundou a Associação de ex-alunos de Bockus, cujo nome, "Bockus International Society", mantém, até nossos dias, vivos, em seus seguidores, os ensinamentos do mestre.

Após seu retorno ao Brasil, retomou suas atividades habituais sem nunca deixar de comparecer aos mais importantes encontros nacionais e internacionais na área da hepatologia.

Em 1956 foi nomeado Chefe de Clínica do Departamento de Gastroenterologia, cujo responsável era o Professor Carlos Cruz Lima. Em 1960, depois de concurso, alcançou a Docência Livre de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. No mesmo ano tornou-se professor adjunto da mesma disciplina.

No final da década de 60, em 1967, congregando amigos da mesma área de atuação, Figueiredo Mendes fundou a Sociedade Brasileira de Hepatologia, órgão máximo da hepatologia no Brasil, e que atua, de maneira cada vez mais firme, na defesa dos interesses da especialidade e na divulgação de novos conhecimentos sobre as doenças do fígado.

Trabalhou com o Professor Cruz Lima, na 7ª enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa do Rio de Janeiro até 1974, quando fundou o primeiro Serviço de Hepatologia do Brasil, que passou a funcionar na 8ª enfermaria do mesmo hospital. No mesmo ano chegou ao posto de Titular de Gastroenterologia da Escola de Graduação Médica Carlos Chagas. Em 1978, coroando anos de intensos trabalhos dedicados a medicina, tornou-se membro titular da Academia Nacional de Medicina.

À frente do Serviço de Hepatologia da Santa Casa organizou diversos cursos, dos quais participavam nomes de grande destaque no cenário nacional e internacional da hepatologia. Os eventos, organizados anualmente no mesmo mês, transformaram maio no mês da hepatologia carioca. Estes cursos contribuíram imensamente para a difusão dos conhecimentos sobre hepatologia, função hoje desempenhada por profissionais, que foram assíduos freqüentadores das aulas, como professores ou alunos e se reúnem regularmente no Grupo de Fígado do Rio de Janeiro.

A opção de Figueiredo Mendes pela hepatologia foi marcada, inicialmente, pelo interesse pela esquistossomose mansônica, doença que marcava profundamente o Brasil de meados do século XX e ainda hoje se faz presente nas áreas mais pobres da nossa nação. Durante muitos anos divulgou o conhecimento brasileiro sobre a doença, possibilitando a troca de experiências com outras nações acometidas pelo mesmo problema e demonstrando a capacidade da hepatologia brasileira.

Atuou, também, como escritor de inúmeros livros médicos. A grande maioria sobre doenças do fígado. Foi o idealizador da primeira e ainda única revista brasileira de hepatologia, denominada "Moderna Hepatologia", que mantém nome e formato original até hoje. Seus artigos permitem que médicos de diferentes regiões do Brasil se atualizem, através de artigos elaborados por hepatologistas brasileiros de renome.

Na Santa Casa, como Chefe da 8ª enfermaria por mais de 20 anos, demonstrou sua capacidade de liderança ao criar e manter por anos uma equipe médica trabalhando em torno das doenças hepáticas. Foi Professor, além da Universidade Federal do Rio de Janeiro, das faculdades de Medicina da Universidade Gama Filho e da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques. Formou inúmeros médicos, que hoje multiplicam os conhecimentos adquiridos pelos mais diferentes hospitais, muitos dos quais abraçaram a especialidade e continuam ligados ao ideal de Figueiredo Mendes através da Sociedade Brasileira de Hepatologia. O Serviço de Hepatologia continua atuante, mantendo os princípios do grande mestre que ainda hoje se faz presente em nossas atividades profissionais.

No âmbito familiar, como dito inicialmente, após migrar para o Rio de Janeiro, por força da profissão, trabalhou por longos anos até encontrar sua esposa. Em 1963, já com mais de 50 anos de idade, casou-se com Norah Gusmão de Figueiredo Mendes. Nos anos que se seguiram ao matrimônio, teve 4 filhos, Flávio, Analista de Sistemas, Cláudio, Médico Hepatologista, Márcio, Advogado e Marcelo, Economista. Não chegou a conhecer os netos, que já são 4, Fernanda e Rodrigo (filhos de Flávio e Danielle Lima de Figueiredo Mendes), João Pedro (filho de Marcelo e Flávia Turano de Figueiredo Mendes) e Thomaz (filho de Márcio e Viviane Martins de Figueiredo Mendes). Teria sido um avô carinhoso e dedicado, com certeza.

Ao falecer em 1º de maio de 1996, Thomaz de Figueiredo Mendes deixou um grande legado, saibamos aproveitá-lo.

Waldomiro Dantas

autora : Esther Dantas (filha)

03-11-1933 23-12-2003

Waldomiro Dantas nasceu em uma fazenda em Jundiá, então município de Inadaíassú, hoje Cassimiro de Abreu, Rio de Janeiro, em 3 de novembro de 1932. Foi registrado apenas em fevereiro de 1933.

Filho de Elesbão Fernandes Dantas e de sua segunda esposa Marina Mendonça Dantas, perdeu a mãe aos 3 anos. Foi criado por irmãs do primeiro casamento, o que fez com que logo procurasse a independência.

O empobrecimento rural trouxe a família para Macaé e, depois, Niterói.

Formação Médica

Em 1953, ingressou na Faculdade Fluminense de Medicina. Para sustentar os estudos, exerceu várias profissões, entre elas, a de repórter e de escriturário.

Colou grau em medicina, em 27 de dezembro de 1958, sendo aceito como estagiário do Hospital de Ipanema. Seu então preceptor, Estanislau Kaplan, falava sobre ele: *"Tenho muito orgulho de ter contribuído para a formação profissional de Waldomiro Dantas. Logo de início eram evidentes a sua assiduidade, disciplina, seriedade, dedicação e profundo interesse pela medicina. Suas observações clínicas eram excelentes. Nosso convívio era mutuamente vantajoso, porque Waldomiro era aquele tipo de médico jovem que, com sua curiosidade e interesse estimulava o médico mais velho. Ele também possuía grande visão do conjunto da medicina interna, com interesse em vários temas próprios do internista como febre obscura entre outros."*

Anos depois, já em Santa Catarina, procurou no exterior o aperfeiçoamento, com estágios em Charlottesville e Richmond, na Virginia, e em Londres, no *Royal Free Hospital*, no serviço da *Dame Sheila Sherlock*.

Contribuição à Santa Catarina

Em 1959, chegou a Santa Catarina, como Primeiro Tenente do Corpo de Saúde da Marinha na Escola de Aprendizes em Marinheiros, nos arredores de Florianópolis. De residência inicialmente provisória, adotou Florianópolis e aqui fez sua clínica, recebendo reconhecimento dos pacientes, dos colegas, e do estado com o Título de *Cidadão Honorário*.

Em 1962, ingressou na então Faculdade de Medicina de Santa Catarina, inaugurada em 1960, e depois incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina, como Instrutor de Ensino Superior. Foi professor da primeira turma. Em 1966, foi promovido a Professor Assistente, e em 1980 foi nomeado, após concurso público, Professor Titular do Departamento de Clínica Médica. Em 1977, defendeu Tese de Livre Docência na UFSC (*Efeitos do Preparo para Restossigmoidoscopia sobre a Mucosa Retal*), recebendo o título de Doutor em Ciências. Além de Chefe do Departamento de Clínica Médica, liderou o movimento de criação do Mestrado em Medicina Interna, sendo seu coordenador nos difíceis anos de instalação, configurando importante contribuição ao desenvolvimento do ensino médico no estado.

Chefiou os Serviços de Gastroenterologia do Hospital de Caridade da Irmandade do Senhor dos Passos e do Hospital Universitário da UFSC .

Na Associação Catarinense de Medicina, atuou como primeiro secretário (1963-1965), delegado efetivo (1966-1991), presidente do Departamento de Clínica Médica (1975-1979) e da Comissão Científica (1979-1985), mas, foi como editor dos Arquivos Catarinenses de Medicina que prestou significativo serviço à cultura médica do estado, fazendo florescer a revista, primeiro veículo para a divulgação da produção local. Criou e presidiu a Sociedade Catarinense de Gastroenterologia.

Conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de Santa Catarina, de 1968 a 1978, assumiu a presidência daquele órgão, entre 1970 a 1973, quando da aquisição da sede

própria. Entre 1984 e 1989, foi o representante catarinense no Conselho Federal de Medicina, tendo participado da elaboração do Código de Ética Médica de 1988, ainda vigente. Fundou e foi o primeiro presidente da Academia Catarinense de Medicina, em 1996, contribuindo para o culto da iátrica e da história da medicina no estado.

Contribuição nacional

Participou assiduamente na programação científica de eventos de gastroenterologia e de hepatologia, regionais ou nacionais, com mais de 200 conferências.

Entre 1993 e 1995, foi presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia, levando à Florianópolis o Congresso Brasileiro. Naquele congresso foi lançada a primeira edição do *Compêndio de Hepatologia*, do qual foi editor, sucesso absoluto de vendas, reprisado com a segunda edição.

Entre 1998 e 2000, foi presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, e coordenou o Fundo de Aperfeiçoamento em Gastroenterologia.

Didata reconhecido, sua contribuição científica principal envolveu conferências e capítulos de livros, mais significativa que a produção de artigos originais, em virtude de dificuldades locais. Assim contribuiu com os principais textos nacionais da especialidade, com cerca de 39 capítulos, 8 editoriais, e 2 monografias, além de mais de 95 trabalhos originais, em periódicos nacionais, e 6 em periódicos estrangeiros.

Epílogo

Exemplo em técnica e ética, austero, fiel, dono de um silêncio loquaz, se permitia poucos luxos, incluindo viagens para o interior de Portugal e uma casa na beira da Lagoa da Conceição, na Ilha de Santa Catarina, onde estudava e escrevia nos finais de semana. Possuía apenas uma excentricidade: não comer arroz.

Trabalhou, como sempre, até setembro de 2003, quando complicações agudas de uma doença crônica provocaram seu falecimento, em 23 de dezembro de 2003, aos 70 anos.

Ficaram sua esposa Fortunata, seus quatro filhos Marina, Luiz Fernando, Esther e Marcelo e seus quatro muito estimados netos Lucas, Marcela, Catarina e Luna.

DEPOIMENTO DE CARLOS SANDOVAL GONÇALVES

Depoimento de Carlos Sandoval Gonçalves, feito em 23 de abril de 2004, no mesmo dia em que ocorria o velório de Luiz Carlos da Costa Gayotto, compadre e grande companheiro de Waldomiro Dantas. O depoimento foi lido, como uma justa Homenagem ao ex-Presidente da FBG, durante reunião das diversas unidades federadas das Sociedades Regionais de Gastroenterologia, promovida pela Federação Brasileira de Gastroenterologia, em São Paulo. Conheci Waldomiro Dantas em Recife, em julho de 1969, durante um Congresso Brasileiro de Gastroenterologia, exatamente no dia em que o homem pisou pela primeira vez na Lua. A partir de então, e por mais de três décadas, ficamos unidos por fraterna amizade. Mais que isso: nossas famílias também ficaram amigas; por duas vezes, Waldomiro e Nata foram a Cachoeiro de Itapemirim, minha terra natal, conhecer e visitar meus pais. Ao longo de todos esses anos, além de encontros freqüentes em Congressos, estivemos inúmeras vezes juntos, em Florianópolis e em Vitória. Na última visita à Vitória, numa Jornada em agosto de 2002, Waldomiro recebeu o título de Sócio Honorário de nossa Sociedade de Gastroenterologia, e ele se sentiu honrado quando, na verdade, honrados ficamos nós, gastroenterologistas do Espírito Santo, em tê-lo com membro.

Waldomiro Dantas teve uma exemplar carreira de médico e de professor, e foi um dos mais completos especialistas do país, dominando igualmente muito bem a gastroenterologia e a hepatologia. Não foi por acaso que presidiu a Sociedade Brasileira de Hepatologia e, depois, a Federação Brasileira de Gastroenterologia, repetindo o que fizera Figueiredo Mendes, Pereira Lima, Renato Dani, Luiz Lyra, e o que faria depois Heitor Rosa. Jorge Pereira Lima, figura de brilhantismo invulgar, faleceu antes de seu grande amigo Waldomiro, em abril de 2003. 2003, triste ano para a Gastroenterologia, para a Hepatologia, para a Medicina brasileira! Waldomiro Dantas enfrentou uma longa doença com coragem e dignidade, mas com resignação e esperança. Durante um período de descompensação, em 2001, me dizia, ao fim de uma carta: "afinal, tenho que agradecer a Deus pelos 9 anos de ausência de manifestações clínicas, e tenho que procurar forças para enfrentar o futuro". Mas, poucas semanas depois, já melhor, me escrevia de novo, pedindo que desconsiderasse o pessimismo anterior, e já marcando um encontro para o próximo Curso em Barcelona – onde estivemos juntos, no Curso e num jantar memorável no 7 Puertas.

Durante a sua doença e durante a sua vida, Waldomiro teve o apoio dedicado de sua família,

de seus filhos e de sua mulher. Ele não seria o homem que foi, não teria feito o que fez, não fosse a presença constante e serena de Fortunata, admirável figura de mulher e companheira. E de seus filhos Marina, Luiz Fernando, Esther e Marcelo.

A mim, a lembrança que fica é a do amigo Waldomiro dos tempos difíceis, e também das horas felizes, como naquela tarde em sua casa da lagoa, última vez que lá estive, Waldomiro ainda bem, um bom vinho e uma conversasolta, descontraída, alegre, sem lembrar de problemas e doenças. O exemplo e a lembrança de Waldomiro Dantas persistirão, pois já se disse que o homem não se suprime quando morre, ele se confunde, ele não se perde, re-encontra-se, e a morte se torna uma troca suprema, último dom de uma vida cumprida a uma vida que se continua". Busco em *Terre des Hommes*, palavras de Saint Exupéry sobre Guillomet, que bem servem a Waldomiro: *um destes seres amplos, que aceitam o destino de cobrir largos horizontes com suas folhagens... Porque ser homem é precisamente ser responsável, é sentir que colocando uma pedra estamos ajudando a construir o mundo.*

Waldomiro colocou sua pedra, cumpriu sua tarefa, ajudou a construir o mundo. E esse sentimento de dever cumprido é, exatamente, o que dá à nossa vida e à nossa morte toda significação que as enobrecem.

ZILTON ARAÚJO ANDRADE

14/05/1924

autores: Raymundo Paraná, Helma Pinchemel Cotrim, Luiz Antônio R. de Freitas.

O Prof. Zilton Andrade nasceu em 14/05/1924 na cidade de Santo Antônio de Jesus. Seu pai, funcionário público estadual, oferecia-lhe uma vida digna, mas modesta. Na infância mostrou interesse pela leitura, e a preferia em lugar dos folguedos. Sua professora, Áurea Bittencourt, percebeu desde cedo a sua esperteza e a sua inteligência acima da média.

Ao terminar o curso primário, a Profa. Áurea procurou o Sr. Flávio, pai do Prof. Zilton e insistiu para que ele viesse estudar em Salvador, pois segundo ela, permanecer numa cidade pequena era considerado um desperdício diante da inteligência do Prof. Zilton. Como educadora, a Prof.a Áurea previa o futuro brilhante desse aluno.

O Prof. Zilton Andrade veio para Salvador para o tradicional Colégio Ipiranga no centro da cidade. Posteriormente cursou o antigo curso científico no Colégio da Bahia, a mais tradicional e eficiente instituição pública de ensino médio na época. A sua inclinação pela leitura nunca sofreu solução de continuidade. Desde cedo, mostrou interesse pelas ciências biológicas e dedicou parte da sua ávida leitura a biografia de grandes cientistas. Entusiasmou-se com a leitura do livro "Caçadores de Micróbio" de Paul de Cruiff que conta as façanhas dos cientistas na identificação de agentes biológicos de doenças humanas. O conteúdo das suas leituras já denunciava o pesquisador emergente.

Ao entrar na Faculdade de Medicina deparou-se com uma escola tradicional, contudo muito teórica, quase sem atividades práticas de pesquisa.

Naquela época, seguindo o modelo do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, Dr. Otávio Mangabeira Filho criou em Salvador o Instituto de Saúde Pública, posteriormente chamado de Fundação Gonçalo Muniz. Neste momento, o Prof. Zilton Andrade via uma oportunidade de ter um campo de prática naquela instituição ao fazer concurso para Técnico de Laboratório e assim obter o seu primeiro emprego. O emprego no instituto propiciou ao Prof. Zilton o convívio com importantes cientistas brasileiros. Em 1949 conheceu o grande Parasitologista Prof. Samuel Pessoa. Naquele momento, Prof. Zilton Andrade percebeu a importância do cientista na sociedade e reforçou a sua visão global de homem preconizando à ciência voltada para o benefício do povo e para os problemas sociais.

O Dr. Samuel Pessoa foi o seu primeiro preceptor na iniciação científica, quando estudaram juntos a ocorrência de filariose em Salvador e publicaram o primeiro trabalho. Trabalharam em Pedra Furada, uma remota região da Península Itapagipana.

O Prof. Samuel Pessoa deve ter sido tão importante na vida do Prof. Zilton quanto ele tem sido nas nossas vidas, pois além de nosso professor na graduação e na pós graduação, o Prof Zilton continua nosso orientador e consultor científico. Diante de um mestre nunca nos sentimos maduros e esta é a nossa posição de reverência ao Prof. Zilton Andrade até a atualidade.

Neste momento em diante o Prof. Zilton dedicou-se aos estudos das doenças que atingiam a faixa mais pobre na nossa população. Seu estudo independia das suas crenças religiosas ou ideológicas mais demonstrava sua forte preocupação pelo social e seu interesse por uma ciência democrática cujo retorno ao bem estar da população fosse o principal objetivo. Ainda na Fundação Gonçalo Muniz o Prof. Zilton Andrade encantou-se pela Anatomia Patológica.

Naquela época, o ensino de anatomia patológica na Faculdade de Medicina estava ainda baseado no campo teórico com poucas atividades práticas. Ainda estudante, o Prof. Zilton trabalhou com o Prof. Paulo Daccorso Filho, vindo do Rio de Janeiro e encantou-se ainda mais pela patologia. Quando o Prof. Daccorso retornou, Prof. Zilton Andrade ficou responsável pelo Laboratório de Patologia e logo começou a ter os seus primeiros alunos. Dentre os seus alunos mais destacados encontravam-se a Dra. Sônia Andrade que mais tarde tornou-se a sua esposa e companheira. Estavam também o Prof. Sérgio Santana, patologista, posteriormente se

tornou o seu parceiro no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas. Concluiu o curso médico em 1950, e foi através do Prof. Daccorso e do Prof. Mangabeira Filho que o Prof. Zilton Andrade resolveu fazer Residência em Anatomia Patológica na Universidade de Tulane em New Orleans nos Estados Unidos. Ao voltar à Bahia encontrou o Instituto de Saúde Pública em situação precária e com dissensões internas. Estes entraves não foram suficientes para barrar a trajetória brilhante do Prof. Zilton Andrade. Fiel ao seu ideal, trabalhou algum tempo no Hospital das Clínicas em conjunto com Profs. Clarival Valadres, Jorge Studart, Silvano Filho e Sérgio Santana. Neste período, foi estruturado o Serviço de Anatomia Patológica da Universidade Federal da Bahia que posteriormente se tornou um Centro de Referência brasileiro em Patologia Humana.

Em 1956, mudou-se para a Universidade de Ribeirão Preto. Lá, quase a Bahia o perdeu para sempre. Foi em São Paulo que defendeu a sua tese de doutorado e a convite do Prof. Edgar Santos voltou a Bahia para outra vez ocupar a Patologia do Hospital das Clínicas. Como Professor de instituição pública mereceu o reconhecimento de todos como um homem dedicado ao serviço público, cumpridor dos deveres e comprometido com a melhoria da instituição. Sempre trabalhou em regime de dedicação exclusiva a universidade e à ciência.

Em 1958 iniciou o seu programa de residência médica na Bahia e neste momento o serviço de anatomia patológica do Hospital das Clínicas se destacou ao receber patologistas de diversas regiões do País. A existência de uma rotina na anatomia patológica, aliado a prática de necrópsias completas de quase 100% dos casos de óbitos, das sessões anátomo-clínicas e das sessões de óbito, trouxe o início de duas décadas de grande conhecimento da patologia brasileira.

O Programa de Residência Médica em Anatomia Patológica consolidou-se rapidamente e a Escola de Patologia da Bahia ganhou notoriedade nacional e internacional. Dentre os grandes méritos do Prof. Zilton Andrade está a capacidade de liderar a sua equipe competente e produtiva e introduzir o novo conceito da anatomia patológica na Bahia e no Brasil. Foi pelas mãos do Prof. Zilton Andrade que a patologia tornou-se uma especialidade dinâmica e interativa com as outras especialidades, principalmente com a Medicina Tropical e a Hepatologia. A patologia não mais se restringia ao porão das necrópsias ou a minúscula sala de microscopia e passou também a freqüentar as enfermarias do Hospital Universitário.

Surgia então o patologista moderno, aquele que raciocinava em conjunto com a Clínica e que interpretava os achados anátomo-patológicos à luz da patogeneses das doenças. Este aspecto fomentou o crescimento científico pelo interesse na descoberta de novos mecanismos patogênicos das doenças mais comuns que atingiam a população pobre no nosso Estado. Daí em diante, a patologia baiana floresceu com liderança para todo o País.

O resultado disso é que a imensa maioria dos patologistas que hoje trabalham em instituições públicas e privadas do Estado e muitos fora do Estado da Bahia foram alunos do Prof. Zilton Andrade ou alunos dos seus alunos.

No período de 1960 a 1961 o Prof. Zilton Andrade foi para Nova York, Serviço de Anatomia Patológica do Mount Sinai Hospital para um pós-doutorado com o Dr. Hans Popper. Todos os hepatologistas tem conhecimento que o Prof. Popper foi uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento da patologia hepática no mundo.

Ao retornar de Nova York, o Prof. Zilton Andrade estava ainda mais capacitado na interpretação das biópsias hepáticas, fato que se tornou fundamental para o desenvolvimento da hepatologia baiana, hoje consolidada com grande contribuição na literatura médica brasileira e mundial.

Como orientador nato, o Prof. Zilton Andrade sempre incentivou a pós-graduação e a publicação dos diversos artigos do nosso grupo. Até hoje, temos a nossa sessão anátomo-clínica de fígado às quartas-feiras no Auditório da Fundação Oswaldo Cruz de Salvador onde ainda podemos desfrutar o prazer do aprendizado da patologia hepática com o Prof. Zilton Andrade. Temos ainda o prazer de observar o seu Laboratório de Patologia Experimental repleto de estudantes de graduação e pós-graduação todos satisfeitos pela continuada dedicação do Prof. Zilton aos seus discípulos.

Em 1959 o Prof. Zilton Andrade tornou-se Livre Docente. Desde já se mostrava defensor do trinômio ensino, pesquisa e extensão. Em 1974 prestou concurso para Prof. Titular de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da UFBA. Desde então, estruturou um curso que há mais de 30 anos é considerado pelos estudantes de Medicina como curso mais bem estruturado da grade curricular.

Desde cedo, o Prof. Zilton Andrade já previa o que hoje as escolas médicas estão descobrindo. O aluno deve ser participativo no processo de aprendizado. Isto se resume

no aprender o que se precisa para a sua prática. Esta tarefa tornava-se fácil nas mãos do Prof. Zilton Andrade cuja capacidade de transformar o complexo no simples, de transmitir os conceitos com clareza era reconhecido por todos.

Movido por uma verdadeira saga científica, o Prof. Zilton Andrade iniciou uma carreira de grandes publicações nacionais e internacionais. A época em que esteve à frente no Serviço de Anatomia Patológica, explorou de forma competente o material que lhe chegava às mãos. Dele resultou um grande volume de publicações relacionados à patologia de Esquistossomose, Doença de Chagas, Leishmaniose Humana e Hepatites Virais.

Naquela época os dados da literatura nesses assuntos eram carentes. Esse aspecto incentivou o Prof. Zilton Andrade na procura de novas respostas mesmo quando o assunto parecia esgotado.

Foi através do Prof. Zilton Andrade que foram introduzidas em nosso meio várias técnicas especiais de coloração histopatológicas, a imunofluorescência, a histoquímica e a microscopia eletrônica. Suas contribuições na patologia da esquistossomose são excepcionais. Seus estudos sobre Doença de Chagas permitiram a compreensão das arritmias cardíacas nesta doença. Suas contribuições na patologia hepática permitiram o desenvolvimento de uma clínica forte na área de hepatologia na Bahia, principalmente no campo das Hepatites Virais.

O Prof. Zilton Andrade publicou em várias outras áreas. As primeiras referências sobre Pneumonite no Calazar surgiram a partir do seu trabalho. Foi através do Prof. Zilton Andrade que já chamou a atenção a respeito das lesões cutâneas da Leishmaniose serem resultado de mecanismo de hipersensibilidade do Hospedeiro.

O estudo da patologia humana levou ao Prof. Zilton a iniciar incursões de modelos experimentais de doenças humanas. Hoje continua perseguindo a compreensão dos mecanismos patogênicos da Doença de Chagas, da Esquistossomose e da Fibrose do Fígado em modelos experimentais no seu produtivo Laboratório de Pesquisa no Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz da Fundação Oswaldo Cruz.

Como cidadão dedicado ao seu povo, no auge da sua carreira, o Prof. Zilton Andrade nunca se afastou dos seus conceitos sobre a sociedade brasileira. **Apesar do conhecimento crescente sobre a patogênese das nossas grandes endemias, defendia ele que a solução para os problemas tropicais, mormente das infecções parasitárias seria uma sociedade mais justa e as oportunidades iguais para todos os homens, fato que se reverteria da melhoria das condições de vida da população brasileira.**

Além das suas 250 publicações de artigos em revistas científicas, escreveu 32 capítulos de livro, editou um livro, orientou muitas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Ao longo da sua vida foi chefe do Serviço de Anatomia Patológica do HUPES, do Departamento de Anatomia Patológica de Medicina Legal da UFBA, Diretor do CPqGM da Fiocruz e Chefe atual do Laboratório de Patologia Experimental no Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz, FIOCRUZ-BA.

O Prof. Zilton Andrade foi consultor da OMS fazendo parte de Comitês **Experto** da CAPES e do CNPq. Esses dois últimos ele mantém até os dias atuais.

O Prof. Zilton foi Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia, Sociedade Brasileira de Hepatologia, Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e da Sociedade Latinoamericana de Patologia. Foi Conselheiro do CREMEB e é Membro da Academia de Medicina da Bahia.

Nosso Professor foi agraciado com vários prêmios de honrarias destacando-se o prêmio Alfred Jurzykowski da Academia Nacional de Medicina, prêmio nacional de Ciência e Tecnologia do CNPq, ordem do mérito científico pela Presidência da República e muitos outros.

Nos anos repressivos da ditadura militar, Prof. Zilton sempre se mostrou ao lado dos movimentos estudantis, do médico e da sociedade organizada nas lutas pelas liberdades democráticas e por uma sociedade mais justa. Foi aí também o espelho para os seus discípulos.

Juntamente com a Dr.a Sônia Andrade, **sua** companheira por mais de 20 anos, liderou o Curso de Pós-graduação e Patologia na Universidade Federal da Bahia. O objetivo do curso foi formar professores-pesquisadores e pesquisadores líderes. Não havia doutorado e as dissertações de Mestrado foram trabalhos de pesquisa original que hoje seriam facilmente reconhecidas como tese de doutorado.

O curso de patologia da Bahia alcança hoje dimensão nacional graças ao trabalho do Prof. Zilton e da Prof.a Sônia Andrade. Para cá vieram patologistas de vários Estados do Brasil. Os resultados desse curso da avaliação atual são altamente favoráveis. Patologistas formados na Bahia são hoje professores em várias escolas médicas do Norte e do Sul do País. Muitos são pesquisadores ilustres de Instituto de Pesquisa como a Fiocruz do Rio de Janeiro. Na Bahia, as cadeiras de patologias das duas escolas médicas mais tradicionais tem como Professores

Titulares seus ex-alunos : Prof. Manoel Barral Neto da UFBA e Mitermayer Galvão dos Reis e Bernardo Galvão da Escola Bahiana de Medicina.

As sementes plantadas do Prof. Zilton Andrade floresceram, deram frutos, garantiram a continuidade do mestre através de cada um dos seus discípulos e dos discípulos de seus discípulos. Todos nós temos um pouco do Prof. Zilton Andrade nas nossas veias. O Prof. Zilton se imortalizou através dos seus alunos e discípulos.

Em 1984, o Prof. Zilton Andrade, ao aposentar-se da UFBA, assumiu a Direção no Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz na Fiocruz. Neste momento, firmou convênio com a Universidade Federal da Bahia que possibilitou a transferência o curso de patologia humana da UFBA para o Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz, fato que incentivou ainda mais o desenvolvimento científico da Bahia.

O Centro Gonçalo Muniz cresceu muito e se tornou o marco referencial na formação de pesquisadores no País. O curso foi considerado de elevado conceito pela Capes e possibilitou que muitos de seus alunos passassem por período de formação no Exterior intensificando cada vez mais intercâmbios científicos.

Aposentado da UFBA e do CPqGM por força da Lei que obriga aposentadoria compulsória de 70 anos, o Prof. Zilton Andrade continua pesquisando, ensinando e publicando. Para todos nós, seus alunos e discípulos, é motivo de orgulho vê-lo, acompanhado da Prof.a Sônia Andrade, chegar todos os dias às 08:00hs da manhã e só partir às 18:00 hs. Mantêm-se atualizado, participa das decisões importantes dando suas opiniões centradas e equilibradas e lidera o nosso grupo de estudo em doenças do fígado recentemente reconhecido como grupo de excelência no Brasil, através do financiamento PRONEX, do CNPq e da FAPESB.

Na liderança deste grupo o Prof. Zilton Andrade continua nos ensinando, nos estimulando a produzir cientificamente. O resultado disso são as diversas publicações na literatura médica internacional que faz o nosso grupo um dos mais produtivos no País na área de Hepatologia.

Percebemos aí a perspicácia da inclinação científica do Prof. Zilton Andrade. Sempre aberto, passou a conhecer os novos conceitos da patologia hepática principalmente adquiridos nos últimos anos no campo das hepatites virais. Mostrou-se aberto para melhor compreender a nova doença Esteato-Hepatite Não Alcoólica e hoje nos ajuda a interpretar os nossos achados anátomo-patológicos nesta importante endemia.

Por tudo isso nós, seus discípulos, consideramos Prof. Zilton uma figura humana particular, um exemplo que norteou as nossas vidas científicas. É um homem gentil, polido, atencioso e nem por isso deixa de ser austero. Além disso, tem uma cultura humanística formidável e é apaixonado por história e por assuntos variados desde política até as artes.

Trata-se também de um homem dedicado a sua família e a sua companheira de longa data, Prof.a Sônia Andrade. Sua relação com a Prof.a Sônia se torna também modelo para todos nós chefes de família.

O Prof. Zilton jamais interferiu na carreira da Prof.a Sônia que, além de exemplar esposa e mãe, é Professora e Pesquisadora produtiva com grande contribuição a compreensão da patologia das doenças tropicais, principalmente das Doenças de Chagas.

O Prof. Zilton Andrade e a Prof.a Sônia Andrade tiveram 6 filhos. A vida lhes reservou adversidades e grandes sofrimentos, mas também lhes trouxe grandes alegrias que ajudaram a manter a altivez e a continuidade da perseguição de um ideal que formaram juntos.

Somos seus discípulos e mais do que isso seus admiradores e até hoje podemos dizer que somos os seus eternos orientandos.

Exemplos como do Prof. Zilton Andrade infelizmente são raros no Brasil. Por isso nos sentimos honrados em desfrutar do privilégio do convívio com o nosso mestre amigo. Nesta oportunidade, agradecemos a Sociedade Brasileira de Hepatologia pelo justo espaço dedicado a homenagem deste grande Professor e Pesquisador brasileiro.